



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza

Instituto de Geociências

Departamento de Geografia

Programa de Pós-Graduação em Geografia



Rio de Janeiro

2014

CINEMAS NO RIO DE JANEIRO: TRAJETÓRIA E RECORTE ESPACIAL

RAQUEL GOMES DE SOUSA

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Aprovada por:

Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa – Orientador

Prof. Dr. William Ribeiro da Silva (PPGG/UFRJ)

Dr^a. Elizabeth Dezouart Cardoso

Rio de Janeiro
2014

CIP - Catalogação na Publicação

S725c Sousa, Raquel Gomes de
 Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte
 espacial / Raquel Gomes de Sousa. -- Rio de
 Janeiro, 2014.
 165 f.

 Orientador: Roberto Lobato Corrêa.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal
 do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências,
 Departamento de Geografia, Programa de Pós
 Graduação em Geografia, 2014.

 1. Cinemas. 2. Rio de Janeiro. 3. Cinelândia.
 4. Século XX. I. Corrêa, Roberto Lobato, orient.
 II. Título.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Hugo e Rizete, que sempre me apoiaram e apoiam em minhas escolhas profissionais. Reconheço que sem eles tudo seria muito, mas muito mais difícil.

Agradeço a Rafael Costa pela compreensão, companheirismo e pelo apoio técnico na elaboração dos esquemas gráficos e demais atividades informacionais. Todos os créditos da arte da capa a ele, muito obrigada.

Agradeço ao amigo, professor e orientador Roberto Lobato pelas orientações geográficas, bibliográficas, textuais, ortográficas e cotidianas. Registro aqui minha profunda admiração pelo seu trabalho e honra de estar ao seu lado como aluna e orientanda.

Agradeço aos professores Rafael Winter e Rafael de Luna Freire por participarem da minha banca no exame de qualificação. Agradeço também ao amigo Diogo Cabral e à minha irmã, Silvia Gomes, que na ocasião leram o meu exame de qualificação.

Agradeço especialmente ao amigo da turma de graduação 2006.1, Felipe Machado, companheiro saudosista de muitos cinemas extintos na cidade e por ter sido meu guia pelos bairros de Irajá e Vaz Lobo.

Agradeço aos familiares Cris, Vitor, Lucas, Isa, Cleu, Nati, Felipe, Serginho, Camila, mais uma vez minha irmã Silvia e ao Rafael pelas farras nos momentos de folga, muitas delas nos cinemas da cidade.

Agradeço também aos demais amigos, familiares e atuais avaliadores, William Ribeiro e Elizabeth Dezouart Cardoso, que de alguma forma se interessaram pela minha dissertação.

Agradeço remotamente à Alice Gonzaga, minha principal referência quando o assunto são os cinemas no Rio de Janeiro, por sua dedicação ao assunto que tanto contribui para a discussão.

Aos funcionários da secretaria e biblioteca do PPGG/UFRJ pelo solícito serviço prestado.

Finalmente agradeço à Capes pela bolsa de estudos sem a qual não poderia ter me dedicado integralmente a essa dissertação.

“[...] porque só a justa medida do tempo dá
a justa natureza das coisas[...]

Raduan Nassar

Resumo

Este trabalho aborda a distribuição espacial dos estabelecimentos cinematográficos na cidade do Rio de Janeiro durante o século XX, que associado aos processos espaciais de centralização e descentralização, contribui para o estudo do espaço urbano carioca. O papel dos estabelecimentos cinematográficos é analisado segundo três recortes temporais: 1905-1934, 1935-1984 e 1985-1994. O primeiro momento corresponde ao período de centralização dos cinemas na área central da cidade, o segundo corresponde à descentralização dos cinemas por bairros nobres e suburbanos e o último período refere-se à expansão dos shopping centers no Rio de Janeiro e a gradativa migração dos cinemas para esses grandes centros de compra. Por fim, analisa-se também a Cinelândia (Praça Floriano) que foi um grande polo de salas de cinema principalmente durante os anos de 1925-1974, chegando a acumular 13 salas em atividade nesse período.

Abstract

This essay examines the distribution of cinemas in Rio de Janeiro during the 20th Century with emphasis on the processes of centralization and decentralization. It aims to contribute to the study of Rio de Janeiro's urban space. The role of the cinema establishment is analyzed over three periods: 1905-1934, 1935-1984 e 1985-1994. The first one is about the centralization of movie theaters in the central area of Rio de Janeiro, the second one was when cinemas were decentralized and moved to upscale neighborhood and suburbs and the last one is about the shopping center expansion in the city and a gradual migration of cinemas to this big center of shopping. Finally, this essay examines Cinelândia (Praça Floriano) which become an important cinema hotspot, particularly between 1925-1974, when there were 13 active cinemas.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
------------------------	-----------

Apresentação, objetivo, justificativas, problemática e questionamentos

Capítulo 1 – Referencial Teórico.....	11
--	-----------

1.1 A construção da pesquisa.....	11
-----------------------------------	----

1.2 Espaço e Tempo na pesquisa geográfica.....	17
--	----

1.3 A questão locacional das atividades terciárias na cidade.....	29
---	----

Capítulo 2 – Os procedimentos metodológicos.....	42
---	-----------

Capítulo 3 – Trajetória dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro (1905 - 1994).....	46
---	-----------

Capítulo 4 – Um recorte: Cinelândia (1925 - 1974).....	87
---	-----------

Considerações Finais.....	119
----------------------------------	------------

Referências Bibliográficas.....	123
--	------------

ANEXOS

Anexo A: Cinemas na Zona Sul

Anexo B: Cinemas no Centro

Anexo C: Cinemas na Zona Norte

Anexo D: Cinemas nos Bairros Suburbanos

Anexo E: Cinemas na Barra da Tijuca

Anexo F: Cinemas na Zona Oeste

Anexo G: Cinemas em funcionamento em 1998

Anexo H: Cinemas em funcionamento em 2014

Introdução

Os cinemas são objeto de pesquisa de um grupo multidisciplinar de pesquisadores, entre eles jornalistas, como é o caso dos trabalhos apresentados por Freire (2012a, 2012b, 2011) e Ferraz (2012), arquitetos, como Lima (2000) e Costa (1998), cientistas sociais, como Silva (2009) e Vieira (2009) e também geógrafos. No âmbito da Geografia Humana os cinemas podem ser analisados de duas formas distintas: como representação do espaço ou como parte integrante da organização do espaço. A primeira perspectiva fora investigada por, dentre outros autores, Azevedo (2009). A autora explica que os filmes podem ser lidos como representação do espaço, porque uma vez locados em determinada paisagem ou lugar eles estão carregados de significados geográficos. Essa investigação nos proporciona uma leitura crítica sobre aquilo que muitas vezes se considera como verdade, o filme e sua respectiva paisagem ou seu lugar como uma representação do real. Trabalhos como de Bluwol (2008) que buscou compreender o mundo urbano moderno a partir de alguns filmes específicos e Ramires (1994) que analisou a cidade São Paulo como cenário de ação são exemplos práticos dessa perspectiva de análise. A segunda perspectiva considera as salas de exibição como objetos constituintes do espaço geográfico, isto é, fixos do espaço urbano capazes de traduzir a dinâmica dos processos espaciais. Considera-se, neste estudo, a perspectiva dos cinemas como constituintes do espaço urbano, sendo parte integrante da estrutura espacial das atividades terciárias da metrópole carioca.

A diferença primordial entre as duas perspectivas é que a primeira analisa o conteúdo geográfico dos filmes sejam eles curta metragem, longa metragem, documentário ou animação, por exemplo. Já a segunda analisa as salas de exibição segundo um levantamento quantitativo, concentração por áreas específicas ou eixos de tráfego etc.

Os cinemas, bem como as atividades de comércio varejista e outros serviços, imprimem no espaço uma lógica de distribuição dotada de intencionalidades, seja pela proximidade com distribuidores, fornecedores ou pela aproximação com o mercado consumidor. No entanto, esse conjunto de vantagens locais pode variar no tempo e no espaço, fazendo com que a localização das atividades migre conforme for mais vantajoso para cada uma delas. Lembra-se a propósito que, de acordo com o sistema capitalista vigente, a localização mais desejada será aquela com melhor custo benefício, ou seja, com maior lucratividade para o empreendedor.

Inseridos nesse contexto, os cinemas se difundiram na cidade do Rio de Janeiro expressando-se heterogeneamente no espaço e no tempo. Diante disso, objetiva-se analisar sua distribuição pela cidade do Rio de Janeiro, durante o século XX, por dois principais

motivos que se interconectam. Primeiramente porque, diante da pesquisa bibliográfica realizada, verificou-se que a maioria dos trabalhos de cunho geográfico não considera as salas de cinema como parte constituinte do espaço, atendo-se aos filmes como apreensão do real. Segundo porque se busca uma análise diferenciada do histórico de ocupação do espaço carioca, ou seja, como a distribuição das salas de projeção podem indicar os processos espaciais pelos quais a cidade foi submetida.

Segundo Corrêa (2003a), um objeto construído é aquele identificado e problematizado. Uma vez que esse foi identificado anteriormente, julga-se necessário agora problematizá-lo. A problematização constitui o eixo dorsal a partir do qual um dado objeto de conhecimento é efetivamente transformado em tema de estudo, de modo que diferencia aquilo que é relevante daquilo que é secundário. Isto é, a problemática é seletiva, indicando que o que é relevante é resultado de certo olhar sobre determinado objeto. Nesse sentido, a problemática versa sobre a dinâmica locacional que resultou a configuração espacial atual dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro, tornando inteligíveis as ações humanas que levaram a essa organização espacial, especialmente na Cinelândia (área central do Rio de Janeiro). Tendo em vista a problemática acima apresentada, entende-se que a questão central do presente trabalho é: qual a lógica locacional dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro no século XX? Essa questão central pode ser subdividida em outras duas questões complementares entre si.

A. Qual a lógica espacial dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro entre 1905 e 1994?

A partir de 1896 instalavam-se, na área central da cidade, protótipos daquilo que hoje conhecemos como cinema. Eram pequenas salas, ou áreas ao ar livre, onde empresários, da época, instalavam um aparelho reprodutor de imagens sem cor, som ou movimento. Muitos desses aparelhos eram itinerantes e por isso apresentavam um curto período de exibição em cada uma das cidades (Gonzaga, 1996). A partir de 1905, verifica-se cada vez mais a instalação de salas fixas, principalmente com a inauguração da então Avenida Central, no centro do Rio de Janeiro. Daí em diante as salas crescem em quantidade e distribuem-se por diferentes áreas da cidade ao longo de todo século XX.

B. Qual a lógica espacial dos cinemas na Praça Floriano entre 1925 e 1974?

Em 1925, verifica-se efetivamente a inauguração do que conhecemos, hoje, por Praça Floriano ou Cinelândia, por conta da inauguração de três salas de cinema (Gonzaga, 1996),

Cinema Capitólio, Cine Teatro Glória e Cinema Império, que deram o tom para os anos que se seguiram, quando outras salas também foram inauguradas na praça e em suas imediações. Em 1926, inaugurou-se o Cinema Odeon, em 1928, o Pathé – Palace, em 1932, o Alhambra, em 1934, o Cine Teatro Rex, em 1935, o Cine Orly, em 1936, o Plaza e o Metro Passeio, em 1942, o Vitória e, finalmente, em 1959, o Cine Mesbla. Depois de 1974 mais nenhuma sala foi aberta e a partir de então a área deixou de ser tão atrativa cinematograficamente.

O texto que se segue será dividido em quatro capítulos. O primeiro refere-se à discussão bibliográfica, que por sua vez está repartido em outros três tópicos sobre a construção da pesquisa, o espaço e o tempo na pesquisa geográfica e a questão locacional das atividades terciárias no espaço urbano. No segundo capítulo, apresentar-se-á a metodologia, envolvendo uma discussão sobre o material empírico e as fontes, bem como seus procedimentos analíticos. O terceiro é referente à dinâmica geral dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro, na qual se buscará descrever quais foram os meandros espaço temporais que os cinemas seguiram para chegar à configuração atual. E o quarto é referente à Praça Floriano, no centro do Rio de Janeiro que fora selecionada como recorte espacial da presente dissertação para uma análise mais acurada. Posteriormente aos quatro capítulos apresentaremos as considerações finais, que têm como base três principais tópicos, uma sucinta apresentação do que já fora verificado ao longo do trabalho aqui apresentado, uma avaliação no que tange limites e problemas enfrentados e possíveis caminhos futuros em caso de aprofundamento sobre o assunto.

1. Referencial Teórico

1.1) A construção da pesquisa

O objetivo deste subcapítulo é desconstruir a ideia do empiricismo ontológico frente à ideia do construcionismo epistemológico. Esta discussão se torna necessária, porque existe, nas ciências sociais, inclusive na Geografia, uma discussão na qual o objeto de conhecimento está dado (empiricismo ontológico) de um lado e de outro este objeto de conhecimento é construído (construcionismo epistemológico). Isto é um divisor de águas no qual os questionamentos, as problemáticas, os indicadores e os procedimentos analíticos tornam-se completamente diferentes. Neste estudo, adota-se o construcionismo epistemológico, que parte da premissa que trabalhamos com o objeto construído. A parte que se segue pretende aprofundar esse assunto. Mary Jane Spink (2004), que trabalha na área da psicologia social e Stuart Hall (1997), formado em letras com contribuições acerca de estudos culturais, como a criação de significados colaboram para esta discussão.

O livro que reproduz uma parcela de assuntos abordados no curso “Construcionismo Social: Abordagens Teóricas e Metodológicas” de Spink (2004) busca servir de apoio ao pesquisador na sua trajetória de construção do conhecimento. A autora resgata a discussão sobre a construção do conhecimento partindo-se do princípio que não é possível compreender a perspectiva construcionista sem antes entender a ciência reflexiva.

Spink (2004) usa a terminologia Modernidade Tardia, para o que Beck, seu autor de referência, intitula Modernidade Reflexiva, e que, segundo a autora, outros poderiam ainda utilizar a nomenclatura Pós-Modernidade. Pelo fato do tema deste tópico ater-se ao construcionismo epistemológico e não à Modernidade Tardia ou Reflexiva, a questão mais importante acerca da discussão para o presente trabalho é que tal modernidade gera, segundo Beck (*apud* Spink, 2004, p. 14), dois tipos de desmistificações. A primeira delas é a desmistificação da ciência que implica em dois movimentos paralelos: o questionamento das bases do conhecimento no plano da epistemologia, que se dá dentro da própria ciência, e o questionamento dos produtos da ciência, que se dá também fora desta. A segunda desmistificação gerada refere-se aos modos de ser na sociedade.

A Modernidade Tardia ou Reflexiva possui três características importantes para o pensamento construcionista conforme Beck (*apud* Spink, 2004, p.15). A primeira é a globalização, que buscando ir além de sua relação estreita com o capitalismo tardio, a autora

propõe seguir a definição de Giddens: “globalização sendo a intersecção da ausência e presença ou o entrelaçamento de relações sociais e eventos sociais que estão distantes dos contextos locais” (Spink, 2004, p. 15). A autora exemplifica o assunto escrevendo sobre as possibilidades de comunicação em tempo real por meio da Internet, fazendo com que haja mudança nas formas como as pessoas se relacionam. A segunda característica é a individualização imbricada aos processos de destradicionalização das principais instituições da modernidade clássica: família, trabalho e educação. A terceira característica é a reflexividade: possibilidade e necessidade de se revisar conceitos, procedimentos etc. Esta é a ponte para tecer sobre o construcionismo. A reflexividade tem dupla face: de um lado é uma atitude intrínseca à própria ciência autocentrada que começa a desconstruir certas hegemonias, do outro é uma atitude exterior à ciência, a partir da crítica de seus produtos. Abre-se espaço para debates como: É possível falar em método único para todas as ciências? Existe dicotomia entre ciências sociais e naturais? Ou, ainda, emerge a preocupação com a ética nos procedimentos de pesquisa, não só internos à ciência, mas também na fronteira entre ciência e sociedade civil.

Dado as informações precedentes, questiona-se: afinal o que é o modo construcionista? Spink (2004) faz uso de diversos autores para discutir o assunto. Gergen (*apud* Spink, 2004, p.20) refere-se à investigação construcionista como a preocupação com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem. Tal investigação implica em “abdicar da visão representacionista de conhecimento que toma a mente como espelho do mundo” (Spink, 2004, p. 20) e em adotar a perspectiva de que o conhecimento é algo que as pessoas constroem juntas por meio de suas práticas sociais.

Ibáñez (*apud* Spink, 2004, p. 21) destaca que para adotar uma perspectiva construcionista plena é necessário considerar duas desconstruções, sendo a primeira delas a dicotomia entre sujeito-objeto. “Sendo o conhecimento uma construção social, é o conhecimento socialmente produzido que constrói ambos, o sujeito e o objeto” (Spink, 2004, p. 21). Ou seja, sujeito e objeto são socialmente construídos. A segunda desconstrução é a retórica da verdade, que é a “[...] legitimização do conhecimento intrinsecamente associada ao método científico e que pressupõe a existência de uma verdade transcendental” (Spink, 2004, p. 24). Ou seja, dados os muitos anos de dedicação ao seu objeto de estudo, aquilo que você defende como verdade o é, não se admitindo refutação.

De acordo com Ibáñez (*apud* Spink, 2004, p. 21) a atividade científica possui quatro pressupostos básicos:

1. Pressuposto Ontológico: não existem objetos naturais. Os objetos são como são, porque nós somos como somos. Não há objetos independentes de nós e nós não existimos independentemente dos objetos.
2. Pressuposto Epistemológico: o conhecimento não representa a realidade. Não conseguimos distinguir o mundo do nosso conhecimento sobre ele.
3. Natureza Humana: o conhecimento é uma prática social. Os objetos e os critérios de verdade são produções sociais que se institucionalizaram por meio de processos de habituação.
4. Pressuposto Metodológico: traz para a pesquisa uma postura mais modesta. O que tomamos como objetos naturais são objetivações decorrentes de nossas construções, de nossas práticas.

Outro autor utilizado por Spink (2004) é Hacking. Segundo ele tanto na perspectiva construtivista, quanto na construcionalista ou na construcionista, o importante é entender que as coisas não são como parecem ser e “[...] o que parece unir as diferentes correntes construcionistas é o objetivo subjacente de libertação daquilo que se tornou instituído ou essencializado” (Spink, 2004, p. 25). Hacking acredita que:

“[...] a postura construcionista é crítica do *status quo*: parte-se da premissa que X (sendo X um fenômeno social qualquer) não precisaria ter existido ou ser como é; não é determinado pela natureza das coisas; não é inevitável. É a premissa que distingue a pesquisa construcionista” (Spink, 2004, p. 25).

Finalmente Hacking completa o pensamento afirmando que no ato da construção de X, na pesquisa construcionista, é preciso que se entenda a distinção entre construir ideias e construir objetos. O autor admite que “[...] o que está sendo construído na maior parte das vezes são ideias, mas são ideias que efetivamente acabam por definir o objeto” (Spink, 2004, p.26). Tais ideias estão baseadas em uma matriz, isto é, um conjunto de elementos que ajudam a entender como essa ideia emergiu. A matriz pode incluir pessoas, instituições, formulários, fotografias fazendo com que efetivamente um objeto ou ideia seja construído – é necessário que se trabalhe de forma ampla de modo que essa matriz de elementos sustente a ideia a ser construída.

Já Baskar (*apud* Spink, 2004, p. 23) defende que:

“[...] o dilema construcionista pode ser resolvido pela distinção entre duas posturas complementares: o realismo ontológico e o construcionismo epistemológico. Ou seja, a existência de um mundo real (realismo ontológico) não é colocada em dúvida, mas o conhecimento é tomado como uma construção social (construcionismo epistemológico)” (Spink, 2004, p. 23).

Spink (2004) ainda ressalta como o construcionismo suscita o relativismo e sugere ser preciso entender que essas novas construções devem ser entendidas dentro de seus contextos de produção a partir dos seguintes questionamentos “Que sociedade é essa?”, “Quais usos são feitos disso?” e “Quais são suas consequências?”. Lembrando que, apesar do relativismo validar toda e qualquer coisa, “já que tudo é construído, tudo vale” (Spink, 2004, p. 28), a adoção de tal posição suscita o debate e uma reflexão sobre a ética e o efeito de nossas práticas em pesquisa.

Sendo assim, adotar uma posição construcionista significa refletir sobre os conceitos já aceitos socialmente a respeito de determinado objeto ou ideia – no caso da presente pesquisa, o cinema, então identificar quais deles são mais adequados ou quais merecem receber algumas alterações para se enquadrarem da melhor forma possível à pesquisa. Identificar o caminho pelo qual foi possível ressignificar tal ideia ou objeto também faz parte do construcionismo epistemológico.

Dado que a pesquisa construcionista visa questionar o conceito e significado de determinados objetos e ideias, interroga-se agora, como se dá a criação de significados? Hall (1997), dentre outros autores, escreve sobre o assunto. Hall (1997) responde a questão afirmando que é a representação por meio da linguagem que gera a produção de significados.

Hall (1997) explica, ainda, que há dois tipos de sistemas de representação que determinam o processo de construção de significados. O primeiro processo é aquele em que todo tipo de objeto, pessoa ou evento é correlacionado a uma série de conceitos ou de representações mentais (*mental representation*) que carregamos mentalmente. Sem eles não poderíamos interpretar significativamente o mundo como um todo, isto é, o significado depende da relação entre as coisas do mundo (pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais) e um sistema conceitual, que opera como um mapa conceitual (*conceptual map*) que temos acerca de cada um destes objetos, pessoas ou eventos. É importante observar que criamos conceitos tanto de objetos materiais e pessoas, quanto de coisas abstratas, como os conceitos de guerra, amor, amizade, anjos, Deus, Diabo, céu ou inferno. Já o segundo processo de construção de significados engloba a linguagem. Hall (1997) acredita que o mapa conceitual não é suficiente no processo de geração de significados e nós devemos estar aptos a

representar ou trocar significados e conceitos por meio de uma linguagem em comum. Ou seja, o nosso mapa conceitual deve ser traduzido em uma linguagem em comum, sendo possível assim correlacionar nosso conceito ou ideia em palavras, sons ou imagens visuais. O termo geral usado para palavras, sons ou imagens é o de signos (*signs*). Os signos são organizados em linguagens e é por meio de uma linguagem em comum que podemos traduzir nossos pensamentos (conceitos) em palavras, sons ou imagens a fim de que possamos expressar nossos significados para outras pessoas.

O que é importante entender desses dois processos de criação de significados, é que o significado não está no objeto ou na pessoa, bem como não está na palavra. A combinação entre letras e sons que gera uma palavra é arbitrária. O significado construído, produzido, é resultado da prática de significar (*signifying practice*). Tal prática é fixada por nós por meio de um código que estabelece a relação entre nosso sistema conceitual e nosso sistema linguístico. O código torna possível a inteligibilidade de falar e ouvir, entre o locutor e o ouvinte, ou seja, possibilita a comunicação efetivamente. No entanto, essa ponte de tradução não é naturalmente estabelecida, é resultado de uma convenção social. Por exemplo, um falante francês e outro inglês, ao longo do tempo e inconscientemente, chegaram à conclusão de que um determinado signo corresponde ao mesmo conceito, independentemente da combinação de letras de cada uma das línguas em questão.

Para finalizar, Hall (1997) propõe três perspectivas ou abordagens de como a linguagem é usada na criação de significados. A primeira perspectiva é a reflexiva, isto é, a linguagem reflete o verdadeiro significado como se ele já existisse no mundo. Essa perspectiva aproxima-se do empiricismo ontológico. A segunda é a intencional, na qual o locutor ou o escritor impõe um único significado à linguagem, intencionando o interlocutor a entendê-la conforme a intenção do falante. No entanto, a perspectiva intencional é falha, uma vez que o significado que criamos deve estar em negociação com todos os outros significados que a palavra ou imagem podem ter. A terceira e última perspectiva é a construtivista, que reconhece a característica social e pública da linguagem. Nem as coisas por si mesmas (perspectiva reflexiva) e nem o uso individual da linguagem (perspectiva intencional) podem construir seu significado. O significado depende, não só de sua qualidade, mas também de sua função simbólica. Sendo assim, a linguagem é tomada como um produto social no qual o significado é construído por meio dos sistemas de representação. Hall (1997) entende que a perspectiva construcionista é aquela que melhor se ajusta à sua percepção de representação

frente às outras duas perspectivas. Essa perspectiva coincide com o modo do construcionismo epistemológico, também destacado por Spink (2004).

Desta forma, Spink (2004) e Hall (1997), apesar de se expressarem em textos completamente diferentes, entendem que nosso objeto de pesquisa não é ontologicamente dado, mas sim epistemologicamente construído. Isto é, o pesquisador é quem constrói o seu objeto de pesquisa por uma combinação heterogênea de métodos e *a priori* não existe um caminho melhor do que o outro. Muito menos haverá método formal ou combinação matemática que sinalizará o caminho a ser percorrido pelo pesquisador. Cosgrove (2012), apoiado em Kearney, concorda com ambos os autores supracitados, ao elevar a imaginação como elemento central no trabalho da geografia cultural. Em suas palavras:

“O trabalho da imaginação não é totalmente *reprodutivo* (isto é, determinado pelos dados sensoriais extraídos do mundo exterior, do qual ela depende), tampouco puramente *produtivo* (isto é, uma negação das imagens produzidas nesse mesmo mundo). A imaginação, ao contrário, desempenha um papel simbólico, capturando dados sensoriais sem reproduzi-los como imagens miméticas e “metamorfoseando-os” por meio de sua capacidade metamórfica de gerar novos significados (Kearney, 1991, PP. 137 ss.)” (COSGROVE, 2012, p. 106 – 107 – grifos do autor).

Cosgrove (2012) entende que a imaginação, na pesquisa geográfica, é de fundamental importância, porque ela pode quebrar os conceitos e definições pré-estabelecidos, ou seja, sem reproduzir “imagens miméticas” e ao mesmo tempo gerar novos significados, isto é, construindo o objeto.

Sendo assim não se pretende realizar um estudo sobre a antologia do cinema, ou seja, uma análise sobre um sem-número de elementos do cinema: cinemas de rua, cinemas de shopping center, cinemas em construções modernas, cinemas em construções *art déco*, cinemas falados, cinemas mudo, cinemas gerenciados pela corporação A, B ou C. Mas sim, com base na discussão apresentada, adota-se o método construcionista, no qual o objeto de pesquisa – cinema - fora construído tal qual pertencente ao conjunto de atividades terciárias que compõem o espaço urbano, assim como outras atividades, como prédios comerciais, lojas departamentais, farmácias, bancos ou postos de gasolina. Todas essas atividades terciárias, assim como as salas de cinema, agem por si só e agem segundo os movimentos intrínsecos ao espaço urbano, isto é, podem dar-se como peça condicionante de outras ações no espaço, por um lado, e por outro, podem ser reflexos de ações do próprio espaço. As atividades terciárias, pertencentes a uma dada localização espacial são dotadas de qualidades como acessibilidade e mercado consumidor. Tais discussões serão aprofundadas na terceira e última parte deste capítulo, associando o objeto de estudo e, conseqüentemente, a pesquisa empírica ao

referencial teórico, de forma que ambos estejam devidamente casados. Reconhecem-se todas as facetas dos cinemas, mas ao adotar tal interpretação estamos realizando uma análise seletiva fazendo com que alguns elementos tornem-se secundários no presente trabalho, podendo ser, futuramente, analisados de forma que os cinemas ou qualquer outro objeto de estudo jamais seja completamente esgotado. Não se pretende dar conta de todas as perspectivas ou modos de ver o cinema e as salas de exibição.

1.2) Espaço e Tempo na pesquisa geográfica

Diante do tema desta dissertação, análise espaço-temporal dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro, vislumbrou-se como necessidade reservar um subcapítulo sobre a análise do tempo em Geografia. Primeiramente, é importante destacar que esta dissertação não se constitui em um trabalho de geografia histórica, mas sim de uma pesquisa que valoriza a dimensão temporal. Mas qual a importância do tempo para o homem? Hornbeck, Earle e Rodrigue (1995) baseados em Rifkin elencam cinco justificativas: a) o tempo organiza e sustenta a existência de sistemas físicos e biológicos; b) o tempo estrutura cognitivamente a nossa vida, definindo o comportamento humano; c) é o tempo que permite organizar a sociedade de modo sincrônico; d) o tempo é a forma simbólica mais geral que o homem criou e e) a partir do tempo podemos criar ordem e disciplina, podemos classificar, organizar, categorizar e dar forma ao mundo em que vivemos.

É inegável a importância do tempo para o homem, contudo a sua análise inserida em pesquisas geográficas merece atenção, porque segundo Hornbeck, Earle e Rodrigue (1995) apoiados em Schlesing muitos geógrafos sofrem do que o autor chama de “*doctrine of the similarity of space and time*” (doutrina da similaridade entre espaço e tempo). Essa doutrina indica que existiria uma correspondência direta entre as narrativas espaciais e temporais, isto é, para verificar a verdadeira ocorrência de um evento no espaço, seria necessário verificar sua veracidade no tempo. Ou como afirmou o trio de autores, seguindo as palavras de Brentano, um evento possui duas propriedades identificáveis por meio de um gráfico, no qual em uma coordenada há o tempo em que determinado evento ocorreu e na outra o lugar onde o evento aconteceu. Isso significa dizer que tempo e espaço são similares entre si e possuem as mesmas propriedades básicas (Hornbeck, Earle e Rodrigue, 1995, p. 35).

Harvey (1989[2002]), assim como outros autores, defende que o espaço e o tempo são categorias gerais da existência, isto é, os objetos e eventos só são inteligíveis no tempo e no espaço, nada existe fora dessas categorias. No entanto, isso não significa que espaço e tempo

podem ser correlacionados diretamente como em um gráfico cartesiano como sugeriu Hornbeck, Earle e Rodrigue (1995) apoiados em Brentano. Segundo Lucas (*apud* Hornbeck, Earle e Rodrigue, 1995) espaço e tempo são distintos entre si, ou como afirma Crang (2005), o tempo se diferencia do espaço por seu caráter de irreversibilidade. Sendo assim, espaço e tempo não refletem um ao outro, ou seja, o espaço não é sujeito a mudanças à medida que o tempo flui e as formas espaciais cristalizadas no espaço e no tempo são a chave para entender que ambos apresentam uma relativa autonomia entre si. A esse respeito, Santos (1996[2012]) argumenta que as formas asseguram a continuidade do tempo e é por meio delas:

“[...] que o espaço testemunha a realização da história, sendo, a um só tempo, passado, presente e futuro. Ou como escreve E. Relph (1976, p. 125): ‘os lugares são, eles próprios, expressão atual de experiências e eventos passados e de esperanças no futuro’” (Santos, 1996[2012], p. 156).

Em outras palavras, as formas espaciais frutos de um tempo passado ainda presentes no espaço nos dizem, de um lado, que o movimento do tempo não necessariamente condiciona o movimento do espaço e de suas formas espaciais e, de outro, que o espaço acumulado de formas do passado e formas do presente é prova testemunhal da evolução do tempo. Sintetizando, espaço e tempo têm seu próprio movimento a despeito das complexas relações entre eles.

A manutenção da forma do passado é a principal via para o seu estudo no presente. Caso ela tivesse sido destruída, seu estudo posterior seria prejudicado como veremos mais adiante. Em relação a isso, alguns questionamentos podem ser elaborados: em que condições físicas essas formas se encontram, se ainda funcionam com a mesma função, se estas funções foram redefinidas e quais os seus significados atuais. Esses questionamentos podem ser desdobrados de acordo com a dissertação aqui apresentada: onde as formas espaciais “cinemas”, criadas no passado, ainda estão em funcionamento? Como estão aquelas que não estão mais em funcionamento? E onde estão aquelas criadas no tempo presente?

O presente subcapítulo está dividido em três partes: a primeira refere-se à importância do tempo na análise geográfica, a segunda sobre os caminhos sincrônicos e diacrônicos para a análise dos dados da pesquisa e, por último a periodização como modo de análise na perspectiva diacrônica.

A parte que se segue está baseada em um artigo ainda inédito de Corrêa intitulado “O interesse do geógrafo pelo tempo”. Segundo Corrêa (Inédito):

“O interesse do geógrafo pelo tempo se dá por meio da espacialidade da ação humana no curso da História, espacialidade que está materializada em obras fixas e expressas em fluxos, ambos resultados de complexos processos sociais. Em outros termos, é a organização do espaço em suas temporalidades que interessa ao geógrafo [...]” (CORRÊA, Inédito).

Em outras palavras, o tempo é importante para o geógrafo, porque ele o ajuda a entender a espacialidade e suas mutabilidades no decorrer do tempo, isto é, auxilia na identificação e na análise do fluir dos processos e das formas espaciais; seu tempo inicial, apogeu e declínio. Se não houvesse o fluir da temporalidade, haveria a eternidade¹. O cientista sugere cinco perspectivas ou vias de análise do tempo pelo geógrafo: herança, memória, projeto, inscrição e trajetória. Essas vias negam a narrativa cronológica e não são mutuamente excludentes entre si (Corrêa, Inédito). As duas últimas perspectivas serão consideradas nos capítulos que se seguem nesta presente dissertação, por exemplo.

A herança, segundo Corrêa (Inédito), são as formas espaciais do passado geradas em diversos momentos do tempo ainda presentes no espaço criando uma paisagem poligenética, ou seja, a paisagem atual é resultado de maior ou menor acúmulo de formas herdadas do passado. As formas do passado podem chegar ao presente por meio de três processos de acordo com o autor: inércia, resignificação e refuncionalização. Esses processos estão ligados à manutenção ou ao desaparecimento de características como forma, função e significado. Sendo assim, no processo de inércia há a manutenção das três características, porque o seu conjunto ainda se dá de forma eficiente, seja ela econômica, política ou cultural. No processo de resignificação, como o nome sugere, altera-se seu significado, mas a forma e função são mantidas. Já no processo de refuncionalização, as antigas formas ganham novas funções e significados. Os três processos poderão ser observados empiricamente quando se analisa a distribuição espacial dos cinemas no Rio de Janeiro e seus respectivos novos usos e significados.

¹Notas de aula, afirmado por Roberto Lobato Corrêa durante a disciplina Análise do Tempo em Geografia, ministrada por ele e Zeny Rosendahl, no primeiro semestre de 2014, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Quadro 1: Quadro síntese Como as formas do passado chegam ao presente?

Processos	O que se mantém?		
	Forma	Função	Significado
Inércia	X	X	X
Ressignificação	X	X	
Refuncionalização	X		

Fonte: Corrêa (Inédito).

Como é possível observar mediante o Quadro 1, a forma é mantida nos três processos, afinal, como vimos anteriormente, é por meio da forma que o passado chega ao presente. Vale lembrar que a manutenção da forma não é a única maneira de estudar o passado. É o que veremos a seguir nas perspectivas “memória” e “projeto”.

Muitas formas do passado desapareceram não deixando heranças, mas sim memórias. Essa segunda via de análise do tempo em geografia, segundo o autor, considera que o passado está naquilo que lemos e escutamos, também em fotos, filmes, pintura e na paisagem. Todos esses meios exercitam a nossa memória, seja de um passado remoto ou recente. A memória torna-se um problema na medida em que ela não é coletiva e sim seletiva, ou seja, cada um possui uma experiência no espaço obtendo seu próprio resgate de memória. O problema pode ser ainda maior quando uma paisagem da simulação é criada para assim gerar uma memória inventada (Corrêa, Inédito). Apesar das dúvidas embutidas na análise da memória, essa perspectiva permite ao geógrafo ingressar nas representações culturais que os outros elaboram sobre o passado, ajudando a compreender a espacialidade do mesmo.

Projetos que ficaram apenas no âmbito das ideias, isto é, que não foram colocados em prática, também podem auxiliar na análise geográfica, tais como projetos de loteamento, obras de dragagem ou urbanização que podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares, bem como na literatura ou na memória da população. Esses projetos, mesmo não tendo saído do papel, são parte integrante da trama da organização do espaço e ajudam a entender a atual organização do espaço (Corrêa, Inédito).

A inscrição, conforme baliza Corrêa (Inédito) é a análise de um processo ou forma em um dado momento do tempo e em uma dada localização, devendo o geógrafo estar atento ao ‘espírito do tempo’ (*genius temporis*) e ao ‘espírito do lugar’ (*genius loci*). Por definição, a inscrição é uma análise sincrônica. A inscrição pode ser analisada por formas espaciais fixas (ruas, prédios, núcleos urbanos) ou por formas espaciais móveis (deslocamento de pessoas,

mercadorias, capital e informação, uma festa cívica). Outros autores referem-se à inscrição como recorte espaço-temporal. O presente trabalho trata da inscrição da forma espacial “cinemas” na localização da Cinelândia (1925-1974).

Por fim, a trajetória, segundo Corrêa (Inédito), é o curso dos processos e formas espaciais ao longo do tempo em uma determinada área. A análise da trajetória pode ser feita por meio da periodização espacial ou da difusão espacial. A periodização é o processo pelo qual se divide o tempo em períodos. Esse recurso não pode ser confundido com a narrativa cronológica, porque nesse caso a sucessão de tempo não é analisada com base em reflexões teóricas. Já a difusão espacial constitui na seleção de um item para análise, observando a relação entre processo e forma. No caso, o item de análise será o cinema. A difusão é por excelência uma análise diacrônica. Ambos os recursos auxiliam na compreensão das complexas relações entre espaço e tempo, entre processo e forma, segundo Corrêa (Inédito). Esses dois recursos serão incorporados no presente trabalho.

Essas cinco vias nos ajudam a entender que, assim como o espaço, o tempo também é uma categoria de análise importante para os geógrafos e corroboram para desmistificar a divisão entre a Geografia como ciência que estuda o presente e a História o passado, conforme Marc Bloch (*apud* Corrêa, Inédito) já havia anunciado. Corrêa (Inédito) apoiado em Marc Bloch sustenta que “[...] a História estuda a ação humana no tempo e a Geografia no espaço: a primeira pode, assim, estudar o tempo presente e a segunda o espaço passado” (Corrêa, Inédito). Espaço e tempo são de interesse tanto dos geógrafos, quanto de historiadores, bem como de outros cientistas sociais. O geógrafo privilegia o espaço, isto é, a espacialidade dos objetos e eventos, mas essa espacialidade pode ser referenciada ao presente ou ao passado. Sobre o assunto, Hartshorne (1969) afirma que:

“Os geógrafos estudam o passado não só como “a chave do presente”, mas também em função do seu próprio conteúdo geográfico. Cada período possui sua geografia “presente”, e o estudo comparativo das diferentes geografias através de sucessivos períodos de tempo oferece um quadro da geografia em mudança, de uma determinada área. Desse modo, a dimensão histórica do tempo combina às dimensões do espaço.” (HARTSHORNE, 1969, p. 114/115).

Finalmente, cabe ressaltar que, como o próprio autor já havia destacado não se estabelece uma delimitação para a investigação histórica na Geografia. Para saber qual grau de aprofundamento o pesquisador dará acerca de fatos precedentes ao objeto de sua pesquisa, basta ao geógrafo recorrer àqueles que forem estritamente indispensáveis à compreensão do presente, sem precisar recuar até as origens do seu fenômeno. Em suas palavras:

“[...] uma interpretação completa nunca é possível (68:9-11). No estudo da geografia atual de uma área não podemos rastrear todas as raízes até as suas extremidades. O pesquisador deve parar a certa altura e interromper o rendimento decrescente do seu trabalho (1:358). Não é possível estabelecer em teoria onde situar esse limite. É lícito apenas afirmar que numa pesquisa bem organizada deve haver equilíbrio racional quanto à profundidade em que se investiguem, no passado, os vários fenômenos e relações.” (HARTSHORNE, 1969, p. 134).

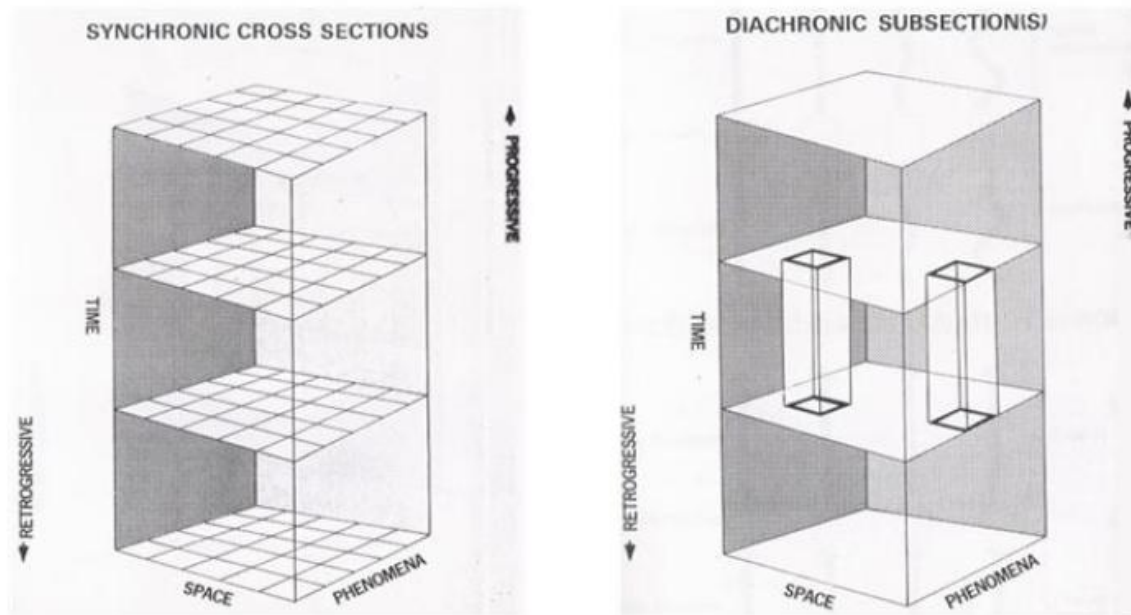
Reconhecendo-se assim como nossos limites os períodos entre os anos de 1905 e 2014, segue-se a parte referente à pesquisa sincrônica e diacrônica na análise dos dados empíricos.

Assim como o espaço pode ser qualificável em diferentes tipos o tempo também o é. Harvey (1989[2002]) declara a importância de reconhecermos a multiplicidade das qualidades objetivas que o tempo e o espaço podem exprimir e o papel das práticas humanas em sua construção, que segundo o autor, se dá por meio de práticas e processos materiais que servem à reprodução social. Uma vez que tais práticas e processos são diferenciados de acordo com as diversas sociedades:

“[...] verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferencialmente. Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço.” (Harvey, 1989[2002], p. 189).

Sendo assim, adota-se como caminho de pesquisa a diferenciação entre tempo sincrônico e tempo diacrônico, tal qual sugerida por Alves (2011) apoiado em Estaville Jr. a fim de investigar em cada um dos tempos as práticas e os processos sociais que foram cruciais na difusão e organização dos cinemas pela cidade do Rio de Janeiro no período de 1905 a 1994. Observemos a figura abaixo que ilustra o método sincrônico e diacrônico de acordo com Alves (2011) baseado em Estaville Jr.:

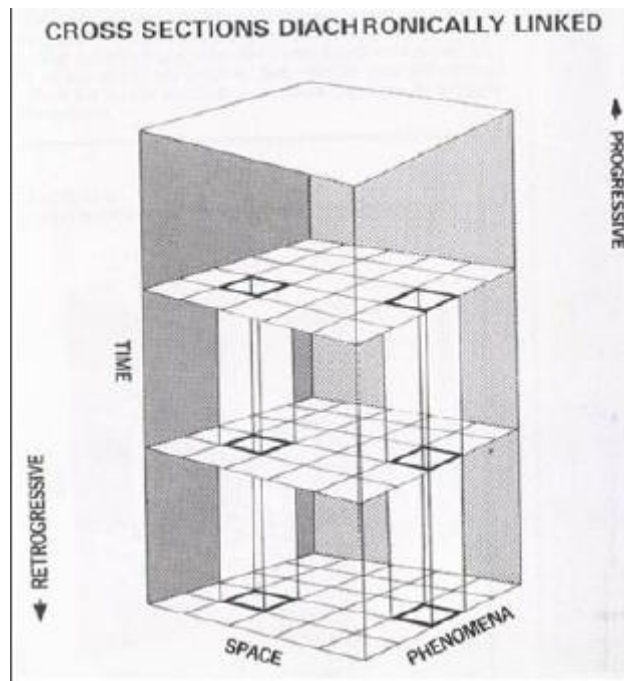
Figura 1: Métodos Sincrônico e Diacrônico segundo Estaville Jr.



Fonte: Estaville Jr. *apud* Alves (2011), p. 35.

Como se pode observar na Figura 1, o corte transversal sincrônico (*synchronic cross section*) é o fatiamento do tempo e a sua análise de acordo com uma variedade de eventos ou fenômenos que ocorreram em um determinado recorte do tempo. Já a subseção ou as subseções diacrônicas (*diachronic subsections*) é utilizada quando se objetiva isolar um determinado evento e analisá-lo segundo um fluxo contínuo de tempo. Ou seja, como um evento se deu ao longo do tempo, entre uma ou mais fatias de tempo. Estaville Jr., mencionado por Alves (2011), sugere ainda a adoção de uma abordagem sincrônica-diacrônica, a fim de minimizar as vantagens e as desvantagens de cada uma das análises isoladamente. Como, por exemplo, a restrição no entendimento do processo na análise sincrônica enquanto uma análise mais rica, no que tange ao desenvolvimento dos processos no tempo diacrônico; ou ainda a possibilidade de uma análise espacial mais detalhada de uma série de fenômenos no tempo sincrônico e um número relativamente pequeno de fenômenos analisados no tempo diacrônico. A Figura 2 ilustra a análise sincrônica-diacrônica.

Figura 2: Análise sincrônica-diacrônica segundo Estaville Jr.

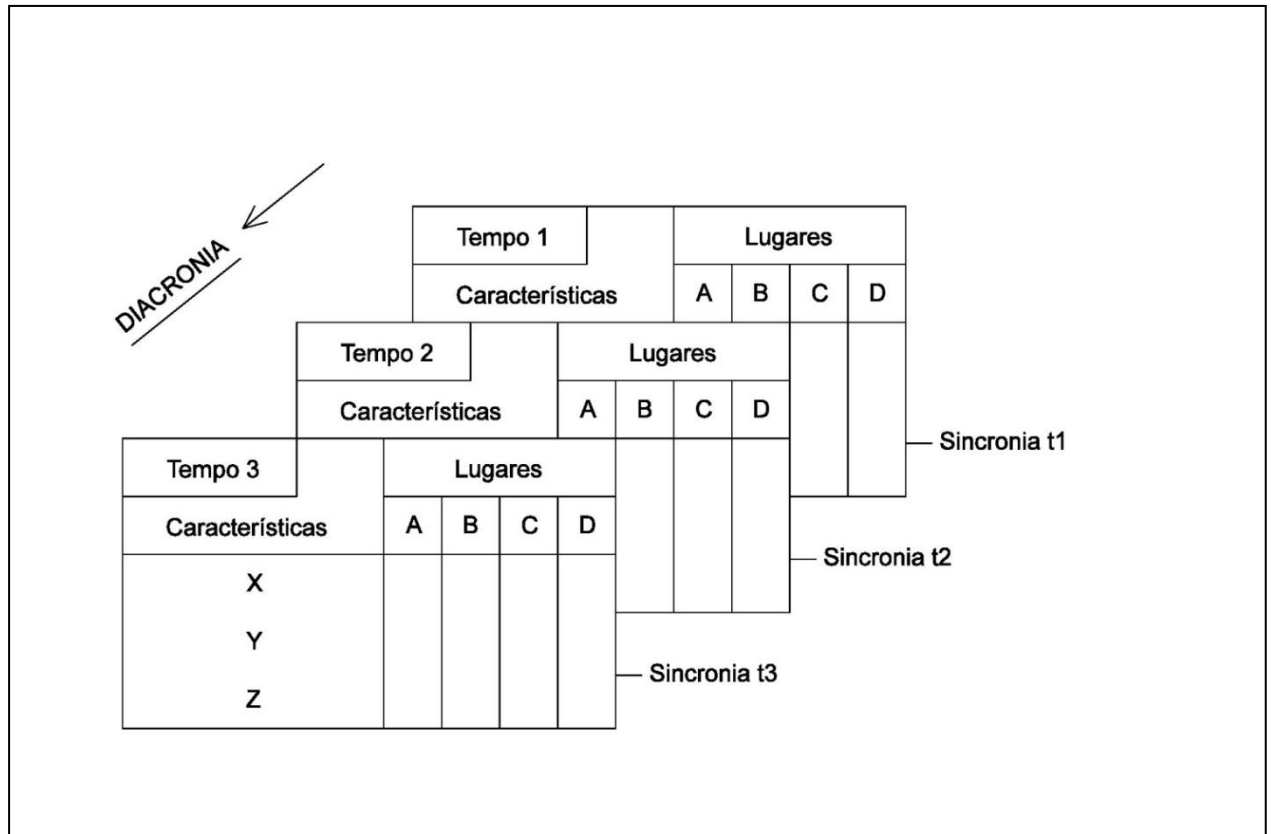


Fonte: Estaville Jr. *apud* Alves (2011), p. 36.

A análise sincrônica-diacrônica será adotada no presente trabalho de forma que a difusão espacial dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro será analisada diacronicamente e a Cinelândia será analisada sincronicamente.

Sobre o assunto, Berry (1969) afirma que o tempo surge como uma terceira dimensão na análise geográfica, sendo a primeira a análise de uma mesma categoria em diferentes lugares e a segunda a análise de diferentes categorias no mesmo lugar. Para o autor o tempo pode ser subdividido em seções transversais ou fatias do tempo de modo infinito segundo uma matriz geográfica. Cada seção transversal resume as variações das características de um lugar para outro num determinado período de tempo. O esquema gráfico apresentado por Berry (1969) que ilustra o assunto fora adaptado por Corrêa (Inédito) que explicitou o tempo sincrônico e diacrônico (Figura 3).

Figura 3: Uma terceira dimensão segundo Berry (1969)



Fonte: Berry (1969) e Corrêa (Inédito).

Além de elucidar a sincronia e a diacronia, a Figura 3 auxilia no entendimento da relação que Santos (1985[2008]) estabelece entre processo a tempo e movimento, e forma à pausa em um instante do tempo. O autor explica que:

“Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. [...] Processo pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.” (SANTOS, 1985[2008], p. 69 – grifos do autor).

Sendo o processo relacionado ao movimento de mudança, pode-se afirmar que o processo também está associado ao tempo diacrônico, uma vez que esse capta os eventos no fluir do tempo, ou seja, o processo dos fenômenos. Por outro lado, a forma como um arranjo ordenado de objetos analisado em um instante do tempo ou em uma pausa no movimento, como também é o tempo sincrônico já que esse analisa os fenômenos em uma determinada fatia do tempo.

Concordando com o exposto acima, tempo diacrônico é processo e movimento, bem como periodização, pois, como veremos adiante, a periodização é, assim como o processo, a

análise do fluir de um determinado fenômeno no tempo. O tempo sincrônico é forma, pausa e períodos. O Quadro 2 sintetiza essa informação.

Quadro 2: Quadro síntese do tempo diacrônico e sincrônico

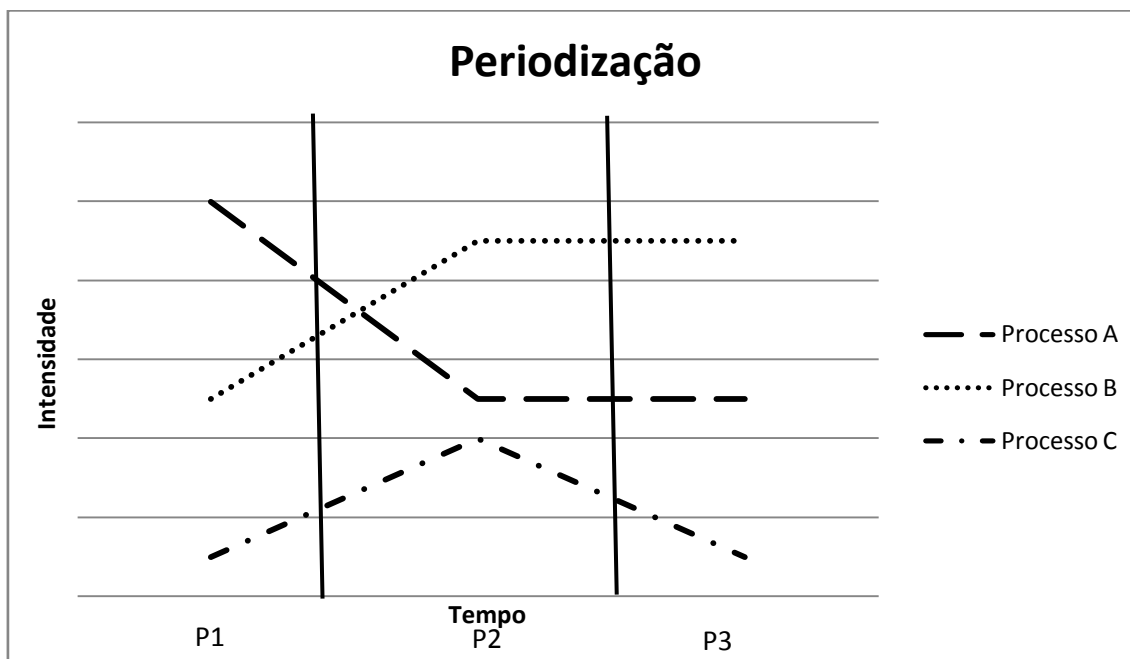
DIACRONIA	SINCRONIA
Processo	Forma
Movimento	Pausa
Periodização	Período

A periodização é o ato de dividir o tempo histórico em períodos. Mas qual a necessidade de estabelecer períodos em uma pesquisa científica? Segundo Corrêa (1987), a periodização auxilia no entendimento da organização espacial uma vez que evidencia os diferentes momentos que caracterizam o processo de elaboração de tal organização espacial. Daí o que chamamos de análise espaço-temporal. Fundamentado em Althusser, Corrêa (1987) afirma que:

“[...] consideramos a periodização como uma operação intelectual que permite definir os tempos históricos, onde em cada um deles o pesquisador torna visível e inteligível “...a forma específica da existência da totalidade social””. (CORRÊA, 1987, p. 39 – 40).

Como construção intelectual, a periodização se torna flexível aos olhos do pesquisador, podendo cada um deles estabelecer sua própria periodização de acordo com o seu objetivo, como definiu Santos (1985[2008]) baseando-se em Braudel. Ou seja, não existe uma periodização melhor do que a outra *a priori*, como afirmou Corrêa (2011). O importante, nesse caso, é entender que o estabelecimento de períodos deve obedecer a uma relativa homogeneidade interna em termos de elementos, processos e acontecimentos que caracterizam aquele período. Os elementos selecionados devem responder aos propósitos da periodização, como assegurou Corrêa (2011) com base em Wishart. Sendo assim, como afirmou Corrêa (1987, 2011), de acordo com a variedade e intensidade desses processos gerais, poderá haver períodos mais curtos ou mais longos, como foi o caso da periodização da Amazônia, estabelecida pelo autor, na qual há períodos com duração de 40, 50 ou 100 anos, por exemplo. O esquema gráfico abaixo, elaborado por Corrêa (Inédito), auxilia na compreensão dos períodos, suas periodizações e respectivas intensidades dos processos gerais.

Figura 4: Periodização



Fonte: Corrêa (Inédito).

A figura acima é meramente ilustrativa. Nela o período 1 (P1) é mais curto e a intensidade dos processos A, B e C é respectivamente forte, média e baixa. O período 2 (P2) é mais longo e a intensidade dos processos A e C é mediana, enquanto do processo B é forte. O último período (P3) também mais curto, sendo a intensidade do processo A média, do B forte e do C fraca.

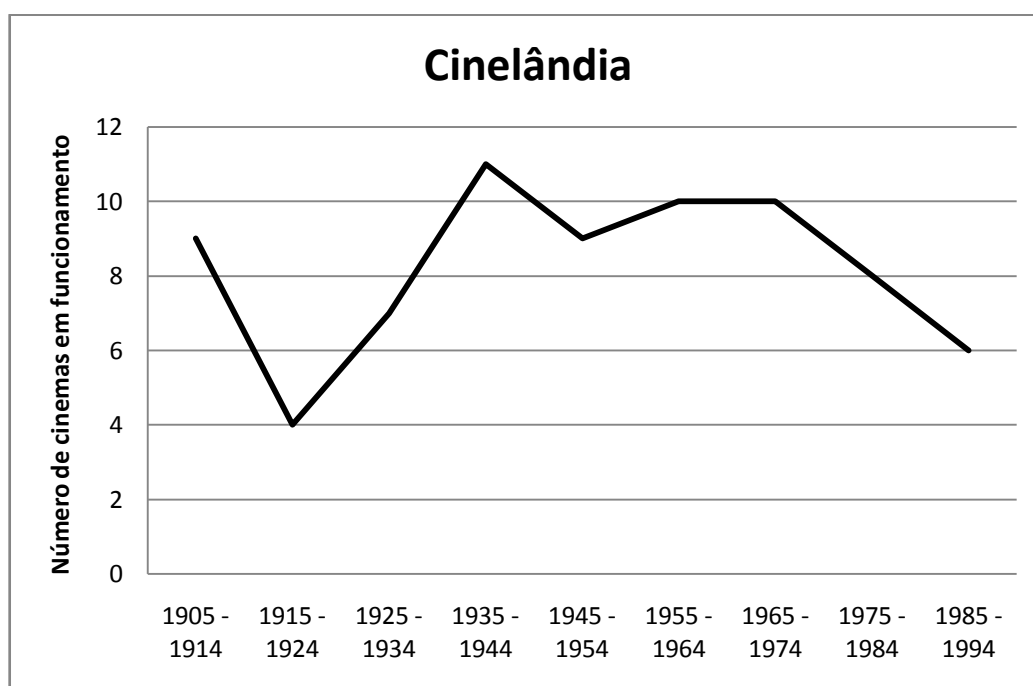
No caso do presente trabalho, o recurso da periodização foi utilizado a fim de contribuir para a compreensão da difusão espacial dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro. Consideramos como elemento caracterizador de cada um dos períodos as salas de exibição em funcionamento. Com base no período entre os anos 1905 e 1994, estabelecemos 9 períodos, cada um com uma duração de 10 anos, porque assim poderíamos obter resposta em torno no nosso questionamento central: qual a lógica espacial dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro. Os cinemas, supostamente como construções fixas de longa duração no espaço deveriam sobreviver ao longo de muitos períodos, mas em alguns casos não é o que se observa quando se analisam os dados empíricos. Assim, conseguiríamos estabelecer os momentos de pausa e movimento no decorrer da vida útil dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro.

Sobre as periodizações que apresentam períodos de igual duração, como aquela que fora adotada no presente trabalho, Corrêa (2011) argumenta que são problemáticas, porque simplificam de modo equivocado uma realidade mais complexa e aberta a várias

interpretações. Entende-se que a periodização estabelecida seja problemática e limitada, no entanto, a título de compreensão da realidade, jamais chegaremos a sua absoluta compreensão. A periodização utilizada foi adotada como ponto de partida para subsidiar a leitura dos movimentos e pausas das salas de cinema na cidade do Rio de Janeiro, propósito estabelecido, pela pesquisadora, como central.

O Capítulo 4 refere-se à análise empírica do período de grande intensidade de salas de exibição em funcionamento na Cinelândia. Para estabelecer quais seriam os períodos de grande efervescência cinematográfica na praça utilizou-se como ferramenta o esquema gráfico apresentado na Figura 4.

Gráfico 1: Periodização – Cinelândia



Fonte: Gonzaga (1996).

O Gráfico 1 ilustra o número de cinemas em funcionamento em cada um dos períodos na Cinelândia. O período a ser considerado para a análise sincrônica no capítulo subsequente é o período de 1925 até 1974, porque, por um lado, a partir de 1925, percebe-se a instalação de cinemas que perduraram por mais tempo na praça, como por exemplo, o Cine Palácio mantido por 107 anos e o Pathé por 71. Por outro lado, já em 1975, não há mais nenhuma inauguração de cinemas, apenas o fechamento de salas, estabelecendo-se assim o início do período de decadência da região em termos de salas de cinema. Assim, como essência para uma análise de um período, nota-se que, entre 1925 e 1974, há certa homogeneidade interna

na Cinelândia, um grande número de cinemas em funcionamento, uma média de 9 cinemas em cada um dos períodos.

1.3) A questão locacional das atividades terciárias na cidade

A tentativa de entendimento do cinema como agente modelador do espaço, ou seja, a relação entre cinema, espaço e tempo, suscita a necessidade de uma abordagem teórico-conceitual que auxilie na compreensão do presente estudo. Segundo a problemática e as questões de investigação apresentadas, os principais temas a serem abordados teoricamente são: processos espaciais, localização das atividades terciárias no espaço urbano e as mudanças econômico culturais que levaram à criação dos shopping centers. Considera-se ainda que a realidade é muito mais complexa do que a teoria, isto é, não há nenhum corpo teórico que seja capaz de traduzir a realidade em sua plenitude.

Os cinemas são fixos do espaço urbano. Esse, segundo Corrêa (1997[2011]), é caracterizado por ser fragmentado, articulado, campo de lutas, campo simbólico, e, também, por serem, ao mesmo tempo, reflexo e condicionante das ações da sociedade. Em outras palavras, o espaço age como reflexo da sociedade uma vez que nele estão impressas ações humanas, tanto presentes quanto ações pretéritas. O espaço também carrega a função de ser condicionante das ações da sociedade, uma vez que as obras criadas pelos homens interferem nas condições de produção do próprio espaço.

Santos (1985[2008]) anteriormente salientou que o espaço abrange os objetos e a sociedade ao escrever que:

“[...] o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais ou artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual.” (SANTOS, 1985[2008], p. 12).

Dessa forma, entende-se que o cinema como elemento presente no espaço e constituído por agentes sociais, como as redes de distribuição de filmes ou as cadeias de cinemas, também podem ser reflexo e condicionante das ações do homem. Tais reflexos e condicionantes, tanto dos cinemas, como de qualquer outro objeto geográfico está impresso no espaço por intermédio dos processos espaciais. Esses são segundo Corrêa (1989[2005]):

“[...] um conjunto de forças atuantes ao longo do tempo, postas em ação pelos diversos agentes modeladores, e que permitem localizações e realocações das atividades e da população na cidade. São os processos espaciais, responsáveis imediatos pela organização espacial desigual e mutável da cidade capitalista.” (CORRÊA, 1989[2005] p. 36).

Ou seja, os processos espaciais são os responsáveis pela organização espacial da metrópole, produzindo forma, movimento e conteúdo no espaço urbano (Corrêa, 1997[2011]). Seu estudo é importante por trazer à tona uma conexão entre a ação humana, o tempo, o espaço e a mudança (Corrêa, 1989[2005]). Ainda segundo este autor, os processos espaciais são: centralização, descentralização, coesão, segregação, invasão-sucessão e inércia. Cabe ressaltar que tais processos, como afirma Corrêa (1989[2005]), podem ocorrer simultaneamente sendo complementares entre si. Ou seja, ao passo que ocorre o processo de descentralização em uma determinada localidade, uma nova centralidade pode surgir em outro ponto do espaço por exemplo. No âmbito dessa dissertação serão privilegiados os dois primeiros processos espaciais – centralização e descentralização.

Considera-se como processo de centralização aquele que gera a área central, onde há concentração das principais atividades de comércio e serviços, gestão pública e privada e os terminais rodoviários (intraurbanos e inter-regionais) conforme afirmado por Corrêa (1989[2005]). A área central também pode ser descrita de acordo com a afirmação de Sposito (1991):

“[...] o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim o centro pode ser qualificado como integrador e dispensor ao mesmo tempo.” (SPOSITO, 1991, p. 06).

Colby (1933) já destacara que a área central é aquela onde as funções urbanas aumentam em número e em complexidade. Ainda segundo o autor, estes aumentos derivam das forças centrípetas, isto é, qualidades atrativas da área central que agem no sentido de manter e atrair novas funções para o centro. Essas qualidades atrativas podem ser classificadas segundo cinco grupos: atração locacional, vantagens locacionais, magnetismo, prestígio e equação humana. A atração locacional é uma característica da organização de um dado espaço que serve como convite para a ocupação da terra. As vantagens locacionais da área central podem ser definidas tanto pela qualidade, quanto pela diversidade de suas atividades. O magnetismo é o poder de atração que a concentração de uma determinada atividade tem sobre a área central para atrair outras funções para essa área. O prestígio de uma determinada área central ou fragmentos dela, como um eixo de tráfego, por sua vez, advém da combinação entre uma conveniência funcional e um magnetismo funcional. Por fim, a equação humana é a força

representada pela aglomeração humana na área central, que pode agir tanto em prol da concentração de atividades no centro, como em prol de sua expulsão do centro.

As forças centrípetas, todavia, não são soberanas. Tais qualidades atrativas podem se tornar em determinado momento fatores de expulsão da área central, conforme afirma Colby (1933). O autor enumera seis fatores que encorajam a migração de funções centrais para outras áreas não centrais. O primeiro fator é o aumento no valor da terra e os altos impostos, que elevam conseqüentemente o custo de operações. O segundo fator é o tráfego congestionado e alto custo para transporte na área central, interferindo no bom andamento das operações industriais, de comércio e serviços. O terceiro é a dificuldade para encontrar a garantia de um espaço, tanto para expansão física ou rearranjo do empreendimento, quanto para segurança no abastecimento de eletricidade. Algumas atividades em expansão exigem espaço para ampliação de suas dependências físicas e a garantia no abastecimento de eletricidade para evitar prejuízos no processo produtivo. O quarto fator é evitar controvérsias com o uso do solo ou com os interesses da cidade, como por exemplo, obedecer ao uso do solo de acordo com o tipo de zoneamento, seja residencial, industrial ou de preservação ambiental. O quinto fator é a dificuldade ou impossibilidade de encontrar um terreno na área central onde seja possível modificá-lo de acordo com as necessidades atuais ou que seja fronteiro a uma fonte d'água, por exemplo. E o sexto e último fator de migração das atividades centrais para áreas não centrais são algumas restrições legais, como leis de crescimento e o declínio da importância social que determinadas áreas centrais enfrentam.

Com isso, a área central não é a única expressão da centralidade. Sposito (1991) indica que há a emergência de múltiplas formas de localização das atividades tradicionalmente centrais no interior da área urbana, como é o caso da emergência de subcentros e shopping centers. Castells (1979[1982]) em texto sobre a intervenção do Estado nos grandes centros urbanos questiona:

“Por que existe uma crise neste sistema de centralismo? Porque a mudança permanentemente em que se encontra a sociedade produz mudanças na estrutura social, mudanças que dão a uma cidade – portanto, a seus centros – novas funções urbanas. Estas novas funções urbanas conflitam com a rigidez das formas espaciais existentes, produzindo-se uma defasagem entre a permanência das formas espaciais e a novidade dos usos sociais. Um dos aspectos dessa defasagem é o aspecto funcional, no sentido já conhecido da saturação das atividades que faz com que, num centro já construído, continuem se localizando atividades, posto que este surgimento de atividades centrais está vinculado aos processos que assinalamos anteriormente de concentração de poder e de intensificação da divisão de trabalho. Essas atividades novas necessitam de uma ligação com o espaço central; espaço central que já está saturado pela construção física pré-existente.” (CASTELLS, 1979[1982] p. 67).

Posto isto, seja pela transformação das vantagens locacionais em condições de expulsão das funções comerciais e de serviços da área central, seja pela emergência de novas centralidades, o modelo de monocentralidade entra em risco. Sobre o assunto Sposito (2013) assegura que:

“Trata-se, agora, de novas formas de produção do espaço urbano, que não resultam apenas da acumulação desigual, no espaço, de múltiplas iniciativas e práticas que confluem para a conformação, alteração, itinerância ou refundação da centralidade, como resultado do tempo social. Estamos falando de centralidades planejadas, resultantes da ação de incorporadores e proprietários de terras, como atos pensados muito antes que sejam vividos, como vetores que incidem sobre a cidade, gerando a separação. Assim, esse movimento que redefine a centralidade, em termos de localização de novas áreas centrais (muitas vezes periféricas), e, sobretudo em termos de conteúdo social e econômico, não pode ser conceituado apenas como multicentralidade (fiel ao radical latino *multi*, que significa *muitos*), mas tem que ser entendido como policentralidade (atinente ao prefixo grego *poli*, cujo significado, *vários*, denota o sentido de diversidade), sendo que uma tendência sempre se combina à outra, mesmo que contraditoriamente, fazendo surgir uma multi(poli)centralidade.” (SPOSITO, 2013, p. 56).

A policentralidade ocorre por meio do processo de descentralização que segundo Corrêa (1997[2011]) é mais recente do que o de centralização, podendo ser fruto de ações espontâneas ou planejadas, tendo como objetivo diminuir o resultado da excessiva centralização. Colby (1933), em contraponto às forças centrípetas, definiu também as forças centrífugas como ações de repulsão ao centro paralelamente às ações de atração em direção a outras áreas não centrais. Para que as forças centrífugas possam agir as áreas não centrais precisam ser dotadas de qualidades numerosas e variadas. O autor lista quatro características que as áreas não centrais precisam ter para atrair as funções urbanas. A primeira característica é a presença de largas porções de terras não ocupadas que podem ser obtidas por preços relativamente baixos. Este espaço, de pequena especulação fundiária e impostos mais baratos, é um convite à ocupação, seja por indústrias ou por atividades comerciais ou de serviços. A segunda característica é a proximidade com o serviço de transporte para a locomoção entre cidades. A terceira característica são terrenos com atributos como boa drenagem ou próximos à fonte d'água. Por fim, a última característica são as leis de controle de uso do solo compatíveis às atividades ali exercidas.

O processo de descentralização também está associado ao fenômeno de desdobramento da área central. O termo tem sido utilizado para tratar do deslocamento das atividades terciárias de comércio e serviços tipicamente localizadas no centro para vias de maior circulação, configurando eixos comerciais e de serviços importantes conforme aborda

Sposito (1991), que ainda diferencia o desdobramento da expansão da área central em quatro características, a saber:

- a) O desdobramento não é contínuo em área ao centro principal ou aos subcentros, não podendo se caracterizar como expansão geográfica dos mesmos;
- b) O desdobramento caracteriza-se pela localização de atividades tipicamente centrais, mas de forma especializada. Ou seja, não se reproduzem todas as atividades tradicionalmente centrais;
- c) O nível de tal especialização é funcional e/ou socioeconômico e
- d) Em muitos casos a especialização está voltada ao mercado de maior poder aquisitivo, que “abandona” o comércio do centro tradicional.

Em outras palavras, Reis (2007) utiliza o termo desdobramento do Distrito Central de Negócios (CBD) para:

“[...] designar um tipo específico de descentralização, por suscitar num setor afastado da Área Central, a reprodução de elementos que tradicionalmente se manifestavam no CBD. [...] considera-se, nestes termos, o desdobramento do CBD um fenômeno urbano associado ao surgimento de uma nova forma de estruturação interna da cidade, a saber, a metrópole-policêntrica.” (REIS, 2007, p. 10).

Entende-se que o fenômeno de desdobramento na cidade do Rio de Janeiro ainda precisa ser analisado de forma a desvendar sua relevância para a cidade e, por esse motivo, o termo não será considerado no presente trabalho.

Em prosseguimento à revisão bibliográfica, inicia-se o segundo bloco de discussões teóricas que versa sobre a localização das atividades terciárias no espaço urbano. Tal discussão constitui-se um tema importante, porque os cinemas qualificam-se tipicamente como uma atividade terciária.

Sobre o assunto, Salgueiro e Cachinho (2009) afirmam que:

“As relações entre comércio e a cidade perdem-se no tempo. Se nem todas as cidades são “filhas do comércio”, como propôs o historiador Henri Pirenne, em nenhuma civilização a vida urbana floresceu sem a presença de trocas. O comércio faz parte da razão de ser da cidade. Viabiliza a sua experiência, explica a sua organização e justifica muito do movimento e animação que nesta acontece. Por meio dos comércios e dos lugares onde este se exerce, as pessoas satisfazem necessidades, realizam desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade. Em suma, no comércio reside o verdadeiro embrião da vida urbana naquilo que esta pressupõe de interação, de troca em sentido lato e de produção de inovação.” (SALGUEIRO & CACHINHO, 2009, p. 9 - 10).

Em outras palavras, as atividades terciárias estão intimamente ligadas à cidade e a sua forma, isto é, à sua organização espacial e deste modo surge o interesse dos geógrafos por tal assunto. É por meio do movimento das atividades terciárias que identificamos fenômenos tais como os citados na presente dissertação, os processos de centralização, descentralização e desdobramento. Mas agora, cabe perguntarmos: como e por que as atividades terciárias se reproduzem (ou se retraem) no espaço?

Corrêa (2000) afirma que o comércio varejista é parte integrante, do cada vez mais complexo, ciclo de reprodução do capital. Ainda segundo o autor, o comércio varejista se reflete no espaço por meio de inúmeras localizações envolvendo fixos e fluxos. Os fixos são as unidades de venda varejistas, sejam elas pequenas ou grandes lojas, shopping centers ou mercados periódicos. Já os fluxos são os deslocamentos tanto dos consumidores à procura de produtos, quanto dos comerciantes de mercados periódicos. Pintaudi (2009) concorda ao constatar que o movimento do lugar do comércio é comandado por um único objetivo principal, o lucro. E, segundo a autora, as leis de acumulação do capital serão aquelas que guiarão a compreensão dos lugares de comércio e consumo no âmbito do conhecimento geográfico.

Entende-se que a lógica espacial das atividades terciárias no espaço urbano está submetida às leis de acumulação do capital e, conseqüentemente, às situações nas quais é possível obter as maiores margens de lucro. No entanto, como afirmou Corrêa (1989[2005]), apenas aquelas atividades que suportam pagar pelo alto valor da terra na área central da cidade, conseguem transformar acessibilidade em lucro.

Cabe ainda ressaltar que as leis de acumulação do capital, citadas por Pintaudi (2009) como motivadoras dos movimentos de transformação das atividades terciárias no espaço, também estão associadas à lógica de alcance espacial máximo e mínimo e aos padrões locacionais, como apontado por Berry (1971). Sendo assim, uma análise espaço temporal da distribuição espacial dos cinemas, aqui vistos como parte integrante das atividades terciárias, também pode auxiliar na leitura da organização espacial da cidade do Rio de Janeiro, assim como Pintaudi (2009) afirma:

“[...] o lugar do comércio pode ser entendido quando se considera o tempo, pois é a articulação entre as categorias espaço e tempo que nos fornece a pista para entender a verdadeira dimensão material de um lugar na sociedade [...]” (PINTAUDI, 2009, p. 57).

A estrutura espacial do comércio varejista na cidade foi elaborada primeiramente por Proudfoot (1937) e depois por Berry (1967). Destaca-se, no entanto que, as leituras e sugestões de modelos ideais de ambos os autores são pertinentes para a discussão do presente trabalho, porque foram produzidas em momentos de expansão dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro. Elas podem contribuir para a discussão que se pretende realizar: a análise da difusão espacial dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro.

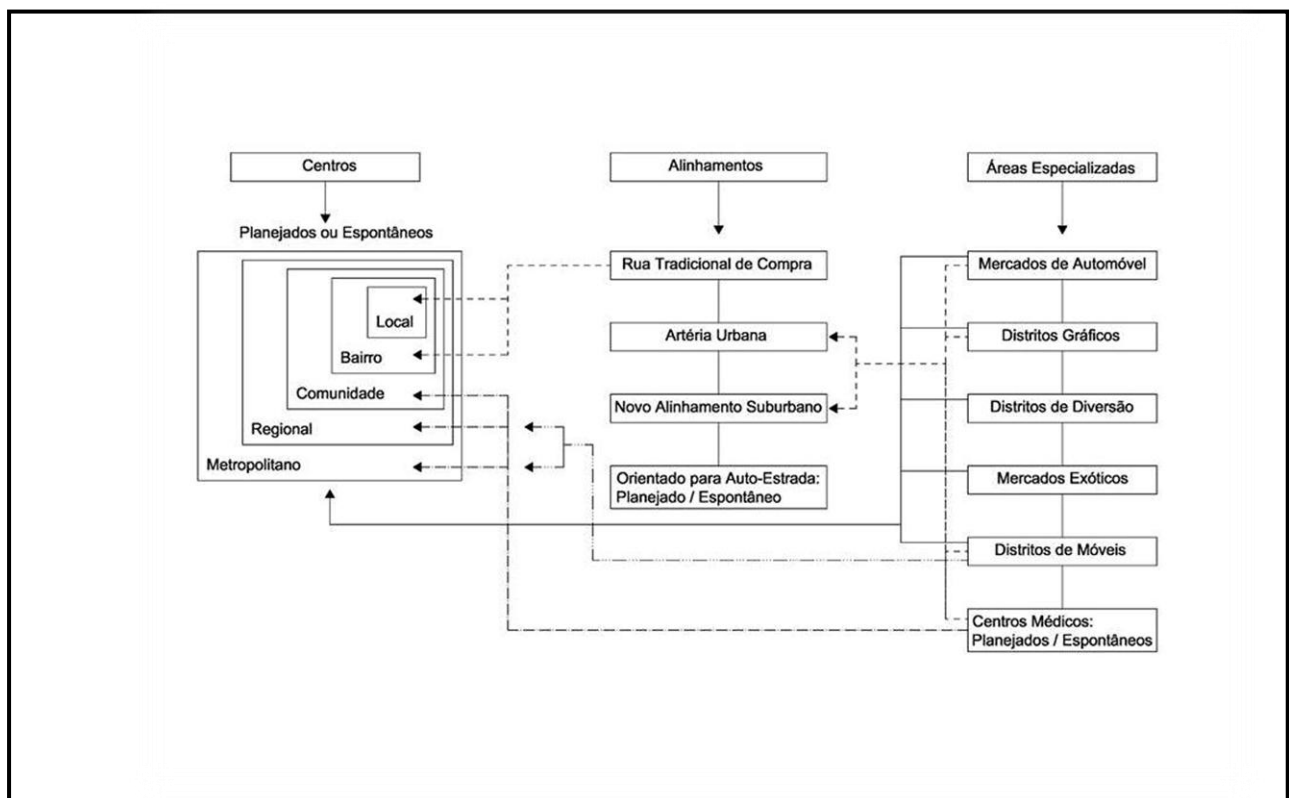
Proudfoot (1937) em artigo sobre a estrutura varejista de algumas cidades americanas, como Chicago e Atlanta, indica cinco tipos de estrutura varejista. Essas estruturas diferenciam-se pela classe e produtos vendidos, concentração espacial ou dispersão dos mercados e caráter das áreas tributárias de clientes (Proudfoot, 1937). O primeiro tipo é o “*central business district*” (distrito central de negócios), onde, segundo o autor, as lojas varejistas realizam um grande volume de vendas por unidade de área. O espaço neste perímetro é otimizado pela concentração de prédios onde as lojas estão nos andares térreos e as atividades de serviços nas salas superiores. Normalmente são grandes lojas departamentais, como de roupas para homens e mulheres, sapatarias, móveis e outros bens, e em menor quantidade drogarias, restaurantes e outros. O “*central business district*” atrai consumidores de todas as áreas da cidade e converge para ele um grande número de meios de transporte. Por conta disso, a região também é conhecida pela congestão no tráfego. Por fim, a ocupação residencial é restrita a hotéis dispersos. O segundo tipo é o “*outlying business district*” (centro de negócios distante) considerado como uma miniatura do distrito central de negócios, sem exceder, no entanto, o número de vendas por área e sem atrair consumidores de todas as áreas da cidade (apesar de atrair residentes de longa distância). O terceiro tipo é o “*principal business thoroughfare*” (avenida principal de negócios), uma avenida repleta de lojas de “*convenience goods*” (bens de consumo frequente) e de certa densidade de tráfego. Os consumidores dessa área são uma pequena porção desse denso tráfego. O quarto tipo é o “*neighborhood business street*” (rua de negócios da vizinhança) onde há pequenas lojas de “*convenience goods*”, como drogarias, quitandas e açougues, que atraem somente clientes de pequenas distâncias. E, por fim, o quinto tipo é o “*the isolate store cluster*” (grupo de lojas isoladas), uma área de menor significado localizada na franja urbana densamente povoada onde se encontram lojas de “*convenience goods*”.

O texto de Proudfoot (1937) valoriza os eixos de tráfego como áreas de concentração de atividades terciárias. Ele foi redigido em um período no qual estas atividades ainda não estavam concentradas em shopping centers. Contudo, o artigo é importante, porque data de um período em que a cidade do Rio de Janeiro expandia-se em número de cinemas, conforme

afirmado anteriormente. Segundo Chaves (2001), em 1925, havia, na cidade do Rio de Janeiro, 47 cinemas, enquanto que em 1940, 85 salas de cinema. Essa expansão acontecia sob a lógica do processo de descentralização e recentralização das atividades terciárias em ruas de tráfego e subcentros.

Trinta anos após a publicação de Proudfoot (1937) sobre estruturas comerciais varejistas, Berry (1967) apresenta uma tipologia de áreas de negócios dentro da metrópole (Figura 5). Essa tipologia está baseada em centros hierarquizados dispostos em áreas, eixos de tráfego e áreas especializadas. O esquema apresentado por Berry (1967) diferencia-se pelo fato de incorporar inovações na esfera das atividades terciárias do pós Segunda Guerra Mundial, tais como os shopping centers.

Figura 5: Tipologia de áreas de negócios e comércio



Fonte: Berry, 1967 *apud* Erthal (1980).

Os centros de negócios, dispostos em áreas, que podem ser planejadas ou não, estão organizadas segundo uma hierarquia que leva em conta a distribuição geográfica dos consumidores, pois cada centro está localizado de forma que possa servir ao máximo de frequentadores possíveis, mas ao mesmo tempo, precisam de um número mínimo de pessoas

para manter-se em funcionamento (Berry, 1971). De acordo com o autor, a hierarquia é resultante de dois fatores:

“A hierarquia resulta – (a) do lado da oferta, diferentes funções comerciais tem diversas condições de mercado mínimo, e assim demandam áreas comerciais mínimas de diferentes tamanhos para o seu sustento, e (b) do lado da demanda, os consumidores gastam diferentes proporções de sua renda em diversos bens e serviços, e os compram com diferentes graus de frequência. Alcance espacial mínimo (“*low threshold*”), alta frequência de funções são encontradas nos centros de menor nível (“*convenience goods centers*”), enquanto que alcance espacial máximo (“*high threshold*”), baixa frequência de funções são encontradas nos núcleos de níveis mais altos servindo a áreas de mercado maiores (“*shopping goods centers*”).” (Berry, 1971, p. 362 e 363).

Sendo assim, Berry (1971) aponta que, respectivamente do nível mais baixo ao nível mais alto dentro da hierarquia dos centros de negócios estão: 1) centro local (“*convenience center*”), onde encontra-se uma combinação entre lojas de farmácia e mercearias que atendem residentes de dois ou três blocos de distância do centro; 2) centro de bairro (“*neighborhood center*”) onde encontram-se mercearias, pequenos supermercados, farmácias, lavanderias, barbearias e pequenos restaurantes; 3) centro de comunidade (“*community center*”) onde há lojas de roupas, padarias, joalherias, floriculturas, correios e, talvez, alguns bancos; 4) centro regional (“*regional center*”) onde há lojas de sapatos, instrumentos musicais, brinquedos, fotografias e assim por diante e 5) distrito central de negócios (“*metropolitan CBD*”), que como afirma Berry (1967), é o nível mais alto da hierarquia, onde está a maior densidade de pedestres e o maior valor da terra. Ali, se encontram atividades de varejo, consultórios médicos, escritórios, hotéis, atividades de lazer etc.

Já os eixos podem ser divididos em grandes vias de tráfego ou *railways*, segundo Berry (1967), e autoestradas, segundo Erthal (1980), e artérias urbanas. As primeiras dependem da demanda daqueles que as utilizam, ou seja, quanto maior o tráfego maior o consumo nos estabelecimentos localizados ao longo das mesmas. As lojas são, segundo Berry (1971), de postos de gasolina, restaurantes e pequenos mercados de frutas e verduras, indicando que seus usos não são combinados. As artérias urbanas são compostas por atividades comerciais tais como lojas de móveis, de autopeças e lojas de eletrodomésticos que atendem a um público com demandas especializadas não frequentes, podendo encontrar em um mesmo local grande variedade de lojas, preços e produtos, conforme Berry (1971).

Por fim, as áreas especializadas podem estar divididas entre mercados de automóveis (concessionárias, lojas de autopeças), distritos gráficos, distrito de entretenimento, mercados exóticos, distrito de móveis e centros médicos.

Cabe ressaltar que Berry (1967) ainda afirma que essa tipologia é falha por não capturar a verdadeira diversidade, porque as classificações convencionais de tipo de negócios mudam com a metrópole. Esta observação nos alerta para a não aplicação direta do modelo exposto por Berry (1967) ao nosso estudo.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, os cinemas estão dispersos tanto por meio de centros de área local, de bairro, regional ou metropolitano, quanto em eixos de tráfego, como, por exemplo, à Rua Voluntários da Pátria, no bairro Botafogo, onde há dois cinemas com 3 salas de exibição cada um e, também, em áreas especializadas, hoje reconhecidas como shopping centers.

Por fim, o terceiro bloco de discussões teóricas aborda as transformações econômico culturais que levaram a criação dos shopping centers e a consequente mudança de endereço das salas de cinema, daquelas tradicionalmente instaladas na rua para os grandes complexos dentro de shopping centers, a partir da década de 1980, na cidade do Rio de Janeiro.

Quando o assunto é shopping center há que se destacar, especialmente, duas características: sua localização e atributos que podem acarretar em uma centralidade construída e seus aspectos particulares de consumo e lazer, gerando outras relações entre a sociedade e o espaço. Mas, primeiramente, o que consideramos respeito de um shopping center? Segundo Pintaui (1992), estes são centros de compra e de alguns serviços criados para atender uma parcela específica da população que se identifica de alguma maneira com o local, gerando assim, um espaço segregado. Acrescentamos, no entanto, as palavras de Frúgoli Jr. (1992), ao afirmar que os shopping centers também são um lugar de sociabilidade e de consumo simbólico. Ademais, conforme indica o mesmo autor, tal homogeneidade de frequentadores gerando um lugar segregado também deve ser repensada, visto que os shopping centers se expandem para diversas regiões da cidade atraindo públicos de variadas faixas de renda, gerando um espaço “interclasses” (Frúgoli Jr., 1992).

O sucesso econômico dos shopping centers, assim como dos demais lugares de troca de mercadorias, dependem de sua localização, conforme afirma Pintaui (1992). A autora indica que, no caso dos shopping centers, diferentemente de pequenos empreendimentos comerciais, são fruto de grandes investimentos imobiliários em um capital imobilizado representado pelo shopping center. Sendo assim, não existe muita flexibilidade em situações mal sucedidas e, por isso, a decisão sobre o local interessante para construir empreendimento de tal dimensão como os shopping centers deve ser tomada com base em estratégias locais. Em consequência, e por suas características de centro comercial e de serviços, os

shopping centers podem gerar uma centralidade construída. Pintaudi (1992) versa sobre o assunto sugerindo um problema de centralidade:

“O shopping center é uma das formas através das quais se vê expressa a produção monopolista do espaço. Isso significa dizer que ele não é fruto do prolongamento, da expansão comercial de um lugar, mas antes fruto de uma ruptura com o virtual destino de um lugar. Os shopping centers não são implantados em locais tradicionalmente comerciais, a não ser eventualmente, quando as condições o permitem, e essa localização não é condição necessária. Isso nos coloca também, diante do problema da centralidade.” (PINTAUDI, 1992, p. 42).

O objetivo da pesquisa não é dissertar sobre o problema da centralidade em si, mas indicar como este aparelho urbano, os shopping centers, é capaz de modificar o espaço e seu entorno. Como afirma Gaeta (1992), conforme estes foram ganhando mercado, transformaram-se em sinônimo de função comercial, tornando-se parte importante na “renovação” urbana, gerando mudanças na valorização diferencial da cidade (Gaeta, 1992).

Quanto ao segundo aspecto particular aos shopping centers que se refere à criação de novas formas de consumo e lazer vale, primeiramente, destacar a inquietação de Frúgoli Jr. (1992):

“Ao invés de se buscarem referências e justificativas num “passado perdido”, imaginando-se os shopping centers como versões moderna de “praças” ou “comunidades”, talvez seja mais fecundo equacionar claramente os novos hábitos de consumo, lazer e sociabilidade derivados da modernização brasileira, da qual os shopping centers fazem parte, e resgatar nessa análise sentidos de modernidade que ainda não se realizaram.” (FRÚGOLI Jr., 1992, p. 92).

O autor considera os shopping centers como um dado da realidade e não como um possível lugar correspondente a praças ou a comunidades, uma vez que com o advento dos shopping centers criam-se novas relações de compras e de lazer, seja por seus novos hábitos de consumo seja por sociabilidade. Esses são assuntos que o autor aborda em artigo datado em 1992 e que possuem relevância para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Corrêa (2013) também disserta sobre o assunto ao escrever sobre a paisagem da simulação:

“[...] capta-se o sentido ideológico das formas simbólicas existentes nos shopping centers. Este sentido é escamotear o estímulo para se comprar mais, tornando o ato da compra livre de possíveis sentimentos de culpa, levando a se considerar o shopping center não apenas como local de compras, mas também de entretenimento, lazer, convivência social, cultura e civilidade. A ideologia faz crer que se trata de um espaço público, limpo, seguro, livre dos perigos existentes fora de sua área privada e controlada.” (CORRÊA, 2013, p. 96).

As afirmações de Frugoli Jr. (1992) e Corrêa (2013) são um esforço em ultrapassar a interpretação dos shopping centers como um simples lugar de centro de compras. Ambos os autores entendem que os shopping centers reúnem as funções de gerar novas relações sociais e de consumo do espaço, conforme aponta Salgueiro e Cachinho (2009):

“[...] a cidade e os estabelecimentos comerciais, além de serem lugares de compra e de abastecimento, podem também ser interpretados como “objectos de consumo” passíveis de serem consumidos por meio de experiências muito distintas; sobretudo visuais, naturalmente, devido ao poder de comunicação da imagem, mas também olfactivas, sonoras, tácteis ou mesmo degustativas.” (SALGUEIRO & CACHINHO, 2009, p. 31).

Devido ao caráter voltado ao lazer e ao entretenimento agregado aos cinemas, estes convergem para o contexto de novas formas de sociabilidade e consumo simbólico. Frequentar o cinema significa não apenas assistir ao filme, mas consumir também o ambiente onde o cinema foi construído e instalado, participando de uma rede social de amigos e, consequentemente, de momentos de sociabilização e de consumo simbólico.

Apesar das controvérsias, foi na cidade de São Paulo-SP, em 1966, que se instalou o primeiro shopping center brasileiro, o Shopping Center Iguatemi (Pintaudi, 1992). Na capital carioca o primeiro shopping center instalou-se na cidade apenas em 1980, o Rio Sul Shopping Center, no bairro Botafogo, Zona Sul da cidade (Pintaudi, 1992). Outros autores como Fernandes e Andrade (2010), em texto que busca uma abordagem acerca da construção dos shopping centers nos subúrbios cariocas, afirmam que o primeiro shopping center brasileiro foi o Shopping do Méier, inaugurado em 1965 no bairro Méier, Rio de Janeiro. Entende-se, contudo que, de acordo com os padrões desses centros de compras destacados acima, assumem-se no presente trabalho as afirmações de Pintaudi (1992). Destaca-se, assim que, neste interstício - a inauguração do primeiro shopping center em São Paulo e o primeiro no Rio de Janeiro, outras cidades tiveram inaugurados shopping centers, tais como Salvador - BA, Belo Horizonte - MG, Londrina - PR e Distrito Federal (Pintaudi, 1992).

Esse “atraso”, se assim pudermos considerar, na inauguração de tal aparelho de compras na cidade do Rio de Janeiro, não significou, no entanto, um entrave para sua disseminação pela cidade, pois, como indicou Pintaudi (1992), as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro são aquelas com o maior número de shopping centers no Brasil devido aos seus amplos contingentes populacionais com altos potenciais de compra. De acordo com dados da Associação Brasileira de Shopping Center (ABRASCE), em novembro de 2013, havia, em São Paulo, 53 shopping centers e, no Rio de Janeiro, 35, representando respectivamente o

primeiro e segundo lugar no *ranking* de capitais com maior número de centros de compra desse tipo. Esses 35 shopping centers existentes, no Rio de Janeiro, representam sólida base para a localização dos cinemas na cidade, conforme será observado futuramente.

A discussão acima não coloca em evidência o problema locacional dos cinemas no espaço urbano, no entanto, nos ajudará a entender a localização dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro. A discussão é muito mais ampla e os cinemas estão no seu interior.

2. Os procedimentos metodológicos

A metodologia é o conjunto de procedimentos operacionais utilizados para responder a questão central e as subquestões do trabalho, ou seja, é caminho por meio do qual nós efetivamente fazemos a pesquisas e realizar. A dissertação aqui apresentada foi elaborada especialmente com base no livro **Palácios e Poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro**, lançado pela autora Alice Gonzaga no ano de 1996. O referido livro é uma obra que relata a história das salas de cinema na cidade do Rio de Janeiro, desde seus primórdios, quando, em 1896, instalou-se o primeiro cinema na cidade, até o ano de 1995, já indicando a passagem dos cinemas de rua para os cinemas em shopping centers. O texto é rico em detalhes da história e das condições socioeconômicas da época e ainda contém ilustrações como fotografias, charges e plantas de alguns cinemas. O livro também oferece um anexo intitulado “Salas de Exibição: 1896 - 1995”. Esse anexo lista os cinemas na cidade do Rio de Janeiro, levando em consideração o ano de inauguração dos mesmos. A listagem detalha o nome do cinema, o endereço completo da localização e seu respectivo período de funcionamento. Na maioria dos casos, há também a lotação da sala e a empresa exibidora. Considerando-se possíveis mudanças de ambas as características ao longo dos anos, além dos nomes sucessivos que uma determinada sala de exibição teve e outros tipos de observações. Esta fonte indica, portanto, mínimas informações espaço-temporais que são de fundamental importância para uma pesquisa de cunho geográfico.

Os procedimentos analíticos, isto é, o conjunto de operações mais ou menos complexas através das quais os dados são sistematicamente analisados, classificados e têm estabelecidas relações com outras fontes e informações, ou simplesmente o refinamento das informações contidas no anexo “Salas de Exibição: 1896 - 1995” foram divididos em três etapas principais: os procedimentos analíticos para a elaboração dos quadros, mapas e, por fim, os esquemas gráficos, que poderão ser apreciados nos capítulos subsequentes.

Anteriormente à organização dos dados sobre os cinemas informados por Gonzaga (1996) em um quadro geral, foi preciso gerar alguns critérios, a seguir explicitados.

A) Casos em que o estabelecimento cinematográfico tenha tido ou tenha mais de uma sala de exibição contabilizaram-se unitariamente cada uma delas. Assim, num estabelecimento com 3 salas de exibição, foram considerados 3 cinemas no mesmo endereço.

B) No caso dos cinemas que tiveram seu nome comercial alterado, considerou-se apenas o ano de inauguração inicial do cinema, com seu nome original. Por exemplo, se em 1910 inaugurou-se o Cinema A, mas em 1914 ele teve seu nome alterado para Cinema B, consideramos apenas que em 1910 inaugurou-se 1 cinema, o Cinema A.

C) Cinemas que tiveram sua sala subdividida em duas ou mais foram novamente contabilizados, ou seja, considerou-se mais um novo ano de inauguração, como por exemplo, o Cine Roxy que, originalmente, foi inaugurado em 1938, com apenas 1 sala, mas, em 1991, foi reinaugurado com 3 salas de exibição. Dessa forma, considerou-se o primeiro ano de inauguração com 1 sala de exibição na cidade e o segundo ano de inauguração com 3 novas salas de exibição.

D) Há um caso específico em que Gonzaga (1996) não soube definir exatamente se o cinema teve seu nome alterado, porque, apesar de localizarem-se no mesmo bairro, não foi possível averiguar o endereço completo do cinema. Foi o caso do cinematógrafo, isto é, um cinema sem nome inaugurado em 1911, no bairro de Jacarepaguá, que, em momento posterior, fora, supostamente, substituído pelo Cinema Lux, no ano de 1913, e que, por sua vez, teve seu nome modificado para Cine Ipiranga, em 1929. Neste caso específico, consideramos que estes foram sim modificados, portanto, contabilizamos, apenas, que, em 1911, foi inaugurado 1 cinema, o cinematógrafo sem nome.

E) Desconsideraram-se cinemas em que não foi possível identificar logradouro e bairro da sala de exibição, como, por exemplo, o Cinema Bastos, inaugurado em 1964, e o Cine Astral, inaugurado em 1949, ambos descritos pela autora como “localização desconhecida”. Tal critério acarretou o descarte de 14 cinemas ao longo do período analisado.

F) Foram desconsiderados 4 cinemas cujas informações relativas a eles não permitiram identificar se houve exibição de filmes conforme expõe a autora.

G) Desconsideraram-se aquelas salas onde não havia informações sobre o ano de inauguração ou o ano de fechamento dos cinemas, totalizando 32 cinemas nessa condição.

H) Excluíram-se os cinemas inaugurados na Ilha de Paquetá, sendo eles: Cinematógrafo Silveira (1907-1914), Cinematógrafo sem nome (1909), Cinema Paquetá (1921-1932),

substituído pelo Cine Sport (1932-1959) e Cinema Tamoio (1955-1971), substituído pelo Cine Paquetá (1971). Tendo em vista que se trata de uma pequena ilha na Baía de Guanabara, a localização dos cinemas na mesma não interferiria nos objetivos da presente pesquisa. No entanto, nota-se que na Ilha de Paquetá já em 1907 inaugurava seu primeiro cinema.

Após o estabelecimento de tais critérios, geraram-se seis planilhas produzidas na plataforma Excel, cada uma delas referente a uma zona, previamente repartida, da cidade como se segue: Zona Norte, Bairros Suburbanos, Zona Sul, Zona Oeste, Barra da Tijuca e Centro. Cada planilha é composta por seis colunas, sendo elas: nome do cinema, ano de inauguração, ano de fechamento, endereço, número e bairro (vide Anexos A, B, C, D, E e F). O jogo escalar definido para a análise da cidade será devidamente explicado no capítulo seguinte.

O passo subsequente é a elaboração dos quadros referentes ao número de cinemas em funcionamento na cidade e nas respectivas áreas em que a cidade foi dividida. Esses quadros foram elaborados de acordo com, primeiramente, a periodização estabelecida, de 10 em 10 anos, sendo o ano inicial 1905 e o final 1994; e depois pelas informações do ano de inauguração e fechamento dos cinemas, assim sendo possível definir quais permaneceram em funcionamento em cada um dos períodos. Consideramos “cinemas em funcionamento” aqueles que funcionaram durante o período, independentemente do seu ano de inauguração (que pode ter sido no período em estudo ou em períodos anteriores) e do seu ano de fechamento (que pode ter sido naquele mesmo período analisado, em períodos futuros ou ainda estarem em funcionamento). Assim, por exemplo, no período entre 1905-1914 os “cinemas em funcionamento” são aqueles inaugurados anteriormente a 1905 até 1914 e fechados a partir de 1905. “Cinemas em funcionamento” podem, então, ter tido suas portas abertas por dias, meses ou anos.

A partir dessas planilhas foi possível elaborar gráficos indicativos da evolução ou retração do número de cinemas em funcionamento segundo linhas de tendência.

Detendo a informação quanto ao número de cinemas em funcionamento na área definida para a análise sincrônica -a Cinelândia -, elaboraram-se, também, esquemas gráficos que representam em maiores detalhes a localização de cada um deles. Servindo-se do referencial cartográfico oferecido pelo Google Maps, utilizou-se o *software* AutoCad para desenhar o traçado das ruas, delimitando as áreas em estudo. Com isso foi possível identificar esquematicamente a localização dos cinemas segundo o período em análise.

Por fim, elaboraram-se os mapas temáticos utilizando-se o *software* ArcGIS de acordo com a base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 2000. As informações contidas nos mapas foram adaptadas de Soares (1965) e Gonzaga (1996).

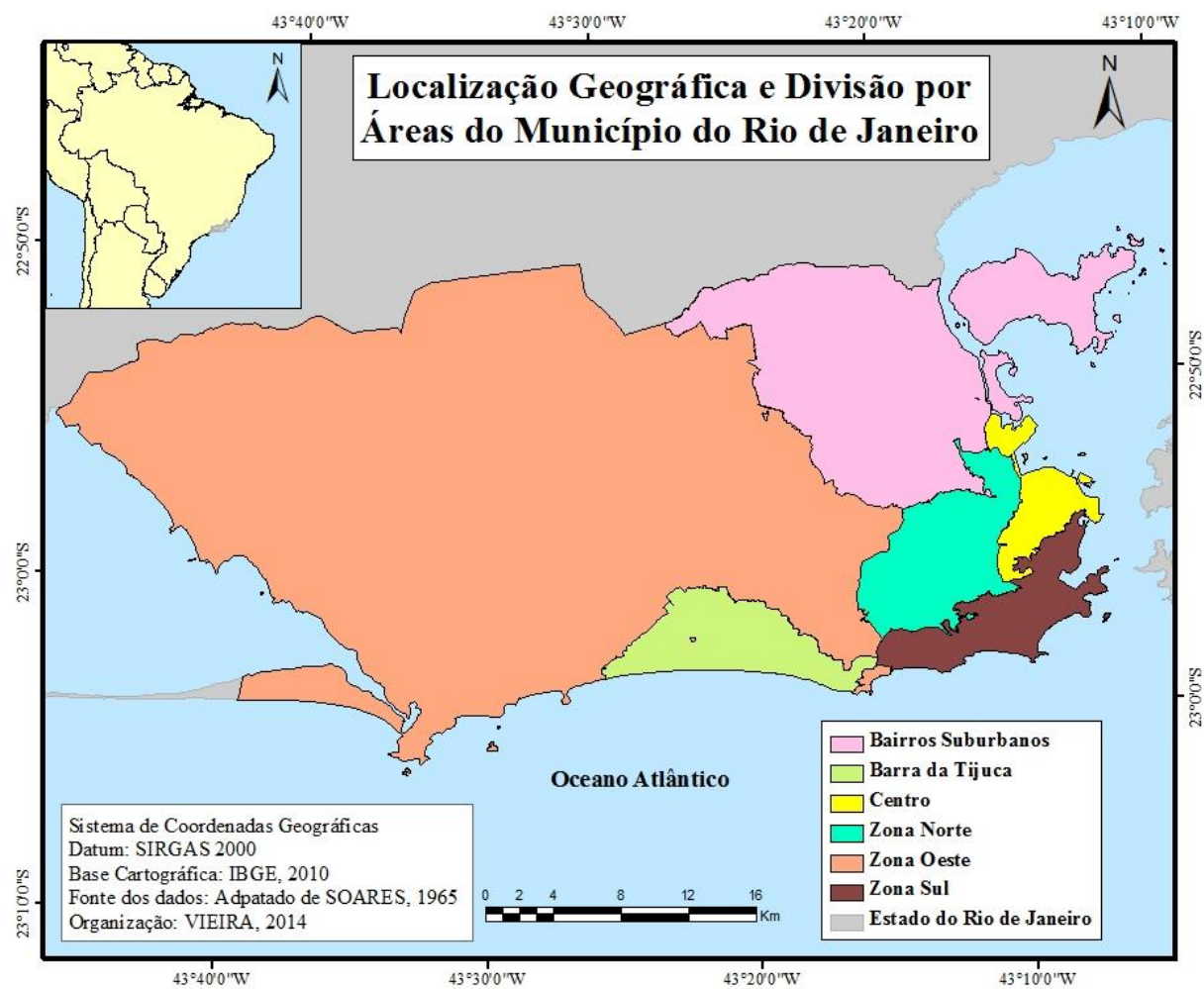
3. Trajetória dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro (1905 – 1994)

Este capítulo versa sobre a dinâmica geral dos cinemas no que tange ao tempo e uma análise da trajetória, no tocante ao espaço, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1905 e 1994, portanto, sob um prisma diacrônico.

Anteriormente às análises qualitativa e quantitativa da trajetória dos cinemas na cidade, é preciso esclarecer dois pontos de partida para esse capítulo: o jogo escalar utilizado para analisar as áreas da cidade e a divisão da periodização pré-determinada em três momentos principais.

No âmbito do presente trabalho, como apreciaremos mais adiante, a cidade do Rio de Janeiro foi subdividida em seis áreas: Zona Sul, Zona Norte, Bairros Suburbanos, Centro, Zona Oeste e Barra da Tijuca, conforme indica o Mapa 1. Corrêa (2003b) já apontara, com base em outros autores, para a complexidade sobre o assunto “escala”. No mesmo artigo o autor esclarece as três escalas conceituais de análise geográfica do urbano: processo de urbanização, rede urbana e espaço urbano, ou simplesmente, o espaço intraurbano. Segundo Corrêa (2003b), a escala do espaço urbano, adotada aqui, é fruto de uma operação escalar na qual a escala cartográfica foi ampliada. Dessa maneira conseguimos observar com mais detalhes a variedade de usos da terra urbana, como por exemplo, o distrito central de negócios, as áreas industriais ou sociais. No caso desta dissertação, para que pudéssemos analisar com mais precisão os dados referentes ao número de cinemas em funcionamento, seus processos e efeitos na cidade e em suas respectivas áreas, utilizamo-nos da operação escalar exposta na sequência.

Mapa 1: Localização Geográfica e Divisão por Áreas do Município do Rio de Janeiro



Consideremos ainda duas maiores explicações quanto à subdivisão entre Zona Oeste e Barra da Tijuca e Zona Norte e Bairros Suburbanos. A Barra da Tijuca, formalmente pertencente à Zona Oeste, será aqui analisada separadamente por causa de suas díspares características quanto à história de ocupação, características urbanas e, também, pela ocupação de estabelecimentos cinematográficos. Em relação à divisão entre Zona Norte e Bairros Suburbanos, apoiamo-nos em Soares (1965) que faz essa distinção. Consoante à autora, a Zona Norte é formada pelos bairros Tijuca, Andaraí, Grajaú, Maracanã, Rio Comprido, Vila Isabel e São Cristóvão, onde predominavam residências de classe média, um número significativo de estabelecimentos industriais e um desenvolvimento moderado de estabelecimentos de serviços, inclusive com a Praça Saens Peña já despontando como subcentro comercial. Já os Bairros Suburbanos eram aqueles que, segundo a autora, estavam associados a duas características principais, ao trem como meio de transporte e ao predomínio de uma população com recursos escassos, divididos entre os bairros suburbanos da Central e os bairros suburbanos da Leopoldina, Linha Auxiliar e Rio d'Ouro. Entendemos que as características pelas quais Soares (1965) diferenciou a Zona Norte e os Bairros Suburbanos não se aplicam em sua maioria nos dias de hoje, no entanto, por se tratar de um trabalho que tem como referência temporal o período no qual a autora escrevia e publicava o artigo, essa distinção é pertinente.

No bojo dessa discussão é importante, ainda, esclarecer que entendemos as mutações nas características e nos limites em cada uma das áreas estabelecidas para a pesquisa no decorrer do tempo, ou seja, nenhuma delas é imutável. Essas classificações por área não pretendem ser fiéis ao período em análise, todavia buscam auxiliar na compreensão do objetivo estabelecido para a dissertação.

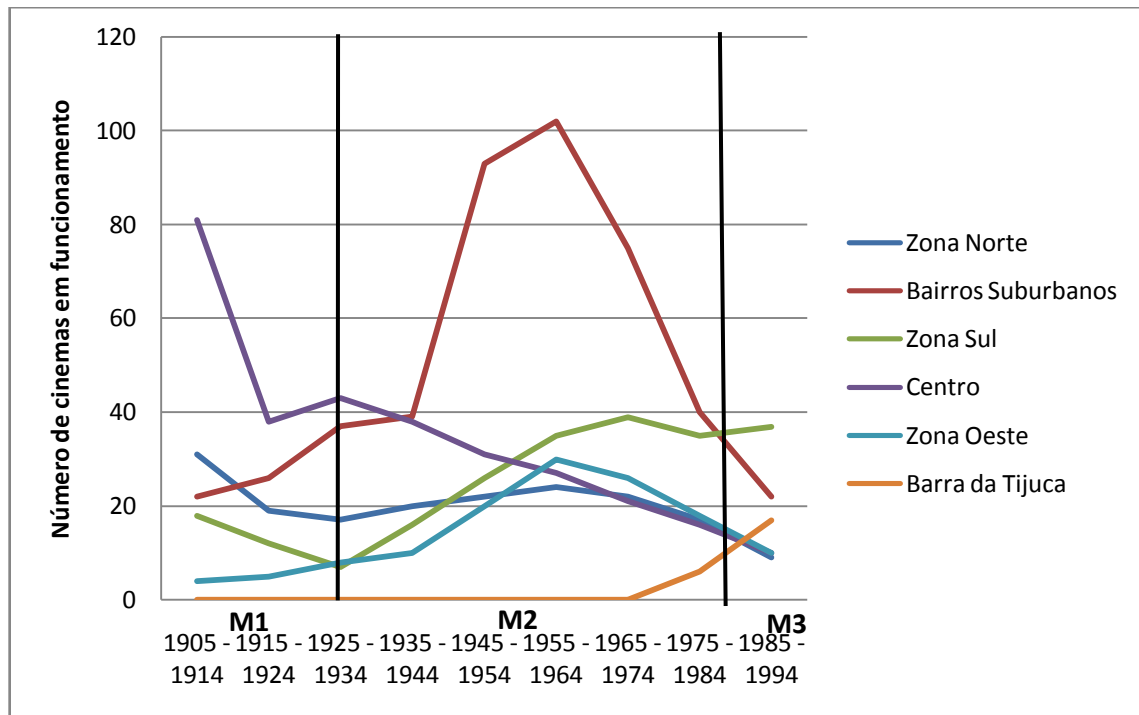
Caso não considerássemos a Barra da Tijuca, Zona Oeste, Zona Norte e Bairros Suburbanos isoladamente teríamos como resultado diferentes contextos quanto à instalação dos cinemas na cidade. Como afirmou Souza (2013), com base em Lacoste, a operação intelectual de mudança de escala pode transformar (radicalmente) a problemática do trabalho, implicando novas conceituações.

Finalmente, Souza (2013) escreve que as escalas de análise não são dadas. Elas serão definidas durante o processo de construção do objeto de conhecimento, já que, para focalizar e investigar uma determinada questão, algumas escalas serão mais adequadas do que outras, ou seja, suprirão com mais propriedade àquilo que se deseja pesquisar. Portanto, o jogo

escalar aqui adotado é fruto de um trabalho de combinar e recombinar escalas, de forma que a análise da distribuição espacial dos cinemas seja mais bem observada e analisada, isto é, seguindo o formato da cidade do Rio de Janeiro e suas respectivas seis áreas de análise já especificadas.

Elucidado o jogo escalar, passemos à explicação acerca da divisão da periodização pré-determinada em três momentos principais. A periodização do presente trabalho tem como base 9 períodos, cada um com 10 anos de duração. A data inicial é 1905 e a final, 1994. Portanto, o recorte temporal ficou definido assim: 1905-1914, 1915-1924, 1925-1934, 1935-1944, 1945-1954, 1955-1964, 1965-1974, 1975-1984, 1985-1994. A análise dessa periodização decenal, portanto, formal, nos levou a observar uma relativa homogeneidade da ocorrência de cinemas ao longo do tempo, fazendo com que reagrupássemos essa periodização eminentemente formal em três momentos que serão base para nossa análise. O primeiro momento é o de centralização dos cinemas no Centro, que vai de 1905 até 1934, quando esta área da cidade reunia o maior número de salas (110) em funcionamento. O segundo momento é o de descentralização nos Bairros Suburbanos, entre os anos de 1935 e 1984, uma vez que esses bairros somavam 128 cinemas em funcionamento, e o terceiro momento ocorre entre 1985-1994, quando há a ascensão dos shopping centers na cidade e a Zona Sul se destacando com 37 salas de cinema em atividade. O gráfico a seguir ilustra a distribuição espacial dos cinemas no Rio de Janeiro segundo suas áreas de análise, indicando também a divisão dos 9 períodos formais nos três momentos principais, 1905-1934, 1935-1984 e 1985-1994.

Gráfico 2: Distribuição espacial dos cinemas segundo períodos e momentos na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Gonzaga (1996).

O Gráfico 2 é um reflexo daquilo que compõe o Quadro 3, que demonstra detalhadamente o número de cinemas em funcionamento, período por período, e do Quadro 4, que indica o montante de cinemas em atividade de acordo com o momento. Abreu (1987[2011]), ao fazer a mesma operação de determinar momentos para a análise da evolução urbana da metrópole carioca, evoca que os momentos destacados por ele estão sujeitos à crítica uma vez que toda classificação é arbitrária. Da mesma forma, na presente dissertação, os momentos aqui selecionados também estão sujeitos a críticas.

Quadro 3: Cinemas em funcionamento segundo períodos e áreas na cidade do Rio de Janeiro (1905-1994)

ÁREAS	PERÍODOS								
	1905 – 1914	1915 – 1924	1925 – 1934	1935 – 1944	1945 – 1954	1955 – 1964	1965 – 1974	1975 – 1984	1985 – 1994
Rio de Janeiro - RJ	156	100	112	123	192	218	183	132	105
Zona Sul	18	12	7	16	26	35	39	35	37
Zona Norte	31	19	17	20	22	24	22	17	9
Bairros Suburbanos	22	26	37	39	93	102	75	40	22
Centro	81	38	43	38	31	27	21	16	10
Zona Oeste	4	5	8	10	20	30	26	18	10
Barra da Tijuca	-	-	-	-	-	-	-	6	17

Fonte: Gonzaga (1996).

Quadro 4: Cinemas em funcionamento segundo os momentos e áreas na cidade do Rio de Janeiro (1905-1994)

ÁREAS	MOMENTOS		
	Momento 1: 1905 – 1934	Momento 2: 1935 – 1984	Momento 3: 1985 - 1994
Rio de Janeiro - RJ	250	310	105
Zona Sul	27	53	37
Zona Norte	41	38	9
Bairros Suburbanos	59	128	22
Centro	110	44	10
Zona Oeste	13	41	10
Barra da Tijuca	-	6	17

Fonte: Gonzaga (1996).

Primeiramente, é importante esclarecer que o resultado dos momentos não é o somatório do número de cinemas em cada um dos períodos que aquele momento corresponde. Assim, por exemplo, o primeiro momento (M1) é resultado dos cinemas inaugurados no período 1 (P1) mais os inaugurados no período 2 (P2) e no período 3 (P3), com a devida atenção para desconsiderar aqueles que já haviam sido inaugurados nos períodos anteriores, evitando assim duplicação na contagem.

O M1 indica o período de centralização dos cinemas na área central da cidade. Durante os 30 anos correspondentes ao M1, 1905-1934, o Centro manteve em funcionamento 110 cinemas, frente aos 59 nos Bairros Suburbanos, 41 na Zona Norte, 27 na Zona Sul e 13 na Zona Oeste. Os cinemas na Barra da Tijuca só aparecerão no segundo momento - M2. O Centro, portanto, manteve 44% de cinemas em atividade no curso do M1. Sabe-se, no entanto, que neste momento o Centro não se destacava apenas pela concentração de estabelecimentos cinematográficos, mas também pela concentração da maioria dos serviços e comércio, postos de trabalho, linhas de bonde, caracterizando-se assim pelo que entendemos por processo de centralização, já apresentado e discutido no Capítulo 1. Por outro lado, os cinemas que ali se localizavam apresentavam uma instabilidade em sua duração, podendo variar entre dias, meses ou anos. Por se tratar de um momento inicial de instalação dos cinemas na cidade, muitos cinematógrafos, como eram chamados, não foram empreendimentos exitosos ou funcionavam de forma itinerante, ou seja, migravam de um bairro para outro conforme interesse do público pelo espetáculo (Gonzaga, 1996). Segundo a mesma autora, o insucesso inicial de algumas salas se explicava, por um lado, pela péssima qualidade de exibição que apresentavam problemas como a flicagem, o espaço entre um fotograma e outro e o lusco-fusco das imagens, não descartando nem mesmo as melhores máquinas de projetores. Por outro lado, pelo escasso estoque de filmes que tornava o espetáculo cinematográfico desinteressante por não trazer novidade. De acordo com Gonzaga (1996) essas deficiências foram melhorando a partir de 1904, com o aperfeiçoamento dos projetores. Vale ressaltar que o que entendemos hoje por cinema não era realidade nos primeiros anos do século XX, quando ‘ir ao cinema’, como evidencia Gonzaga (1996), era um ato de apreciação de “imagens fotográficas sequenciadas e projetadas em forma contínua e ampliada” (Gonzaga, 1996, p. 52).

Dos 110 cinemas em funcionamento na área central durante o M1, 59 funcionaram apenas no P1, ou seja, entre 1905 e 1914 e os demais 51 funcionaram entre o P1 e P3 ou mais, estendendo sua vida útil ao longo dos demais momentos. Encontramos, portanto, no âmbito

do M1 duas fases. Uma referente à efêmera vida útil das salas de cinema, aproximadamente entre 1905 e 1914 e outra referente ao processo de estabilização e prolongamento do funcionamento dos cinemas na cidade, por volta de 1915 e 1934.

A primeira fase do M1 indica, dessa maneira, o insucesso inicial que fora exposto anteriormente. Salas como o Cinematógrafo da Força Policial que funcionou de novembro de 1911 até os fins do mesmo ano (Gonzaga, 1996, p. 286), onde já na época e ainda hoje é o Quartel General da Polícia Militar, à Rua Evaristo da Veiga, s/n. Por se tratar de um cinema que funcionou durante poucos dias em uma ambiente não construído especificamente para o uso cinematográfico, enquadra-se provavelmente em um dos casos de cinema itinerante. Assim como o cinema que funcionou no Passeio Público (Rua do Passeio, s/n) por pouco mais de um ano. Antes do cinema se instalar no parque no ano de 1905, o lugar já fazia sucesso com um teatro de ventríloquo e bar ao ar livre no início do século XX (Gonzaga, 1996, p. 72). Os espetáculos foram diversificando-se aos poucos, até que chega a exibição cinematográfica. Gonzaga (1996) descreve as condições do cinema Passeio Público e o entusiasmo da população com a novidade:

“Equipamento deficiente, tela a tremular entre duas árvores, barulhos os mais diversos mal abafados pelo conjuntinho que acompanhava os filmes, nada foi capaz de abalar o deslumbramento da população diante das primeiras fitas de mais de 500 metros (cerca de 10 minutos) a serem exibidas na cidade.” (GONZAGA, 1996, p. 73).

Outros exemplos da efêmera passagem dos cinemas nesta primeira fase do M1 são o Cinema Elite, inaugurado em meados de 1910, à Av. Marechal Floriano, nº17/19, que apesar de ter tido seu nome substituído ao longo dos anos, manteve-se na ativa até o final de 1913, o Cinema Teatro Estácio, que funcionou aproximadamente por um ano, à Rua Estácio de Sá, nº 78, e o Salão de Novidades Paris a Rio, à Rua do Ouvidor, nº 141, que fora inaugurado ainda no século XIX (1897) e fechado em 1905 (Gonzaga, 1996).

Um acontecimento bastante associado aos primeiros anos do século XX é a Reforma Pereira Passos, que trouxe melhorias urbanas para a cidade do Rio de Janeiro, especialmente para a área central. No tocante às salas de cinema, a reforma gerou dois impactos principais: um novo e moderno logradouro para as instalações de cinemas - a Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco) e a elevação dos mesmos à condição de *must* da época (Gonzaga, 1996).

A Reforma Pereira Passos aconteceu entre os anos de 1903 e 1906, quando a cidade era dirigida pelo então prefeito Pereira Passos que comandou “a maior transformação já

verificada no espaço carioca até então” (Abreu, 1987[2011], p. 60). As mudanças eram feitas com o propósito de que o Rio de Janeiro se alinhasse às determinações econômicas e ideológicas da época, adequando-se às exigências do modo de produção capitalista (Abreu, 1987[2011]). Dentre as obras a mais importante é a construção da Avenida Central inaugurada no final de 1905 (Abreu, 1987[2011]). Para os estabelecimentos cinematográficos esta via foi um importante endereço no princípio do século XX. Daqueles 110 cinemas em funcionamento no M1, 15 localizavam-se nesta avenida. Nenhuma outra artéria no Centro concentraria tantos cinemas como o logradouro, que chamamos hoje, Avenida Rio Branco.

Quadro 5: Cinemas em funcionamento na Av. Rio Branco durante o Momento 1 (1905-1934)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cinematógrafo	20/11/1905	20/11/1905	Av. Rio Branco, 30
Cinematógrafo Paraíso do Rio	28/9/1907	25/1/1910	Av. Rio Branco, 103/105
Cinematógrafos Modernos	15/11/1907	25/11/1907	Av. Rio Branco, 183
Cinematógrafo Avenida	28/11/1907	1927	Av. Rio Branco, 153
Universal Animatógrafo	30/11/1907	17/1/1908	Av. Rio Branco, 167/171
Ferro Carril Asiático ²	10/2/1907	1913	Av. Rio Branco, 154
Grande Cinematógrafo Parisiense ³	10/8/1907	7/2/1954	Av. Rio Branco, 179
Cinematógrafo Chic ⁴	01/08/1907	1908	Av. Rio Branco, 173
Cinematógrafo Pathé ⁵	18/09/1907	3/12/1926	Av. Rio Branco, 145/149
Cinema Odeon ⁶	24/8/1909	23/12/1925	Av. Rio Branco, 137
Kinema Kosmos	27/10/1910	1/6/1911	Av. Rio Branco, 134
Cinema Pathé	15/11/1913	1/12/1940	Av. Rio Branco, 116
4ª Exposição Nacional de Milho	10/8/1918	22/8/1918	Av. Rio Branco, s/n
Cinema Central ⁷	15/11/1919	25/02/1951	Av. Rio Branco, 166/168
Parque Centenário	29/4/1920	17/11/1920	Av. Rio Branco, s/n

Fonte: Gonzaga (1996).

² O cinema Ferro Carril Asiático alterou seu nome para Pavilhão Internacional em 1907 (Gonzaga, 1996).

³ O Grande Cinematógrafo Parisiense alterou seu nome para Cine Texas em 1953 (ibid).

⁴ O Cinematógrafo Chic alterou seu nome para Cinematógrafo The Novelty Chic em 1908 (ibid).

⁵ O Cinematógrafo Pathé alterou seu nome para Cine Palais em 1914 (ibid).

⁶ O Cinema Odeon citado no quadro acima não deve ser confundido com aquele cinema de mesmo nome localizado na Praça Floriano, 07. São dois cinemas diferentes que funcionaram em momentos diferentes, porém com o mesmo nome comercial.

⁷ O Cinema Central alterou seu nome para Cine Eldorado em 1929 (ibid).

O fato de haver tantos cinemas na então inaugurada via de circulação do centro conduz à percepção de seu papel central para este tipo de estabelecimento comercial. Para Ferrez (1986) a avenida tornar-se-ia um marco, pois só após sua abertura as salas de cinemas manteriam programações permanentes. O autor ainda informa que nenhum comerciante gostava de inaugurar um estabelecimento ao lado ímpar da calçada da Av. Central por causa do incomodo causado pelo sol da tarde às senhoras da época. Entretanto pelo fato dos aluguéis serem mais baratos, a maioria dos cinemas localizava-se ao lado ímpar, o lado menos valorizado da avenida.

O segundo impacto impulsionado pela Reforma Pereira Passos nas salas de cinema não foi de caráter locacional, e sim relativo à ida ao cinema. Segundo Gonzaga (1996), o cinema foi elevado ao *must* da época. Em suas palavras:

“Chegou-se mesmo a prever o desaparecimento do livro e do teatro, tal a força com que as imagens em movimento e seus templos foram cultuados. Com isso, uma verdadeira febre apossou-se da cidade. Frequentar uma sala de exibição passou a significar cultivo e bom gosto. Ocorreu, em termos numéricos e de repercussão pública, um autêntico *boom*. Embora este impacto se tenha revelado fogo de palha, mostrou forças suficientes para fixar os primeiros rituais e a moldar um perfil para as salas de exibição, tanto no centro quanto nos subúrbios.” (GONZAGA, 1996, p. 86).

A autora refere-se, por um lado, ao grande crescimento no número de salas nos primeiros anos do século XX, por outro, às suas efêmeras permanências na cidade, como já exposto acima. Ainda segundo a autora, rapidamente descobriu-se não haver nem público e nem filmes para tantos cinemas inaugurados. A despeito dessa instabilidade inicial, nesse período é que foram abertos os primeiros espaços duradouros da cidade, independentemente a sua localização, como é o caso do Cine Iris no centro da cidade, inaugurado em 1909, ainda em atividade, do Cinema Riachuelo (Rua 24 de maio, nº 437) no bairro Riachuelo, que funcionou entre 1910 e 1981 e do Cinema América (Rua Conde de Bonfim, nº 334), na Tijuca que se manteve aberto de 1918 até o final da década de 1990.

Ainda referindo-se à primeira fase do M1, a Praça Tiradentes e seus arredores também constituíam uma área em destaque pela concentração de cinemas. Quatorze salas funcionavam entre os anos de 1905 e 1934. Esta concentração, apesar de se aproximar numericamente daquela da Av. Rio Branco, difere-se, porque, na praça, os cinemas estavam instalados em diferentes espaços, ainda que apresentassem relativa concentração neste momento inicial. A Praça Tiradentes corresponde à concentração em áreas especializadas e a Av. Rio Branco corresponde à concentração em eixos de tráfego, conforme apontou Berry (1967).

Quadro 6: Cinemas em funcionamento na Praça Tiradentes e adjacências durante o Momento 1 (1905-1934)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Teatro Lucinda	15/01/1897	1909	Rua Pedro I, 24
Teatro Variedades ⁸	10/04/1897	12/09/1931	Praça Tiradentes, s/n
Teatro São Pedro de Alcântara	16/05/1901	24/08/1913	Praça Tiradentes, s/n
Teatro Maison Moderne ⁹	30/08/1903	28/02/1982	Rua Pedro I, 11
Teatro Carlos Gomes ¹⁰	22/04/1905	26/04/1936	Praça Tiradentes, 19
Teatro Recreio Dramático	09/03/1905	13/03/1905	Rua Pedro I, 43/45
Café Cantante Moulin Rouge	01/08/1906	13/02/1910	Rua Pedro I, 02
Cinematógrafo Brasil	10/11/1907	13/07/1912	Praça Tiradentes, 01
Derby Cinema	10/08/1909	11/08/1909	Praça Tiradentes, 12
Ideal Cinema	02/10/1909	25/05/1961	Rua da Carioca, 60/62
Cinema Iris ¹¹	30/10/1909	Em atividade	Rua da Carioca, 49/51
Cinema Alegre	02/02/1916	27/02/1917	Rua Pedro I, 18
Cinema Paris	14/07/1921	01/05/1941	Praça Tiradentes, 42
Cine Cassino Tabaris	12/01/1933	13/08/1939	Rua Pedro I, 25

Fonte: Gonzaga (1996).

Somando-se o fato da Av. Rio Branco ter sido inaugurada em 1905 a características concernentes à Praça Tiradentes, tais como ser o ponto final ou ponto de passagem de várias linhas de bonde (Lima, 2000), a praça emergiu como centro de diversão e lazer em um período anterior à nova artéria da cidade. Como se pode observar no Quadro 6, muitos estabelecimentos de lazer foram inaugurados ainda no final do século XIX e permaneceram na paisagem por um período relativamente longo, como é o caso do Teatro Variedades, que funcionou durante 34 anos e o Teatro Lucinda, por 12 anos. Apesar de serem conhecidos como "teatros", ofereciam uma programação eclética, que incluía sessões de projeções (Gonzaga, 1996). Como afirma Lima (2000), a Praça Tiradentes, nos primeiros anos do século XX, era o lugar da sociabilidade, onde as pessoas se encontravam. Para a autora, o fervor cultural dessa praça durou até meados da década de 1930, quando outro espaço foi planejado para o mesmo fim, a Cinelândia. Em suas palavras:

⁸ O Teatro Variedades alterou seu nome para Teatro São José em 1903 (Gonzaga, 1996).

⁹ O Teatro Maison Moderne alterou seu nome para Cinema Moderno, em 1920, e posteriormente para Marrocos em 1951 (ibid).

¹⁰ O Teatro Carlos Gomes alterou seu nome para Cine Teatro Carlos Gomes em 1935 (ibid).

¹¹ O Cinema Iris fora inaugurado, em 1909, sob o nome de Cinema Soberano (ibid).

“O Rio de Janeiro das três primeiras décadas do século XX definia primordialmente sua geografia teatral no perímetro delimitado pelas atuais Ruas do Teatro, Alexandre Herculano, Luiz de Camões, Gonçalves Lêdo, da Constituição, do Lavradio, Silva Jardim e Praça Tiradentes, onde se concentravam grandes e pequenos teatros. A década de 1930 revelaria um novo polo de lazer deslocado para um outro espaço urbano, onde as casas de espetáculo ocupavam o interior de altas edificações, como é o caso do Bairro Serrador [...]” (LIMA, 2000, p. 104).

A autora chama de "Bairro Serrador" o que conhecemos como Cinelândia, porque quem idealizou a praça como centro de lazer foi o empresário Francisco Serrador (Gonzaga, 1996; Lima, 2000; Vaz, 2008). Sobre a Cinelândia e seus períodos de glória no que se refere a cinemas em funcionamento, retrataremos no próximo capítulo. No trecho acima a autora ainda menciona outras ruas, como a do Lavradio, como importantes endereços para os estabelecimentos cinematográficos nos arredores da Praça Tiradentes. De acordo com Gonzaga (1996), esta rua mantinha quatro cinemas em funcionamento durante o M1, Teatro Apolo (Rua do Lavradio, nº 56), Cinematógrafo Lavradio (Rua do Lavradio, nº 70), Cinema França (Rua do Lavradio, nº 59) e William Henvelius Cinematógrafo (Rua do Lavradio, nº 40). Outra rua que também se destacou foi a Rua Visconde do Rio Branco com oito cinemas em funcionamento durante 1905 e 1934 (Gonzaga, 1996). No entanto, apesar dessa rua compor um dos quarteirões da Praça Tiradentes, essas salas estavam localizadas em numerações que não as caracterizavam como salas da Praça Tiradentes em si. Eram elas: o Grande Cinematógrafo Rio Branco (Rua Visconde do Rio Branco, nºs28/30 - numeração antiga), o Cinematógrafo Rio Branco (Rua Visconde do Rio Branco, nº 42), o Cinema Sul América (Rua Visconde do Rio Branco, nº 37), o Cinematógrafo Rio Branco (Rua Visconde do Rio Branco, nºs28/30 - numeração atual), o Electro-Ball Cinema (Rua Visconde do Rio Branco, nº 51), o Cinema Sul América (Rua Visconde do Rio Branco, nº 35), o Cinema Teatro (Rua Visconde do Rio Branco, nº 53) e o Cinema Viúva Alegre (Rua Visconde do Rio Branco, nºs22/24).

No que tange à segunda fase do M1 no Centro, ou seja, àqueles 51 cinemas que funcionaram entre o P1 e P3 ou que estenderam sua vida útil ao longo dos demais momentos, podemos citar como exemplos os cinemas que permaneceram em funcionamento na Av. Rio Branco. Daqueles 15 cinemas que funcionaram durante o M1 (Quadro 5), 8 mantiveram-se em funcionamento após de 1915, como foi o caso do Grande Cinema Parisiense (Av. Rio Branco, nº 179), que durou 47 anos e o Cinema Pathé (Av. Rio Branco, nº 116), que funcionou por 27 anos. O Cinematógrafo Popular, que funcionou entre 1908 e 1962, à Av. Marechal Floriano, nº 101, o Cinema Ideal que entre 1909 e 1961 funcionou na Rua da Carioca, nºs60/62 e vizinho ao Cinema Ideal, o Cine Iris, localizado à rua de mesmo nome, no

nº 49, que fora inaugurado em 1909 que permaneceram na paisagem carioca da área central como cinemas em atividade até meados da década de 1960 ou até atualmente.

Trata-se de exemplos de cinemas que inaugurados, entre 1905 e 1914, permaneceram na paisagem carioca da área central como cinemas em atividade até meados da década de 1960 ou até os dias atuais.

Esta segunda fase é marcada também pela implantação dos cinemas na Cinelândia, onde fora inaugurado em 23 de maio de 1925, o Cinema Capitólio (Praça Floriano, nº 51), a primeira sala da praça. Em menos de cinco anos, inauguraram-se mais 4 salas, Império (Praça Floriano, nº 19), Cine Teatro Glória (Praça Floriano, nº 35/37), Odeon (Praça Floriano, nº 07) e Pathé-Palace (Praça Floriano, nº 45). Para um local, onde antes não havia nenhuma sala ou nem mesmo compreendia local de convivência da população carioca, a instalação de 5 cinemas em menos de cinco anos era um feito a ser considerado. Conforme Lima (2000) apontou, em trecho mencionado anteriormente, a Praça Floriano se destacaria como um novo polo de lazer para a cidade. O assunto será, portanto, retratado especialmente no próximo capítulo.

Nesta segunda fase, um fator de grande importância para a manutenção dos cinemas como fonte de lazer da população foi o advento do cinema falado em 1929 (Freire, 2012-b). De acordo com Freire (2012-b), o filme sonoro chegou ao Brasil em 1929, tendo sido transmitido primeiramente em São Paulo, mas ainda no mesmo ano chegou ao Rio de Janeiro. O autor destaca que esta inovação foi marcada por avanços e recuos, importações e adaptações, assim como por um desenvolvimento desigual em diferentes momentos e regiões do país. No caso da metrópole carioca, o primeiro cinema a exibir filmes sonoros foi o Palácio Theatro (hoje o extinto Cine Palácio), em junho de 1929, ocasião que mereceu até a presença do presidente da república (Freire, 2012-b). Até o final do mesmo ano já seriam mais 5 salas adaptadas à nova tecnologia. Por ordem de adequação aos aparelhos sonoros, Cine Odeon, Cine Pathé, Capitólio, Império e Cine Teatro Glória, todos localizados à Praça Floriano ou, como é popularmente conhecida, Cinelândia.

Os filmes falados passaram por uma estratégia gradual e progressiva de inserção de som até chegarem ao que hoje conhecemos como cinema falado. No início foram introduzidos apenas músicas ou ruídos, depois houve a inserção de vozes humanas como risadas ou vaia, na sequência introduziram-se os diálogos e os cantos e, por fim, os filmes falados, mencionados por Freire (2012b) como “*all talkies*”. Ainda, de acordo com o autor, a

desconfiança inicial dos empresários esvaiu-se após o sucesso da novidade, seduzindo os exibidores e atraindo-os a adaptar suas salas com os aparelhos sonoros, ampliando sua abrangência a todo o país. Gonzaga (1996) entende que foi somente com o advento do cinema sonoro que a “sétima arte tornou-se quase absoluta e imbatível como diversão popular” (Gonzaga, 1996, p. 35).

O cinema falado pode não ter ligação direta com a lógica da distribuição das salas, mas retrata uma mudança importante a caminho do que conhecemos atualmente como sessão de cinema com a maioria maciça dos filmes sendo falados cujos diálogos e trilhas sonoras são indispensáveis. Ele também ajudou na manutenção do cinema como uma atividade de lazer bem sucedida e popular, fazendo com que o cinema se fixasse na cidade por períodos de maior duração, como fica muito bem caracterizado na segunda fase do M1.

O M1, no centro da cidade, portanto, caracteriza-se por uma primeira fase, que corresponde aos anos de 1905-1914, nos quais há de um lado grande instabilidade, mas por outro, enorme efervescência no setor cinematográfico. Como Gonzaga (1996) descreve, há uma penetração lenta e sinuosa, apoiando-se mais em espaços circunstanciais do que em um circuito tradicional. E por uma segunda fase que corresponde àqueles cinemas que se mantiveram em funcionamento por mais de 10 anos, estendendo-se, desde o P1 até os períodos mais avançados da análise, ou seja, anos 1980, 1990 e 2000. De forma geral, o M1 corresponde à maior centralização das atividades terciárias na área central, que já fora delimitada por meio de autores como Colby (1933), Corrêa (1997[2011]; 1989[2005]) e Sposito (1991). Esta centralização, no entanto, não é absoluta, e como veremos adiante os cinemas já começavam a se instalar em outras áreas da cidade, como já pode ser apreciado no Quadro 4.

A segunda área de maior concentração de cinemas durante o M1 são os Bairros Suburbanos, com 24% do total, ou seja, 59 salas distribuídas por vinte bairros, dos quais Madureira e Méier se destacavam, cada um com 7 cinemas. A terceira área de maior concentração foi a Zona Norte, com 16% (41 salas). Essas salas estavam distribuídas por 8 áreas, sendo elas Benfica (3), Praça da Bandeira(3), São Cristóvão (7), Tijuca (17), Vila Isabel (8), Andaraí (1), Grajaú (1) e Maracanã (1). A Tijuca, no entanto, se distinguia das demais, por manter, em funcionamento, 17 salas durante o M1. A concentração de salas nos Bairros Suburbanos se dava, portanto, pelo grande número de bairros que os compunham, uma vez que, apenas na Tijuca, que localiza-se na Zona Norte existiam 17 salas em funcionamento.

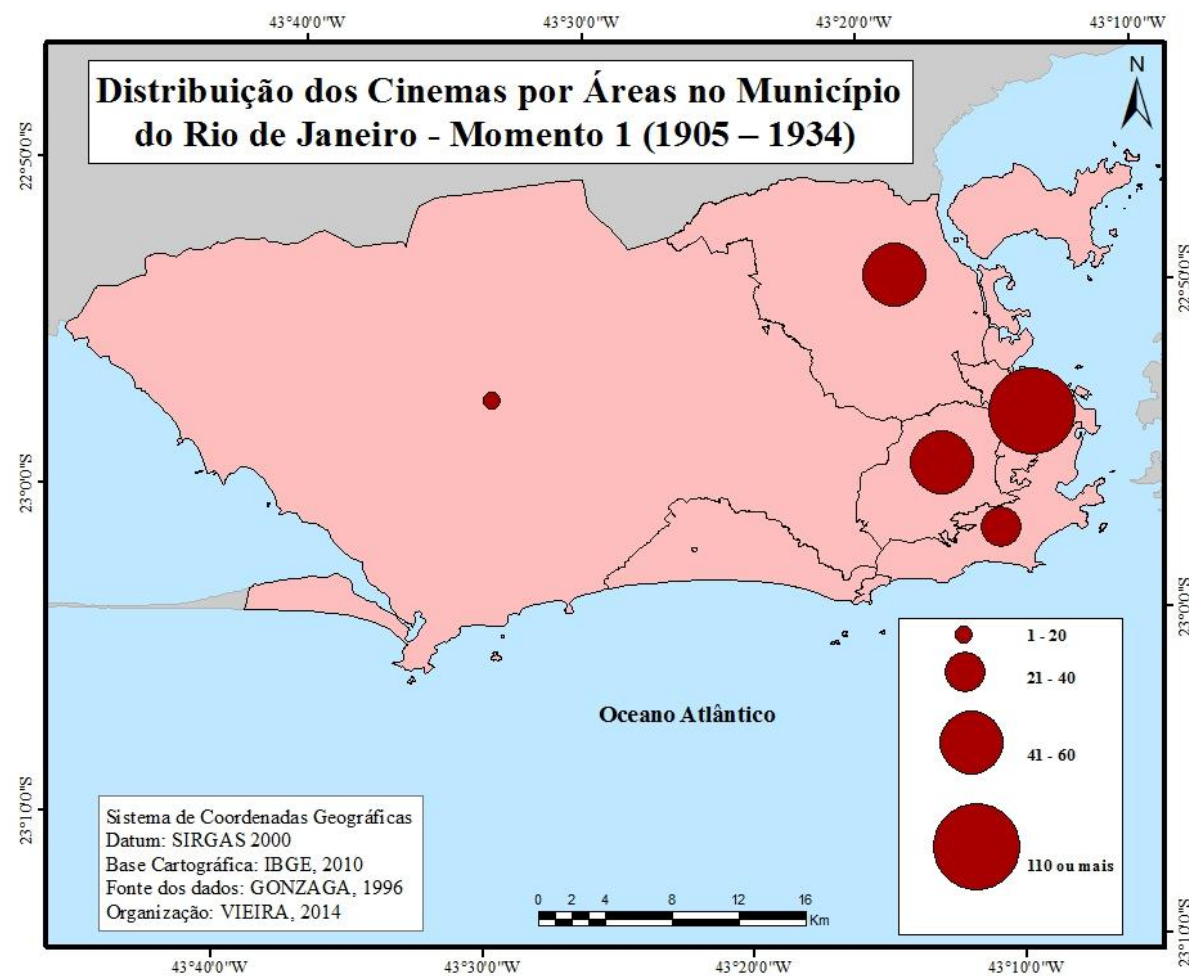
Por um lado, nada comparável aos 110 cinemas no Centro, mas por outro, um número bastante elevado se comparado às demais áreas dos Bairros Suburbanos e da Zona Norte.

Em seguida, a quarta área de maior concentração de cinemas era a Zona Sul, com 11% (27 salas). Eram, ao todo, oito bairros nos quais esses 27 cinemas estavam instalados, Botafogo (6), Copacabana (6), Catete (5), Urca (3), Ipanema (2), Jardim Botânico (2), Leme (2) e Glória (1). Logo, Botafogo e Copacabana se destacavam com 6 cinemas cada e Catete com 5.

Finalmente a Zona Oeste concentrava 5% (13 salas), 5 em Bangu, 3 em Santa Cruz, 2 em Campo Grande, 2 em Realengo e 1 em Jacarepaguá. A Barra da Tijuca só vai inaugurar seu primeiro cinema na década de 1980.

Nota-se que os bairros que se destacavam Tijuca, Botafogo, Copacabana, Bangu, Madureira e Méier eram também subcentros comerciais, e como veremos adiante, durante o momento 2 (M2), muitos deles continuaram a despontar como referência, não só quanto à localização de cinemas, mas também de outras atividades terciárias.

Mapa 2: Distribuição dos cinemas por área no município do Rio de Janeiro – Momento 1 (1905-1934)



O M2 faz referência aos anos entre 1935 e 1984, portanto, a um período de 50 anos. Este é o momento mais longo da análise e corresponde ao período de descentralização não só dos cinemas, mas também das atividades de comércio e serviços na cidade do Rio de Janeiro. Como os números indicam no Quadro 4, nos Bairros Suburbanos que encontramos a maior concentração de cinemas, 128, ou seja, 42% do total. Em seguida, estava a Zona Sul, com 17% (53 salas), o Centro com 14% (44 salas), a Zona Oeste com 13% (41 salas), a Zona Norte com 12% (38 salas) e a Barra da Tijuca com 2% (6 salas).

Em artigo sobre como o espaço urbano carioca se organizou em função de uma série de centros funcionais, Duarte (1974) atribui a essa expansão urbana, o crescimento populacional. Os centros funcionais ou subcentros constituíram-se, como aponta a autora, por características como a presença de atividades comerciais em número e tipos diversificados, serviço financeiro, serviços profissionais como consultórios médicos, serviços cultural e recreativo ea presença de pontos convergentes de linhas de transporte ou de eixos de passagem obrigatória para outros bairros. Os cinemas, portanto, estariam incluídos nessa ampliação da oferta de serviços culturais e recreativos pelos subcentros. Duarte (1974) analisou esse setor, indicando estabelecimentos como escolas de ensino médio e superior, museus, bibliotecas, teatros e cinemas. Sobre os cinemas, teatros e casas noturnas a autora destaca que:

“Esses serviços criados para satisfazer às necessidades de diversão da população têm bastante expressão, pois são elementos da centralidade, atraindo numerosa população. Pelo mapeamento dos cinemas verifica-se uma tendência a um certo adensamento dos mesmos nos centros funcionais, que em verdade está preso às possibilidades de múltipla escolha por parte do espectador.” (DUARTE, 1974, p. 73).

O trecho exposto acima vai de encontro com a análise aqui presente - a descentralização das atividades terciárias, incluindo também a dos estabelecimentos cinematográficos pelo subcentros cariocas.

Na circunscrição dos Bairros Suburbanos, os 128 cinemas estavam distribuídos por 46 bairros. Madureira se destacou em razão dos 11 cinemas existentes no bairro durante o M2. Na Penha havia 8, na Ilha do Governador e no Méier havia 6 cinemas em cada. No Engenho de Dentro, no Engenho Novo, em Bonsucesso, em Brás de Pina e em Inhaúma havia 5 cinemas em cada um dos bairros. Nos demais 37 bairros o número variava entre 1 e 4 cinemas, sendo alguns deles Vaz Lobo (1 sala), Cascadura (2 salas), Del Castilho (3 salas) e Olaria (4 salas). Madureira, Penha, Méier e Bonsucesso já eram considerados subcentros,

como já havia destacado Duarte (1974) e por isso serão analisados mais detalhadamente a seguir.

Os cinemas em Madureira, durante o M2, estão listados no Quadro 7 abaixo.

Quadro 7: Cinasmas em funcionamento em Madureira durante o Momento 2 (1935-1984).

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cine Teatro Madureira	30/07/1923	13/09/1981	Rua Antônia Alexandrina, 195
Cine Alfa	1929	19/08/1972	Rua Domingos Lopes, 229
Cine Teatro Coliseu	14/12/1938	03/09/1972	Estrada Marechal Rangel, 37
Cine Colorado	1954	01/11/1964	Av. Min. Edgar Romero, 302
Cinema Art Palácio Madureira	25/05/1967	?	Praça Armando Cruz, 120
Cine Astor	21/12/1970	Em atividade	Av. Min. Edgar Romero, 236
Cinema Madureira 2	12/02/1973	?	Rua Dagmar da Fonseca, 54 A
Cinema Madureira 1	05/07/1973	?	Rua Dagmar da Fonseca, 54 B
Cine-Show Madureira	15/06/1979	27/07/1980	Rua Carolina Machado, 542
Cine Bristol	01/02/1983	31/01/1990	Av. Min. Edgar Romero, 460
Cinema Beija-Flor	27/09/1986	?	Rua João Vicente, 15/19

Fonte: Gonzaga (1996).

Os cinemas que estão sem o ano de fechamento, indicado no Quadro 7 pelo símbolo de interrogação, apesar de já não funcionarem atualmente, no momento em que Gonzaga (1996) publicou seu livro ainda estavam abertos, portanto, sobreviveram ainda por alguns anos após a década de 1990. Com a finalidade de fazer uma média do período de funcionamento das salas, estipulou-se o ano de 1995 como data de fechamento para esses 4 cinemas, assim como para os demais que ainda serão apresentados. Por outro lado, cinemas com o indicativo de estarem “em atividade” estão em funcionamento atualmente, ou seja, em 2014/2015, período no qual a presente dissertação foi redigida.

Os 11 cinemas localizados em Madureira estavam distribuídos por oito endereços diferentes. O logradouro com o maior número de cinemas do bairro era a Avenida Ministro Edgar Romero, uma via principal de circulação do bairro, onde também está localizado o Mercado de Madureira, comércio popular que atrai muitas pessoas ao local. Neste endereço havia 3 salas, sendo que uma delas ainda está em funcionamento, o Cine Astor. As outras duas são o Cine Colorado, que funcionou por 10 anos e o Cine Bristol, que perdurou por sete

anos. O Cine Astor, que ainda está aberto, localiza-se em uma galeria e exhibe programação pornográfica. Por outro lado, a Rua Dagmar da Fonseca, onde havia 2 salas, é secundária, porém não menos movimentada que a Avenida Ministro Edgar Romero. Os 2 cinemas que lá funcionavam eram os cinemas Madureira 1 e 2, incorporados à galeria que funciona no mesmo endereço. Suas bilheterias estavam à frente da galeria, diferentemente do Cine Astor que está dentro do centro de compras. Os Madureira 1 e 2, estavam em contato direto com a rua, facilitando a aproximação com o público que já estava acostumado com o formato dos cinemas à margem da rua. De acordo com Gonzaga (1996) as salas da Rua Dagmar da Fonseca foram as primeiras do Grupo Luiz Severiano Ribeiro a serem inauguradas com dois espaços cinematográficos ao mesmo tempo, possibilitando assim a maior oferta de filmes e horários aos espectadores.

Os demais endereços possuem cada um apenas uma única sala. Cabe ressaltar que as ruas Carolina Machado e João Vicente, paralelas à linha do trem, possuíam uma sala de cinema cada. De acordo com Noronha (1986) “Quem viesse de trem da cidade, numa composição do ramal de Dona Clara, e tivesse que saltar em Madureira, penúltima estação da linha, veria logo à sua frente o Cinema Beija-Flor” (Noronha, 1986, p. 47).

Finalmente, verifica-se que das 11 salas, 6 funcionaram por mais de vinte anos. Das outras 5, o Cine Astor continua funcionando, o Cine-Show Madureira funcionou por praticamente 1 ano, Cine Bristol por 7, Cinema Beija-Flor por 9 e a última, Cine Colorado, por 10 anos.

O segundo bairro com maior número de cinemas entre os Bairros Suburbanos é a Penha, com 8 salas, que estão listadas a seguir.

Quadro 8: Cinemas em funcionamento na Penha durante o Momento 2 (1935-1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cine Teatro Penha	19/08/1923	24/08/1969	Rua Nicarágua, 114
Cinema Aleluia	1943	1946	Rua Cuba, 109
Cineminha Bim-Bam-Bum	1947	30/05/1954	Rua Costa Rica, 86
Cine Nice	1953	1960	Rua Macapuri, 108
Cine Central	04/05/1953	01/03/1972	Avenida Lobo Junior, 1414
Cinema Leopoldina	12/11/1954	24/08/1975	Rua Ibiapina, 41
Cine Mello	08/03/1956	01/10/1972	Estr. Vicente de Carvalho, 1385
Cine Aymoré	01/11/1967	01/09/1968	Rua Ipojuca, 109

Fonte: Gonzaga (1996).

Na Penha, diferentemente de Madureira, os 8 cinemas estavam distribuídos em endereços dispersos geograficamente pelo bairro, assim ele se destaca apenas numericamente. A Estrada Vicente de Carvalho e a Avenida Lobo Junior são ruas principais do bairro e as ruas Nicarágua e Ibiapina são paralelas à linha do trem. Os cinemas que se mantiveram em funcionamento por mais tempo eram justamente aqueles que se localizavam nesses endereços. O Cine Teatro Penha, à Rua Nicarágua, nº 114, funcionou por 46 anos, o Cine Central, à Avenida Lobo Junior, nº 1414, manteve-se em atividade por 19 anos, o Cine Mello na Estrada Vicente de Carvalho, nº 1385, funcionou por 20 anos e o Cinema Leopoldina na Rua Ibiapina, nº 41, por 21 anos. Os demais cinemas funcionaram entre 1 e 7 anos.

No Méier e Ilha do Governador havia 6 salas em cada um dos bairros durante o M2. Pelo fato da Ilha do Governador não se enquadrar como subcentro comercial, o detalhamento ficará restrito ao bairro Méier. Os cinemas neste bairro estão listados a seguir.

Quadro 9: Cinemas em funcionamento no Méier durante o Momento 2 (1935-1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cinema Mascote	19/10/1909	03/12/1972	Rua Arquias Cordeiro, 232
Cinema Paratodos	08/10/1935	?	Rua Arquias Cordeiro, 350
Cinema Roulien	04/03/1949	22/11/1964	Rua Arquias Cordeiro, 596
Cinema Imperator	21/05/1954	24/11/1985	Rua Dias da Cruz, 170
Cine Esbye Méier	09/01/1957	?	Rua Silva Rabelo, 20
Cine Méier	15/11/1919	?	Avenida Amaro Cavalcanti, 105

Fonte: Gonzaga (1996).

Os 6 cinemas no Méier estão distribuídos por 4 endereços. A Rua Arquias Cordeiro, que é paralela à linha do trem, possuía 3 salas ao todo. Nos endereços restantes, havia em cada um, apenas uma sala. Cabe ressaltar que na Rua Dias da Cruz, a principal via com grande concentração comercial do bairro, o Cinema Imperator reabriu em 2012 sob a égide da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O local hoje abriga o Imperator - Centro Cultural João Nogueira e funciona como um complexo onde há 3 salas de cinema, uma sala para espetáculos de teatros e shows, um espaço para exposições, restaurante e bistrô¹².

O cinema que funcionou por menos tempo no Méier foi o Cinema Roulien, que operou por 15 anos. O Imperator permaneceu aberto como um cinema por 31 anos e o Cine Esbye Méier por 38 anos. Os cinemas Mascote, Paratodos e Cine Méier atuaram por no mínimo 60 anos. Os cinemas no Méier funcionaram por bastante tempo, abastecendo o subúrbio com salas não só para os moradores do bairro, mas também para todos que ali circulavam, demonstrando a força de permanência dos cinemas como uma fonte de lazer para a população suburbana, contribuindo também para reforçar a centralidade do subcentro do Méier.

O último bairro a ser analisado na esfera dos Bairros Suburbanos é Bonsucesso que, entre 1935 e 1984, teve 5 cinemas em funcionamento, que estão discriminados a seguir.

Quadro 10: Cinemas em funcionamento em Bonsucesso durante o Momento 2 (1935-1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cinema Paraíso	16/07/1928	26/10/1969	Praça das Nações, 66
Cinema Bonsucesso	08/09/1952	01/01/1967	Rua Cardoso de Moraes, 96
Cinema Cinco Irmãos	1954	1960	Rua Guilherme Frota, 516
Cine Mello Bonsucesso	25/08/1960	29/10/1972	Avenida Teixeira de Castro, 10
Cine Rio Palace	09/12/1962	20/07/1972	Rua Cardoso de Moraes, 400

Fonte: Gonzaga (1996).

Em Bonsucesso, assim como na Penha, os cinemas estavam dispersos pelo bairro e apesar de na Rua Cardoso de Moraes haver duas salas de cinema no M2 elas não eram próximas uma da outra. Na Praça das Nações, onde há uma concentração diversificada de atividades terciárias e que fica próxima à estação de trem de Bonsucesso, estava o cinema que funcionou por mais tempo no bairro, o Cinema Paraíso, que permaneceu em atividade por 41 anos. Os demais cinemas funcionaram em média por 10 anos.

¹² Imperator - Centro Cultural João Nogueira. Disponível em <<http://www.imperator.art.br/>> Acesso em: 15/11/2014.

Observando os bairros Madureira, Penha, Méier e Bonsucesso percebe-se que em todos eles havia salas de cinema na rua paralela à linha do trem. Esse modelo, no entanto é observado por outros bairros suburbanos, como por exemplo, em Oswaldo Cruz, onde, por 25 anos funcionou o Cine Caiçara à Rua João Vicente, nº 1143; em Ramos à Rua Uranos, nº 1009 onde funcionou por 35 anos o Cine Ramos e no Riachuelo, à Rua 24 de Maio, nº 226, onde o Cinema Modelo perdurou por 71 anos. Esses indícios mostram como uma via de circulação de pessoas pode ser fundamental para a instalação de atividades terciárias, incluindo neste ramo os estabelecimentos cinematográficos. Gonzaga (1996) já abordara sobre o assunto quando afirmou que:

“A primeira, mais extensa, antiga e importante, é a própria Estrada de Ferro Central do Brasil. Com percurso até a ponta oposta do município, Santa Cruz, conviveu com salas de exibição em volta de praticamente todas as suas estações, para não falar da existência de um cinematógrafo dentro da gare central. No começo do século XX, a cidade terminava pouco além de dois futuros grandes núcleos sociais e polos exibidores que se encontravam em sua linha, Méier e Madureira. Percebe-se assim o quanto a Central foi fundamental para a precoce expansão do cinema à então chamada zona rural. A outra via ferroviária, originalmente mais atenta ao transporte de carga e ligada diretamente ao porto, é a famosa Leopoldina Railway. Transformou-se com o tempo em uma espécie de linha auxiliar da Central. Com traçado à direita desta, próximo ao contorno da baía, em direção à serra do Mar, engendrou núcleos populacionais menos exuberantes, porém de identidades mais arraigada. A chamada zona da Leopoldina e seus subúrbios, entre eles, destacadamente Bonsucesso, Olaria e Penha, seria um importante espaço para uma estreita ligação entre cinema e comunidade.” (GONZAGA, 1996, p. 49).

Quando a autora fala sobre um cinema dentro da “gare central”, ela refere-se ao Cinematógrafo Estrada De Ferro Central do Brasil instalado na Praça Cristiano Ottoni, s/n, ou seja, na estação da Central do Brasil, no Centro, que funcionou por mais ou menos um ano, entre 1908 e 1909. De forma geral Gonzaga (1996) dá ênfase ao papel essencial que a Estrada de Ferro Central do Brasil e a então Ferrovia Leopoldina Railway teve para a difusão dos cinemas pelos subúrbios cariocas. A autora ainda destaca o papel da Avenida Brasil e da Avenida Suburbana (hoje Avenida Dom Hélder Câmara) para a distribuição dos cinemas por esses bairros.

Em números absolutos, a Zona Sul era a segunda área com maior número de cinemas entre 1935 e 1984 – 53 salas que estavam distribuídas por dez bairros, dos quais Copacabana, disparadamente, se destacava com 20 salas durante o período considerado. Botafogo (08), Catete (07), Ipanema (07), Flamengo (03), Jardim Botânico (02), Leblon (02), Leme (02), Gávea (01) e Lagoa (01) completam os outros 9 bairros onde estavam distribuídos os demais 33 cinemas na Zona Sul. O período de descentralização fica evidenciado quando se analisa

esta zona da cidade, ou seja, a descentralização ocorreu por toda a cidade. Copacabana e Botafogo serão analisados a seguir.

Quadro 11: Cinemas em funcionamento em Copacabana durante o Momento 2 (1935-1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Copacabana Cassino-Teatro	21/01/1924	11/03/1944	Avenida Atlântica, s/n
Cine Varieté	30/05/1935	13/09/1942	Avenida Atlântica, 1080
Cine Metro-Copacabana	05/11/1941	26/01/1977	Av. Nossa Senhora de Copacabana, 749
Cinema Rian	28/11/1942	16/12/1983	Avenida Atlântica, 2964
Cineminha Cineac Infantil	12/06/1948	26/12/1948	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 921
Cine Alvorada	03/09/1949	09/02/1969	Rua Raul Pompeia, 17
Cinema Art Palácio	21/10/1950	?	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 759
Cine Caruso Copacabana	15/02/1954	01/01/1984	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1362
Cine Ricamar	01/09/1958	08/09/1994	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 360B
Cine Flórida	07/03/1959	07/12/1969	Rua Siqueira Campos, 69/71
Cinema Paris Palace	14/07/1961	14/05/1972	Avenida Prado Junior, 261
Cine Condor Copacabana	29/04/1966	?	Rua Figueiredo de Magalhães, 286
Cine Ritz	01/07/1919	25/12/1955	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 580
Cinema Copacabana	11/08/1916	?	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 743
Cine Holiday	15/08/1952	15/12/1985	Avenida Atlântica, 386 Loja G
Cinema Novo Joia	23/08/1969	?	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 680
Belas Artes Copacabana	11/05/1958	02/04/1995	Rua Raul Pompeia, 102
Cine Star Copacabana	15/12/1961	?	Rua Barata Ribeiro, 502
Cine New Alaska	06/03/1953	08/10/1978	Avenida Atlântica, 386 Loja H
Cine Roxy	03/09/1938	Em atividade	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 945

Fonte: Gonzaga (1996).

Os cinemas em Copacabana estavam distribuídos por sete endereços diferentes. Na Avenida Nossa Senhora de Copacabana havia 9 salas, na Avenida Atlântica 5 salas, na rua Raul Pompeia 2 salas, nas avenidas Prado Jr. e Barata Ribeiro e nas ruas Siqueira Campos e Figueiredo Magalhães havia apenas umas em cada.

Na Avenida Nossa Senhora de Copacabana os cinemas estavam dispersos pelos, aproximadamente, 03 km¹³ da via. Houve, no entanto, uma pequena concentração entre as ruas Siqueira Campos e Raimundo Correia, durante os anos de 1950 e 1977 quando o Cinema Copacabana (Av. Nossa Sra. Copacabana, nº 743), Cine Metro Copacabana (Av. Nossa Sra. Copacabana, nº 749) e Cinema Art Palácio (Av. Nossa Sra. Copacabana, nº 759) estavam abertos concomitantemente.

Dos 9 cinemas em funcionamento localizados à Avenida Nossa Senhora Copacabana, durante o M2, apenas o Cine Roxy mantém-se aberto até os dias de hoje. Em 1991, ele foi reaberto depois de passar por uma obra que dividiu seu grande salão de exibição, com em média 1700 lugares, em outras 3 salas menores às quais couberam 443, 400 e 300 poltronas (Gonzaga, 1996). Sobre o acontecimento, Gonzaga (1996) descreve que:

“A redução do tamanho das salas aponta para a preservação do ponto comercial, o que demonstra um renovado fôlego da atividade (um Roxy repartido em três, com 1100 lugares somados, tem custos operacionais menores e rende o dobro da antiga sala com seus 1700 assentos).” (GONZAGA, 1996, p. 251).

A autora escreve sobre as obras de redução das salas que atingiu não apenas o Cine Roxy, mas outras salas do Rio de Janeiro como uma estratégia para de um lado atrair um público mais variado, uma vez que a oferta de filmes seria maior, e, de outro para reduzir o custo de manutenção do cinema. Essa estratégia, como a autora afirma, significava a renovação dos cinemas e não o fim dos mesmos.

O Cinema Novo Joia (Av. Nossa Sra. Copacabana, nº 680), atualmente também está em funcionamento no bairro Copacabana, sob o nome de Cine Joia, foi reaberto em 2011¹⁴ no mesmo endereço, sendo uma memória viva e uma resistência dos cinemas de rua da cidade.

Com exceção do Cineminha Cineac Infantil (Avenida Nossa Senhora de Copacabana, nº 921), que funcionou por apenas seis meses, os demais cinemas na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, mantiveram-se em atividade por mais de 20 anos. O Cinema Copacabana (Av. Nossa Sra. Copacabana, nº 743) funcionou por 79 anos e o Cine Roxy completará em 2018, 80 anos no ramo cinematográfico.

Assim como na Avenida Nossa Senhora Copacabana, os cinemas na Avenida Atlântica também estavam dispersos, com uma pequena concentração no número 386 da via,

¹³WikiRio. Disponível em <http://www.wikiRio.com.br/Avenida_Nossa_Senhora_de_Copacabana> Acesso em: 16/11/2014.

¹⁴ Agência Rio de Notícias. Disponível em <http://www.agenciario.com/materia_mun.asp?cod=92382&codMunic=57> Acesso em: 15/11/2014.

quando, entre 1953 e 1978, o Cine New Alaska e Cine Holiday funcionaram ao mesmo tempo.

Apesar da dispersão pelo bairro, não se pode negar que Copacabana era um bairro que concentrava um grande número de cinemas, ultrapassando até mesmo os já citados bairros de Madureira, Méier, Penha e Bonsucesso. De acordo com Duarte (1974), Copacabana era o centro funcional mais importante da metrópole, porque dispunha de todas as funções que caracterizam um subcentro. Ainda segundo a autora, o alto contingente demográfico do bairro e o conteúdo econômico dessa população justificavam o grande número de funções que havia por lá, estimulando assim cada vez mais o desenvolvimento de comércio e serviços. Abreu (1987[2011]), apoiado em Geiger, afirma que devido ao variado e numeroso comércio do bairro, Copacabana é uma cidade dentro da cidade, dimensionando assim o tamanho da importância de Copacabana para o suprimento das necessidades da população. No que tange à localização dos cinemas no bairro, Soares (1965) registra que:

“Enquanto os cinemas deixaram de concentrar-se unicamente na Cinelândia, para espalhar-se por todos os subcentros e mesmo por toda a cidade, Copacabana arrebatou-lhe o papel de principal centro de diversões do rio, com diversos cinemas, teatros, boites, bares e restaurantes.” (SOARES, 1965, p. 26).

Copacabana, portanto, não era referência apenas na oferta de atividades terciárias, mas também de lazer, incluindo aí as salas de cinema.

No que diz respeito a Botafogo, o bairro merece destaque, não pelo número de cinemas, mas por também ser considerado um subcentro comercial. Os cinemas que ali funcionaram estão listados a seguir.

Quadro 12: Cinemas em Funcionamento em Botafogo durante o Momento 2 (1935- 1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cine Coral	13/07/1964	?	Praia de Botafogo, 316 Loja E
Cine Scala	13/07/1964	?	Praia de Botafogo, 316 Loja D
Cinema Guabanara	01/03/1920	30/11/1977	Praia de Botafogo, 506
Cinema Botafogo	06/10/1944	23/06/1995	Rua Voluntários da Pátria, 35
Cine Bruni Botafogo	1926	03/09/1972	Rua Voluntários da Pátria, 335
Cinema Ópera	20/08/1959	03/03/1994	Praia de Botafogo, 340
Estação Botafogo	04/07/1968	Em atividade	Rua Voluntários da Pátria, 88
Belas Artes Botafogo	09/03/1963	02/04/1994	Avenida Pasteur, 184

Fonte: Gonzaga (1996).

Os cinemas em Botafogo estavam dispostos por três ruas, na Praia de Botafogo havia 4 salas, à Rua Voluntários da Pátria, 3 e à Avenida Pasteur apenas uma. Os cinemas na Praia de Botafogo eram próximos uns dos outros e o Cine Coral e o Cine Scala funcionavam no interior da mesma galeria. Atualmente, no local desses dois cinemas funciona o Espaço Itaú de Cinema, inaugurado em 2005, sob o nome de Unibanco Artplex¹⁵, o espaço possui 06 salas de projeção, uma livraria e um restaurante. Os cinemas na Praia de Botafogo funcionaram por mais de 30 anos.

Já as 3 salas na Rua Voluntários da Pátria, estavam o Cinema Botafogo, que funcionou por 51 anos, o Cine Bruni Botafogo, que manteve-se em atividade por 46 anos e o Estação Botafogo, hoje conhecido como Estação Net Botafogo, ainda em atividade. Em 2018 comemorará 50 anos em funcionamento. Em meados de 2014 a rede do Grupo Estação, que administra esse e outros cinemas no Rio de Janeiro, precisou negociar suas dívidas para continuar em funcionamento¹⁶.

O Belas Artes Botafogo, localizado à Avenida Pasteur, funcionou por mais de 30 anos, demonstrando que todos os cinemas em funcionamento no bairro durante o M2 tiveram fôlego para sobreviver por no mínimo 30 anos.

A terceira área de maior concentração de cinemas durante o M2 é o Centro, com 14%, ou seja, 44 salas. Apesar de o número cair drasticamente com relação ao M1, durante o qual havia 110 salas em funcionamento para as 44 no M2; o Centro ainda mantinha salas em atividade demonstrando que, a despeito do movimento de descentralização, muitas funções ainda eram exercidas na área central. Em outras palavras, Duarte (1974) afirma que:

“[...] a Área Central, sem dúvida, mantém seu papel dentro da nossa Metrópole como área de grande atração de população para compras no setor varejista, assim como para a utilização de serviços tais como bancário, médico, dentário e cinema. A Área Central, não obstante o grande desenvolvimento dos centros funcionais, mantém indiscutível a primazia como local de provimento de bens e serviços centrais. [...] Ao contrário do que já se pensou, a Área central da cidade do Rio de Janeiro não está em decadência, ocorre outrossim profunda modificação em sua estrutura.” (DUARTE, 1974, p. 77).

O Centro não só mantém seu poder de atração, como também, conforme será analisado no capítulo seguinte, dos 50 anos durante os quais a Cinelândia esteve em seus tempos áureos, isto é, entre 1925 e 1974, 40 anos estavam inseridos no M2. Sendo assim, independentemente,

¹⁵Folha de S. Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2005200516.htm>> Acesso em 16/11/2014.

¹⁶O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/apos-anunciar-divida-de-43-milhoes-risco-de-fechar-estacao-entra-em-nova-fase-14431566#ixzz3I2dFXEdI>> Acesso em: 03/11/2014.

do processo de descentralização, no que se refere à localização das salas de cinema pela cidade, o Centro ainda tinha a sua relevância. Ressalta-se que o processo de descentralização não significa que a área central tenha sido totalmente abandonada, mas que houve consistente diminuição de sua força relativa.

A quarta área com maior montante de cinemas é a Zona Oeste com 41 salas (13%), mas logo a seguir está a Zona Norte com 38 (12%). Na Zona Oeste, durante o M2, o bairro que mais se destacou foi Jacarepaguá com 14 cinemas e na Zona Norte foi a Tijuca com 23 salas, portanto, por mais que na Zona Oeste houvesse mais salas ao total, era na Tijuca, ou seja, na Zona Norte, onde havia a maior concentração de cinemas. A Tijuca superava todos os outros bairros analisados até então, sendo, desta forma, o bairro com maior número de salas durante o M2, seguida de Copacabana com 20 cinemas, Jacarepaguá com 14 e Madureira com 11.

Na Zona Oeste, além de Jacarepaguá, havia mais 12 bairros por onde os cinemas estavam distribuídos. Bangu (07), Campo Grande, Realengo e Santa Cruz, cada um com 3 salas, Padre Miguel, Senador Camará e Sepetiba, cada um com 2 cinemas e Guadalupe, Magalhães Bastos, Pedra de Guaratiba, Vila Kennedy e Vila Valqueire com 1 sala em cada bairro. Os 14 cinemas localizados em Jacarepaguá estão listados a seguir.

Quadro 13: Cinemas em funcionamento em Jacarepaguá durante o Momento 2 (1935-1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cinema Jacarepaguá	30/3/1940	1/5/1940	?
Cinema Baronesa	23/10/1950	4/9/1989	Rua Candido Benicio, 1757 B
Cine Meio Metro	1951	13/6/1954	Estrada de Jacarepaguá, 7724
Cine Pará	1/10/1953	1/5/1955	Estrada Rodrigues Caldas, 29
Cine Santa Maria	1954	?/11/1964	Av. Geremário Dantas, 210
Cine Marajó	1/8/1955	27/10/1975	Estrada de Jacarepaguá, 7718
Cineminha de Jacarepaguá	1950	15/1/1955	Rua Candido Benicio, 76
Cinema Tibiriça	30/11/1964	20/3/1969	?
Cinema Taquara	30/11/1964	23/07/1978	Av. Nelson Cardoso, 962
Cinema Miragem	1/9/1971	10/10/1971	?
Jacarepaguá Auto Cine 1	21/8/1979	26/8/1984	Rua Candido Benicio, 2973
Jacarepaguá Auto Cine 2	21/8/1979	?/12/1993	Rua Candido Benicio, 2973
Cinema Lux	1911	21/9/1975	Rua Candido Benicio, s/n
Cinema Cisne	1/4/1994	?	Rua Geremário Dantas, 1208

Fonte: Gonzaga (1996).

Das 14 salas em atividade em Jacarepaguá durante o M2, segundo Gonzaga (1996), não foi possível identificar exatamente o endereço de funcionamento de 3 delas; e, por isso, então, aparece um símbolo de interrogação na coluna do Endereço. Das outras 11, 5 estavam localizadas à Rua Cândido Benício, na Estrada de Jacarepaguá e à Avenida Geremário Dantas, havia 2 em cada, à Estrada Rodrigues Caldas e à Avenida Nelson Cardoso havia 1 sala em cada endereço. Os cinemas que funcionaram por mais tempo no bairro foram o Jacarepaguá Auto Cine 1 e o Cinema Lux. Os dois mantiveram-se abertos por 64 anos. Percebe-se que, assim como em outros bairros analisados, apesar da concentração numérica de cinemas ser relativamente grande em Jacarepaguá, estes ficavam dispersos internamente pelo bairro.

Já na Tijuca, na Zona Norte, onde os cinemas estavam distribuídos por sete ruas diferentes, identificamos uma significativa concentração de cinemas naquelas que compõem a Praça Saens Peña, a Rua Conde de Bonfim e a Rua Desembargador Isidro. As 23 salas distribuídas pelo bairro Tijuca estão indicadas no Quadro 14 baixo.

Quadro 14: Cinemas em funcionamento na Tijuca durante o Momento 2 (1935-1984)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cinema Tijuca	01/05/1909	02/01/1966	Rua Conde de Bonfim, 344
Cinema Velo	27/08/1910	31/12/1954	Rua Haddock Lobo, 192
Cine-Teatro América	01/06/1918	?	Rua Conde de Bonfim, 334
Cinema Avenida	31/12/1919	31/12/1962	Rua Haddock Lobo, 91
Cine Teatro Brasil	14/01/1922	29/02/1940	Rua Haddock Lobo, 437
Cinema Paroquial Santo Afonso	1940	31/05/1970	Rua Barão de Mesquita, 287
Cine Teatro Olinda	23/09/1940	20/08/1972	Rua Desembargador Isidro, 51
Cinema Carioca	26/03/1941	?	Rua Conde de Bonfim, 338
Cine Metro-Tijuca	10/10/1941	26/01/1977	Rua Conde de Bonfim, 366
Cine Santa Rita	1953	22/12/1957	Rua São Francisco Xavier, 03
Cine Madrid	26/04/1954	17/05/1970	Rua Haddock Lobo, 170
Cinema Palácio Tijuca	17/01/1960	?	Rua Conde de Bonfim, 406
Cine Roma	28/05/1960	23/03/1976	Rua Mariz e Barros, 354
Cine Rio	09/08/1965	31/10/1978	Rua Conde de Bonfim, 302 A
Cine Comodoro	17/07/1967	02/11/1988	Rua Haddock Lobo, 145
Cine Bruni Tijuca	23/08/1968	?	Rua Conde de Bonfim, 370 (loja 8)
Cinema III	06/09/1975	06/11/1983	Rua Conde de Bonfim, 229 (loja 311)
Cine Coper Tijuca	23/02/1983	13/07/1988	Rua Conde de Bonfim, 615 (loja 105)
Royal Cinema	1909	25/09/1965	Rua Haddock Lobo, 20
Cinema Eskye	01/01/1956	?	Rua Conde de Bonfim, 422
Cine Britânia	27/01/1962	29/03/1981	Rua Desembargador Isidro, 10
Cine Bruni Saens Pena	07/06/1963	02/07/1978	Rua Major Ávila, 455
Cine Tijuca Palace	23/07/1967	14/01/1993	Rua Conde de Bonfim, 214 (loja 20)

Fonte: Gonzaga (1996).

Considerando-se como limites e adjacências da Praça Saens Peña as esquinas da Rua Conde de Bonfim com a Rua Pinto Figueiredo e com a Rua Almirante Cóchrane, identificamos, durante o M2, 10 salas de cinema na praça, conforme indica a Figura 6. Isso não significa, no entanto, que todas elas estiveram em funcionamento concomitantemente ao longo dos 50 anos correspondentes ao M2.

De acordo com Cardoso, Vaz e Aizen (2003), a Praça Saens Peña foi inaugurada em abril de 1911 e, desde então, era considerada um centro de lazer por causa das apresentações musicais e teatrais no coreto e pela prática do *footing*, isto é, uma caminhada ao redor da praça para ver e ser visto, paquerar e conversar. No entanto, ainda segundo os autores, apenas na década de 1940 que a região passaria a ser conhecida pela sua oferta de salas de cinema. Sobre o assunto, Duarte (1974) afirma que foram os cinemas que fomentaram o desenvolvimento da Tijuca como um subcentro carioca. Daí verifica-se a tamanha importância que os cinemas tiveram, não só para essa área e suas adjacências, mas para toda a cidade.

Na década de 1940, foram inaugurados o Cine Teatro Olinda (1940), Cinema Carioca (1941) e Cine Metro-Tijuca (1941) e somado aos já em funcionamento Cinema Tijuca e Cine Teatro América, havia nessa década 05 salas em funcionamento na praça. Essas salas estavam bem próximas umas das outras e, com exceção do Cine Teatro Olinda, que se localizava na Rua Desembargador Isidro, as outras 4 salas localizavam-se no mesmo lado da calçada à Rua Conde de Bonfim, todas elas em frente à praça. Na década de 1950, inaugurou-se mais uma sala, o Cinema Esky (1956), depois conhecido como Cinema Tijuca I e na década de 1960 outras 4 salas foram abertas: Cinema Palácio Tijuca (1960), Cine Britânia (1962), posteriormente conhecido como Studio Tijuca, Cine Rio (1965) e Cine Bruni Tijuca (1968).

Diante de tantas salas em funcionamento, a Tijuca ficou conhecida como a Cinelândia da Tijuca (Cardoso, Vaz e Aizen, 2003; Ferraz, 2012) ou a Segunda Cinelândia Carioca (Ferraz, 2012), fazendo uma alusão à Cinelândia situada à área central do Rio de Janeiro, onde também havia um significativo aglomerado de salas de cinemas. Tal fama da Tijuca, e mais especificamente da Praça Saens Peña, atraiu não só as salas de projeção, mas todo tipo de atividades terciárias, tornando-se assim, um verdadeiro subcentro onde viam pessoas de vários locais da cidade, assim como afirmou Cardoso *et al* (1984):

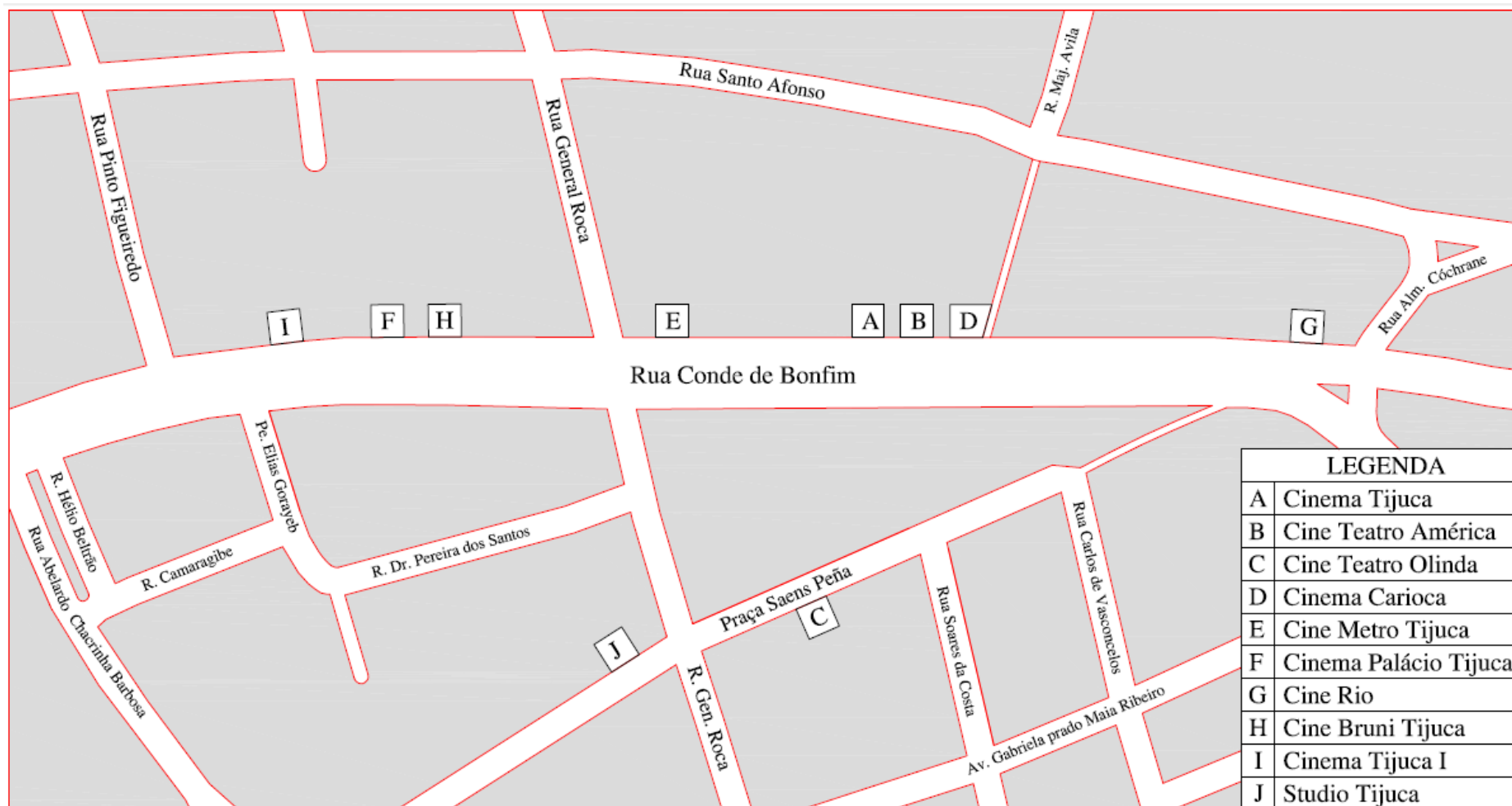
“Sua posição central no bairro e o fato de ser local de passagem de diversas linhas de bonde e ônibus que ligavam tanto a Tijuca quanto outros bairros ao centro possibilitaram, provavelmente, o desenvolvimento do núcleo comercial na Praça Saens Peña, em detrimento de outros locais. A concentração do comércio na Praça Saens Peña durante muitos anos fez com que ela se tornasse para os tijuquanos “a praça”. Quando um morador do bairro diz que vai “à praça”, certamente vai à Saens Peña.” (CARDOSO *et al*, p. 138, 1984).

A Saens Peña era um grande centro comercial e os cinemas tornaram-se um chamariz para a circulação de pessoas e para a instalação de outras atividades terciárias. Ou como defende Ferraz (2012), uma relação de mão dupla, de um lado a presença dos cinemas atrai a

população para usufruir as lojas locais, e de outro, a presença das demais atividades terciárias levava as pessoas para dentro dos cinemas. Ainda de acordo com a autora, “a multiplicidade de lojas e demais equipamentos de lazer foi fundamental para que os cinemas transformassem a Saens Peña em Segunda Cinelândia Carioca” (Ferraz, 2012, p. 107). Para além da força motriz dos cinemas, foi também a chegada de outras atividades terciárias que a Praça Saens Peña foi ganhando cada vez mais força como um centro funcional.

Os demais 13 cinemas no bairro Tijuca estavam distribuídos por outras ruas, como Barão de Mesquita, Haddock Lobo, Major Ávila, Mariz e Barros, São Francisco Xavier e a própria Conde de Bonfim, que tinha mais 3 salas distantes da Praça Saens Peña e adjacências; Cine Coper Tijuca (Rua Conde de Bonfim, nº 615), Cinema III (Rua Conde de Bonfim, nº 229) e Cine Tijuca Palace (Rua Conde de Bonfim, nº 214). A Tijuca, contudo, diferencia-se dos demais bairros analisados como Madureira e Copacabana, porque tinha uma relativa concentração geográfica de cinemas em uma pequena faixa do seu território, no caso, a Praça Saens Peña, especialmente entre os anos de 1940 e 1970.

Figura 6: Esquema da distribuição espacial dos cinemas em funcionamento na Praça Saens Peña no Momento 2 (1935 – 1964)



Fonte: Google Maps (2014); Gonzaga (1996).

Sendo assim, verifica-se que, no M2, a localização dos cinemas foi seguindo a tendência de migração do Centro para os subcentros cariocas, outras atividades terciárias seguiram o mesmo processo. Conforme Bernardes e Soares (1987) indicam no trecho a seguir:

“O fenômeno subcentro é comum às grandes metrópoles, onde a expansão urbana vai aumentando as distâncias e levando os moradores a procurarem estabelecimentos mais próximos, em busca, pelo menos, de mercadorias e serviços não especializados.” (BERNARDES e SOARES, 1987, p. 126/127).

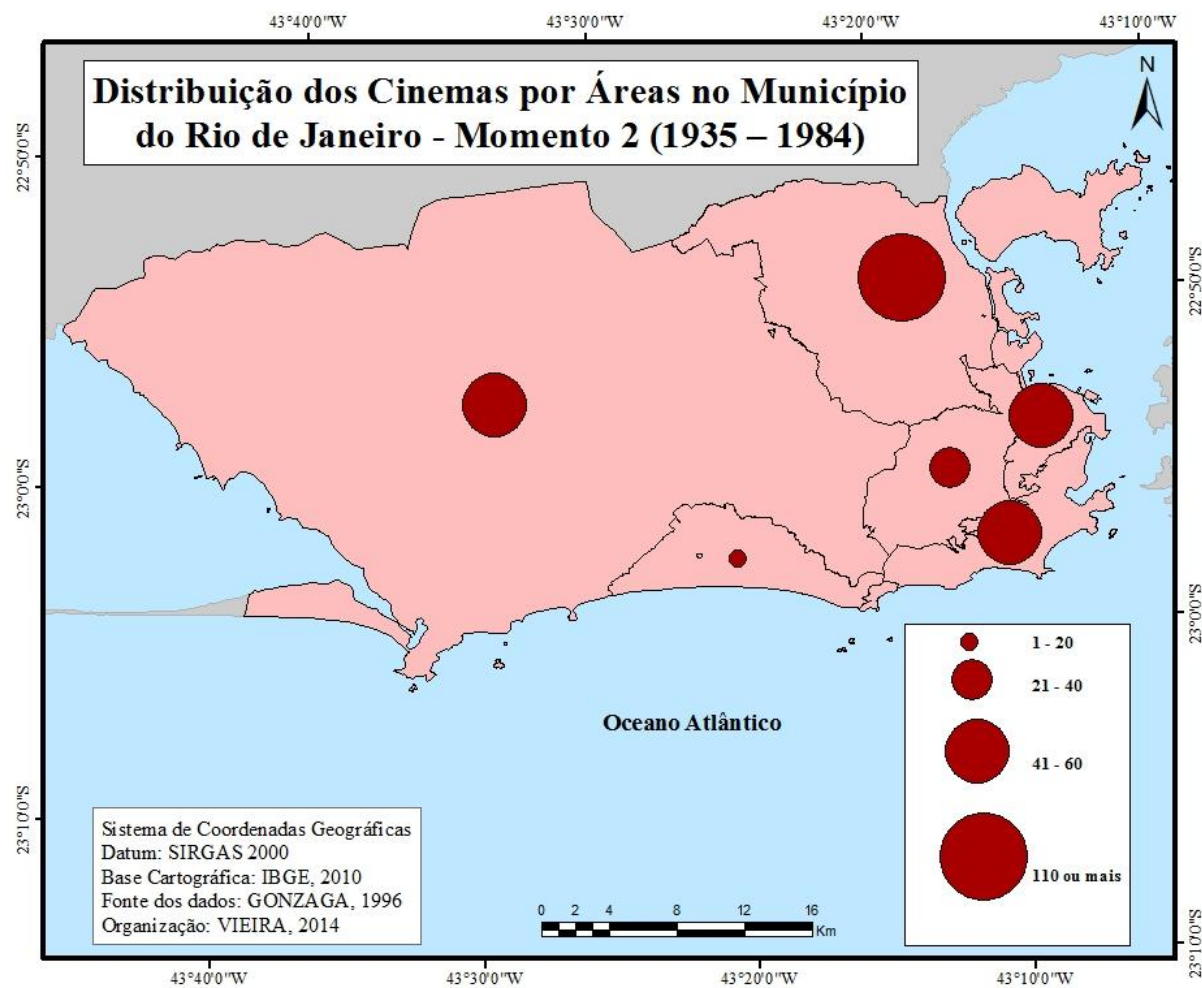
Mas no que se refere aos estabelecimentos cinematográficos, apesar da descentralização por toda a cidade, identificamos também o mesmo fenômeno no interior da maioria dos bairros, como é o caso dos bairros analisados – Madureira, Penha, Méier, Bonsucesso, Copacabana, Botafogo e Jacarepaguá, indicando a inexistência de eixos ou praças concentradoras de salas de cinema. Em outras palavras, a descentralização dos cinemas era observada na escala da cidade e na escala dos bairros.

Outra questão importante de ser observada no M2 é a forte relação da localização dos cinemas próximos aos meios de transporte, seja ele ferroviário, nos subúrbios, seja rodoviário, ainda com os bondes na Zona Sul e Norte. Nas palavras de Magnanini (1967):

“A distribuição atual dos cinemas demonstra o fato de que, em sua localização, êsses [sic] estabelecimentos procuram certos requisitos necessários ao seu funcionamento em bases rentáveis. Requerendo um bom contato com o público, são atraídos pelas grandes artérias ou pelas praças importantes, centros de convergência dos transportes. Daí depreende-se a importância geográfica, reforçando a sua área de atração.” (MAGNANINI, 1967, p. 119).

Sendo assim, observamos no M2, a descentralização dos cinemas pelos bairros cariocas, independentemente de sua área de localização (Bairros Suburbanos, Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste) especialmente por ruas de circulação de meios de transporte, eixos de tráfego e/ou de localização das demais atividades terciárias, lugares centrais. Em outras palavras, os lugares centrais distribuídos em áreas, a exemplo da Praça Saens Peña e os eixos de tráfego, como a Rua Voluntários da Pátria, a Av. Nossa Senhora de Copacabana e a Rua Arquias Cordeiro, como já apontado por Proudfoot (1937) e em Berry (1967), definem os padrões espaciais da descentralização, ou seja, a descentralização cristaliza-se em áreas ou em eixos de tráfego.

Mapa 3: Distribuição dos cinemas por áreas no município do Rio de Janeiro – Momento 2 (1935 - 1984)



O Momento 3 (M3), finalmente, caracteriza-se pela importância do shopping center como catalisador locacional dos cinemas, isto é, a localização dos cinemas sofre uma brusca mudança quando migra da rua para o interior desses grandes centros de compra. Este momento inicia-se em 1985 quando a força concentradora do shopping center ficou nitidamente definida no Rio de Janeiro.

No M3, a área com maior número de salas é a Zona Sul, com 35% (37 salas), em seguida vêm os Bairros Suburbanos com 21% (22 salas), depois a Barra da Tijuca com 16% (17 salas), então o Centro e a Zona Oeste com aproximadamente 10% cada uma das áreas (10 salas em cada área) e, por último, a Zona Norte com 9% (9 salas).

Apesar de a Zona Sul concentrar o maior número de cinemas durante o M3, nenhum dos seus nove bairros, pelos quais estavam distribuídas suas 37 salas, ultrapassava os 17 cinemas instalados na Barra da Tijuca. E o mesmo se repete pelas outras áreas analisadas, nas quais nenhum de seus bairros tinha mais salas do que a Barra da Tijuca. Botafogo, o bairro com maior número de salas na Zona Sul, tinha 11 cinemas, Madureira, nos Bairros Suburbanos 7, a Tijuca, na Zona Norte, 9, Jacarepaguá, na Zona Oeste, 4 e, no Centro, havia 10 salas. A análise do M3, portanto, será iniciada com a Barra da Tijuca. Os 17 cinemas instalados no bairro durante o M3 estão listados a seguir.

Quadro 15: Cinemas em funcionamento na Barra da Tijuca durante o Momento 3 (1985-1994)

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cinema Barra 1	27/10/1981	?	Avenida das Américas, 4666
Cinema Barra 2	27/10/1981	?	Avenida das Américas, 4666
Cinema Barra 3	27/10/1981	?	Avenida das Américas, 4666
Cine Art Casashopping 1	29/9/1984	?	Avenida Ayrton Senna, 2150
Cine Art Casashopping 2	29/9/1984	?	Avenida Ayrton Senna, 2150
Cine Art Casashopping 3	29/9/1984	?	Avenida Ayrton Senna, 2150
Cinema Via Parque 1	8/10/1993	?	Avenida Ayrton Senna, 3000
Cinema Via Parque 2	8/10/1993	?	Avenida Ayrton Senna, 3000
Cinema Via Parque 3	8/10/1993	?	Avenida Ayrton Senna, 3000
Cinema Via Parque 4	8/10/1993	?	Avenida Ayrton Senna, 3000
Cinema Via Parque 5	8/10/1993	?	Avenida Ayrton Senna, 3000
Cinema Via Parque 6	8/10/1993	?	Avenida Ayrton Senna, 3000
Cinema Art Barrashopping 1	30/9/1994	?	Avenida das Américas, 4666
Cinema Art Barrashopping 2	30/9/1994	?	Avenida das Américas, 4666
Cinema Art Barrashopping 3	30/9/1994	?	Avenida das Américas, 4666
Cinema Art Barrashopping 4	30/9/1994	?	Avenida das Américas, 4666
Cinema Art Barrashopping 5	30/9/1994	?	Avenida das Américas, 4666

Fonte: Gonzaga (1996).

Os primeiros cinemas na Barra da Tijuca foram inaugurados juntamente com o Barra Shopping, em 1981 - os Barra 1, 2 e 3 (Avenida das Américas, nº 4666). Sendo assim, ainda durante o M2, o Barra Shopping foi o primeiro shopping center a ser inaugurado com salas de cinema em seu interior, no Rio de Janeiro, correspondendo ainda aos primeiros cinemas do bairro.

Posteriormente aos Barra 1, 2 e 3, foram inaugurados os Cine Art Casashopping 1,2 e 3, em 1984, e os Cinema Via Parque 1 a 6, em 1993, também no interior de shopping centers - o Casa Shopping e o Via Parque respectivamente.

Atualmente, nenhuma dessas 17 salas está em atividade. Por meio de passarelas, o Barra Shopping foi anexado ao New York City Center, um centro de compras e lazer

localizado à Avenida das Américas, nº 5000, abarcando 18 salas de cinema¹⁷, suprimindo, portanto, a demanda por esse tipo de diversão aos frequentadores do Barra Shopping. Os cinemas do Casa Shopping também foram desativados e, segundo o site do próprio shopping center Via Parque, suas 6 salas estão passando por uma reforma atualmente¹⁸. Assim, chega-se à conclusão de que as primeiras salas de cinema localizadas no interior de shopping centers, no Rio de Janeiro, também já passam por um processo de fechamento e/ou adaptação.

Se, por um lado, a Barra da Tijuca presenciou as primeiras salas de cinema dentro de shopping centers no Rio de Janeiro, bem como seus fechamentos, por outro lado, o bairro possui, atualmente, o maior centro de lazer cinematográfico da cidade. O já citado New York City Center possui 18 salas com os mais variados tipos de tecnologia, como salas para projeção de filmes em três dimensões (3D), telas gigantes que ampliam o campo de visão do espectador bem como salas luxuosas, oferecendo maior conforto e comodidade.

Posteriormente a essa análise inicial dos primeiros cinemas no interior dos shopping centers, retomaremos a análise da Zona Sul da cidade. Os bairros onde já encontrávamos cinemas dentro desses centros de compra eram São Conrado e Botafogo. Em São Conrado, os 4 cinemas do bairro funcionavam e continuam em funcionamento no interior do shopping center Fashion Mall (Estrada da Gávea, nº 899). Duas salas foram abertas dois anos após a inauguração do próprio shopping center¹⁹, e outras duas salas quatro anos mais tarde. Já em Botafogo, 4 das 11 salas do bairro estavam instaladas no shopping Rio Sul (Rua Lauro Sodré, nº 466). Apesar de este shopping center ter sido o primeiro a ser inaugurado no Rio de Janeiro, em 1980 (Pintaudi, 1992), os cinemas só foram instalados 12 anos depois, em 1993. As outras 8 salas, em Botafogo, ainda, localizavam-se em contato direto com a rua. Na Zona Sul durante o M3 havia salas de cinemas também em Copacabana (09), Catete (05), Ipanema (03), Flamengo (02), Lagoa (01) e Leblon (01) e em todas essas ainda eram os conhecidos “cinemas de rua”. Nota-se que, em Copacabana, do M2 para o M3, ocorreu o desaparecimento de 11 salas indicando o movimento em decadência desse modelo de cinema.

Nos Bairros Suburbanos, onde, no M3, havia 22 salas, os bairros que mais se destacaram numericamente foram Madureira, com 7 cinemas e Méier com 6, mas era na Ilha do Governador onde, das 3 salas do bairro, 2 estavam no shopping center Ilha Plaza. No

¹⁷ UCI Cinemas. Disponível em <<http://www.ucicinemas.com.br/cinema-7-uci-new-york-city-center>> Acesso em: 27/11/2014.

¹⁸ Via Parque Shopping. Disponível em <<http://www.viaparqueshopping.com.br/cinema.html>> Acesso em: 27/11/2014.

¹⁹ Fashion Mall. Disponível em <<http://www.fashionmall.com.br/shopping.asp>> Acesso em: 05/12/2014.

mesmo ano de inauguração do shopping center, as 2 salas foram abertas. Os demais bairros com cinemas eram Olaria com 2, Cascadura, Marechal Hermes, Ramos e Rocha Miranda com 1 sala cada um, todas elas localizadas beirando a rua.

Na Zona Oeste e no Centro havia 10 salas em cada uma das áreas e todas elas eram de rua. No caso do Centro, até os dias atuais, não há shopping centers na região. Já na Zona Norte, onde havia 9 salas no M3, todas estavam localizadas no bairro Tijuca, e, assim como na Zona Oeste e no Centro, estavam localizadas na rua. Ressalta-se que, daqueles 23 cinemas em funcionamento no M2 na Tijuca, apenas 8 sobreviveram no momento seguinte e 1 cinema foi criado durante o M3, totalizando as 9 salas do bairro.

Dos 105 cinemas em funcionamento na cidade no M3, 30 estavam localizados em shopping centers, ou seja, 29% e 75 salas, correspondentes a 71%, na rua. Por mais que os cinemas em shopping centers não fossem numericamente os mais expressivos, já demonstrava o início de uma tendência, que hoje praticamente é regra, os cinemas estão localizados dentro desses grandes centros de compra. Como mostra o jornal O Globo, em edição de 1998 (vide Anexo G), a seção de cinemas, que indica os locais e horários dos filmes na cidade é dividida em “Shoppings” e “Demais Bairros”, como Copacabana, Centro e Tijuca. De acordo com o jornal, eram 72 salas em shopping centers contra 41 nos outros bairros, ou seja, cinemas de rua. Sendo assim, passados apenas quatro anos do limite – o ano de 1994, estabelecido para essa pesquisa, os cinemas de rua diminuíram praticamente à metade e os cinemas em shopping centers aumentaram consideravelmente, sendo a maioria desde então. Em 2014, a seção com a programação cinematográfica do mesmo jornal (Vide Anexo H) já não separa os cinemas de shopping center daqueles de bairro. Ao todo são 191 cinemas na cidade do Rio de Janeiro, dos quais 140 são cinemas em shopping centers e 51 cinemas de rua, ou seja, 73% deles estão localizados no interior desses grandes centros de compra. O que era apenas uma tendência em 1994 e já vinha se confirmando em 1998, torna-se, em sua grande maioria, regra na cidade – os cinemas estão intimamente associados aos shopping centers.

Atribui-se tal migração dos cinemas - da rua para o interior dos shopping centers - à violência urbana nas ruas. Contudo, entende-se que é preciso fazer uma pesquisa avançada sobre o assunto, não sendo, portanto, algo afirmado como verdade no presente trabalho. Por outro lado, sabe-se que o advento dos shopping centers era eminente como uma nova forma de organização do comércio e dos serviços, isto é, eles reproduzem de uma maneira planejada e sistemática o modelo de economia de aglomeração que gerou lugares centrais em áreas

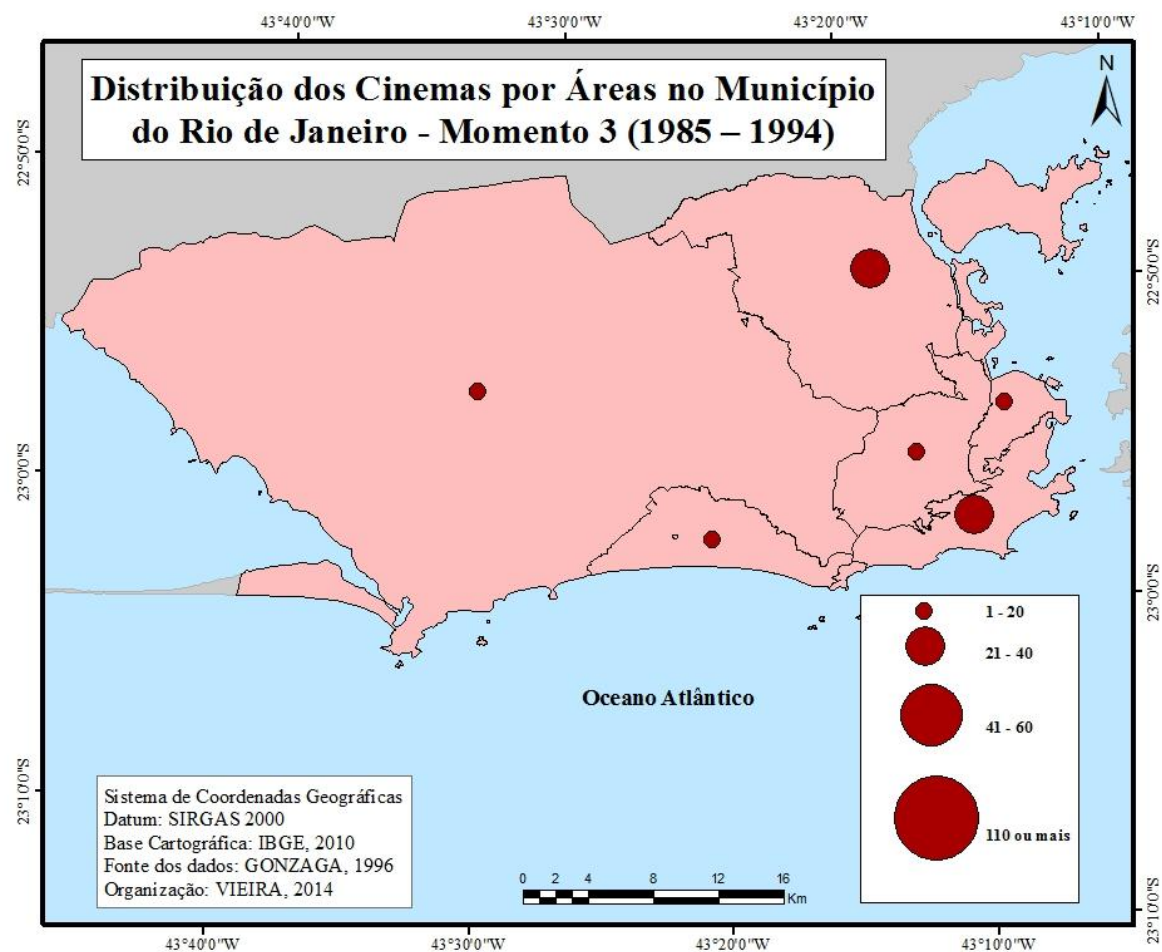
como a Praça Saens Peña, trazendo consigo uma nova centralidade. Todavia como já fora apresentado, esses centros de compra também estão impregnados por outras formas de consumo e lazer. Os cinemas, em virtude de seu caráter de lazer e entretenimento, se adequam a essa nova forma de sociabilidade e consumo simbólico. Frequentar o cinema significa não apenas assistir ao filme, mas consumir também o ambiente no qual a sala está instalada. Se antigamente a ida ao cinema estava envolvida pela arquitetura e esplendor das grandes salas (ou pelos antigos e pequenos cinemas conhecidos como “poeiras”), hoje a prática está afetada por outras vivências, tais como passear, fazer compras e lanchar no shopping center. A prática de ir ao cinema continua a mesma, o que mudou foram as ações contíguas ao consumo do conteúdo ofertado pelas salas de exibição.

A migração das salas de rua para os shopping centers não diminui a importância dos cinemas para a população, para a manutenção da sociabilidade. Na verdade, ela só mostra o fôlego com que esse equipamento lida com as mudanças da cidade e nas práticas sociais de forma geral. Os cinemas já sofreram alterações como o advento do som, do ar condicionado, das novas tecnologias de projeção, dos tipos de sala - digital e 3D -, bem como mudanças de hábitos, como a prática de alugar filmes em vídeo-locadoras ou, mais recentemente, assistir a filmes, em casa, pela TV a cabo ou via Internet. Entretanto a ida ao cinema continua fazendo parte do cotidiano do povo como forma de lazer bastante praticada o que mostra o poder de renovação e de adaptação desse veículo de entretenimento. Sendo assim, deve-se observar os shopping centers não como razão da redução do número de salas de cinema de rua, mas sim impulsionadores do crescimento e da renovação das/nas mesmas. As salas dentro dos shopping centers são o futuro, mas não necessariamente melhor ou pior do que as salas de rua.

Esse capítulo, portanto, retratou a trajetória das salas de cinema, quando nas primeiras décadas do século XX, elas estavam localizadas em sua maioria no Centro do Rio de Janeiro e, posteriormente, foram se distribuindo pelo interior dos bairros de todas as áreas da cidade, Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste e Bairros Suburbanos. Finalmente, já na década de 1980, os shopping centers trouxeram consigo uma nova forma de ver e vivenciar o cinema, quando eles começaram a ser instalados no interior desses centros de compra e lazer. Ainda na década de 1980, os cinemas chegaram à Barra da Tijuca, no mesmo ano em que um shopping center foi inaugurado no bairro, ditando o que seria tendência a partir de então – cinemas em shopping centers.

O próximo capítulo retratará a época na qual a Cinelândia, no centro da cidade, era a expoente da sétima arte entre os anos de 1925 e 1974.

Mapa 4: Distribuição dos cinemas por áreas no município do Rio de Janeiro – Momento 3 (1985 - 1994)



4. Um recorte: Cinelândia 1925-1974

O presente capítulo busca fazer uma análise da distribuição dos cinemas na Cinelândia entre os anos de 1925 e 1974. A análise anterior considerou a distribuição dos cinemas na escala da cidade como um todo ainda que analiticamente áreas e bairros fossem considerados. Como no atual capítulo a análise deter-se-á a uma área específica consta que a narrativa será diferente, porque mudaremos a escala espacial. A partir do momento que se elege uma seção da cidade, mesmo que entendamos que cada parte possui sua própria história, o recorte geográfico específico recebe atributos singulares, isto é, não obedece necessariamente o recorte temporal utilizado para a análise de todas as zonas da cidade. Temos aqui, portanto, um recorte espaço temporal, a Cinelândia entre 1925 e 1974, e para colocá-lo em prática utilizaram-se duas ferramentas, o jogo escalar e a definição do seu respectivo tempo sincrônico, ainda que nessa sincronia haja certa diacronia.

Como já foi apontado com base em Corrêa (2003b), o assunto “escala” é muito complexo e, de acordo com Castro (2007[1995]), de uso tão antigo quanto a própria geografia. A escala faz parte da natureza dessa ciência e uma de suas abordagens é a escala de apreensão do real, como indicado por Castro (2007[1995]) e Corrêa (2011b). Segundo Corrêa (2011b), a escala de apreensão do real está dividida em três categorias, universal, particular e singular e todas elas são oriundas de processos gerais. A universal representa processos repetitivos que controlam as categorias particular e singular. Na particular os processos e formas gerais são especificados originando tipos, classes ou gêneros de processos e formas comuns a um dado grupo (Corrêa, Inédito). Já a singular resulta, além dos processos gerais, de processos particulares e individuais, além de heranças e da aleatoriedade. Para este trabalho, consideraremos assim, a Cinelândia como singular, a área central como particular e a cidade do Rio de Janeiro como universal.

Mais uma vez utilizou-se o jogo escalar para a construção da presente dissertação. A definição da Cinelândia, entre 1925 e 1974, como estudo de caso se deu pelo seu caráter singular, uma vez que ela incorpora processos gerais da cidade e processos próprios. De um lado, é uma seção da cidade onde os cinemas se concentraram em área, ou seja, um grande número de salas esteve relativamente próximo em uma pequena parcela do solo urbano, e de outro, foi nesse período que verificamos a ascensão e a permanência das salas em funcionamento. Uma característica temporal da singularidade é que seu tempo de análise não necessariamente é o mesmo da universalidade ou da particularidade. O caso da Cinelândia

torna-se tão significativo porque, considerando a divisão da trajetória geral dos cinemas, na cidade, em três momentos principais, os primeiros dez anos de análise (1925-1934), inseridos no M1 - momento da centralização e os outros 40 anos (1935-1974), contidos no M2 - caracterizado pela descentralização, o recorte temporal dessa área não se enquadra nem em um momento nem no outro, contudo ela tem como particularidade uma combinação própria que a enquadra nos dois momentos referidos. A Cinelândia exhibe, então, momentos de centralização e momentos de descentralização, o que torna a seleção da área muito rica, por exemplificar e exibir uma parte da trajetória geral da distribuição dos cinemas pela cidade. A análise que se segue será, portanto, estruturada de acordo com a Cinelândia da centralização (1925-1934) e a Cinelândia da descentralização (1935-1974).

Geograficamente, entende-se como Cinelândia e adjacências a Praça Floriano que margeia a Avenida Rio Branco no quarteirão entre as ruas Evaristo da Veiga e Passeio, a Rua Senador Dantas, definida pelo mesmo quarteirão que a Avenida Rio Branco (entre as ruas Evaristo da Veiga e Rua do Passeio) e a Rua do Passeio (vide Figura 7). Especificamente, definiu-se o período entre 1925-1974, porque, de um lado, a partir de 1925, percebe-se a instalação de cinemas que se mantiveram em funcionamento por mais tempo, como o Cine Palácio que funcionou durante 107 anos, o Cinema Pathé-Palace em atividade por 71 anos e o Cinema Império por 53 anos e, de outro, a partir de 1975, não há mais inaugurações, apenas encerramento da atividade de alguns cinemas. Sendo assim, é no período de 1925-1974 que se verifica o grande apogeu da praça.

Antes mesmo da instalação do primeiro cinema na região, em 1925 (Gonzaga, 1996), a Praça Floriano foi alvo das reformas executadas por Pereira Passos, que planejou o local para ser o símbolo da nova ordem, estando em uma das extremidades da então Avenida Central (Lima, 2000), tornando-se referência não só de lazer, mas também da política e cultura (Lima, 2000). Prédios como do Teatro Municipal, Museu de Belas Artes (antiga Escola Nacional de Belas Artes), Biblioteca Nacional, Palácio Monroe, hoje, Câmara dos Vereadores, eram os símbolos que geraram esses adjetivos à Praça Floriano, atraindo uma parcela da população que circulava em seu entorno, assim como indicou Lima (2000):

“Reunindo a administração estatal, uma escola universitária, a maior biblioteca do País, o mais nobre teatro da Cidade e, mais tarde, os principais cinemas, a Praça Floriano abrangia um reduzido perímetro onde se entrecruzavam as atividades sociais da cidade do Rio de Janeiro. Este aglomerado de construções monumentais da nova ordem política e cultural, como um imã, atraía à praça a nata da sociedade. Era, já nas primeiras décadas do século, parte integrante do “centro”, local de intensa circulação, mesmo por aqueles que habitavam os bairros residenciais em

formação, e que procuravam a área fosse por necessidade de trabalho ou de diversão. As relações estabelecidas entre o Teatro Municipal, o público e a praça muito contribuíram para a valorização deste espaço social.” (LIMA, 2000, p. 201).

Figura 7: Esquema da Praça Floriano e adjacências



Fonte: Google Maps (2014).

Não foi por acaso, então, que Francisco Serrador, empresário espanhol que migrou para o Brasil, no final do século XIX, se interessou pela área (Gonzaga, 1996; Máximo, 1997; Lima, 2000; Vaz, 2008). Serrador foi quem investiu na região como um bairro cinematográfico e antes mesmo de chegar ao Rio de Janeiro, já administrava, à distância, uma sala na cidade - o Cinema Chantecler à Rua Visconde do Rio Branco, nº 53 (Máximo, 1997). Segundo Vaz (2008), Serrador acreditava “na fórmula de concentração temática para transformar o espaço em atração cultural” (Vaz, 2008, p. 95) e planejava aproveitar o padrão dos prédios do Teatro Municipal e da Escola Nacional de Belas Artes para construir um bairro sofisticado e culturalmente atraente. Segundo Vaz (2008), Serrador chamava o projeto de Cidade dos Cinemas, mas era conhecido popularmente como Bairro Serrador. Na região onde seria instalado um complexo de cinemas funcionava o Convento d’Ajuda, demolido em 1911, e adquirido por Serrador em 1917 (Lima, 2000). O convento ocupava 1800 metros e foi dividido em lotes entregues a outros empresários que decidiram investir na região também (Máximo, 1997). O projeto inicial de Serrador, segundo Máximo (1997):

“[...] era muito ambicioso para a época: um quarteirão compreendendo três teatros, quatro cinemas com oitocentos lugares cada, um hotel, dezessete amplas lojas, um rince de patinação, um moderno parque de diversões, nove ruas de acesso a ele, fonte luminosa, salas para escritórios e, por incrível que pareça, um imenso terraço ocupando toda a extensão dos prédios, para bares e restaurantes. Foi chamado de louco, espanhol insano, com mania de grandeza.” (MÁXIMO, 1997, p. 75).

De acordo com o trecho acima, Serrador enfrentou dificuldades para colocar em prática seu projeto já que os investidores receavam adquirir um terreno mal localizado (Gonzaga, 2000). Um deles era Luiz Severiano Ribeiro, empresário do ramo cinematográfico, que segundo Vaz (2008), via o empreendimento de Serrador com certa crítica e preferia investir em cinemas de bairro onde, além do investimento mais seguro, o aluguel ou a compra do edifício/terreno fosse mais barato. Sendo assim, o espanhol remodelou suas ideias e planejou a região em dimensões mais modestas com quatro cinemas, pequenas lojas no entorno e salas de escritório (Máximo, 1997). A obra dos quatro primeiros prédios da Cinelândia, coordenada pelo próprio Serrador, foi iniciada em 1923, e dois anos depois, em 1925, veríamos os primeiros cinemas serem inaugurados na Cinelândia (Gonzaga, 1996). De acordo com Gonzaga (1996), em abril de 1925, foi inaugurado o Capitólio (Praça Floriano, nº 51), em setembro do mesmo ano, o Glória (Praça Floriano, nº 35/37), em novembro, o Império (Praça Floriano, nº 19) e, já em abril de 1926, o Odeon (Praça Floriano, nº 07). A princípio todos eles eram cinemas administrados por Serrador (Gonzaga, 1996). Em 1928, o Pathé-Palace (Praça Floriano, nº 45) foi inaugurado, em 1932, foi o Alhambra (Rua do Passeio, nº 14/16) abrir suas portas e, em 1934, o Cine Teatro Rex (Rua Álvaro Alvim, nº 33) inaugurou suas atividades. Todas essas

salas se juntaram àquela que já funcionava desde 1901, o Cinema Palácio (Rua do Passeio, nº38/40), formando assim um aglomerado de oito salas em atividade, entre 1925 e 1934, durante a fase da centralização (Vide Quadro 16) na Cinelândia. Essas salas continuaram em funcionamento pelos períodos seguintes, demonstrando seu poder de atração ao centro, mesmo quando se verifica o início da descentralização das salas a partir de aproximadamente 1935.

Quadro 16: A Cinelândia da centralização: cinemas em funcionamento entre 1925-1934

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cine Palácio	6/11/1901	?	Rua do Passeio, 38/40
Cinema Capitólio	23/4/1925	23/7/1972	Praça Floriano, 51
Cine Teatro Glória	3/10/1925	26/3/1944	Praça Floriano, 35/37
Cinema Império	12/11/1925	10/12/1978	Praça Floriano, 19
Cinema Odeon	3/4/1926	?	Praça Floriano, 07
Cinema Pathé-Palace	1/10/1928	?	Praça Floriano, 45
Cinema Alhambra	9/6/1932	9/4/1939	Rua do Passeio, 14/16
Cine Teatro Rex	27/1/1934	Em atividade	Rua Álvaro Alvim, 33

Fonte: Gonzaga (1996).

Com exceção do Cine Palácio, todos os outros cinemas do Quadro 16, de acordo com Lima (2000), foram construídos no andar térreo de prédios com pavimentos que variavam entre cinco e onze andares, conhecidos como arranha-céus na época. Essa configuração gerava maior movimentação de pessoas pela praça estando a trabalho, para lazer ou, ainda, pelas duas atividades, tornando-se a praça, assim, um lugar de referência para a população carioca.

O prédio do Cinema Capitólio tinha sete andares, sendo os três primeiros, incluindo o subsolo, destinados para cinema. Dois pavimentos eram para escritórios e outros três para apartamentos com quarto e banheiro (Lima, 2000). Havia ainda uma cobertura que daria lugar a um restaurante de luxo. O prédio, portanto, era de uso misto, oferecendo residência, prestação de serviços e comércio. O cinema, segundo Gonzaga (1996), possuía 1300 lugares divididos em diferentes tipos de assentos - plateia, camarotes, balcões -, que segregavam a população segundo o poder aquisitivo. O cinema, às vezes, também era usado como teatro. Já o Cine Teatro Glória, mais tarde conhecido apenas como Cinema Glória (Gonzaga, 1996), que, a princípio fora inaugurado para aportar companhias de teatro, estava alojado nos três

primeiros andares do Edifício Gloria, o qual acomodava apartamentos residenciais nos andares superiores ao cinema, contrariando a ideia inicial de Serrador de que os demais pavimentos fossem usufruídos como hotel (Lima, 2000). Este cinema oferecia 1063 lugares (Gonzaga, 1996).

Por sua vez, o Cinema Império estava integrado a um prédio de onze andares, que combinava o uso residencial, com quase noventa apartamentos, com salas comerciais (Lima, 2000). De acordo com Gonzaga (1996), o cinema tinha 526 lugares também divididos em poltronas de galeria e camarotes. O Odeon também estava localizado nos primeiros andares de um prédio de onze andares com uso misto. À data de sua inauguração possuía 1344 lugares, dos quais 1143 de plateia e 30 camarotes que comportavam umas 200 pessoas no total. No que se refere ao Cinema Pathé-Palace, este ocupava os três primeiros andares do Edifício Natal (Lima, 2000) e, de acordo com Gonzaga (1996), oferecia 918 lugares em 1937. Já o Cinema Alhambra, que comportava 1448 lugares (Gonzaga, 1996), tinha quatro pavimentos, dos quais o térreo era destinado ao cinema, à confeitaria e à choperia, o segundo a um bar e a um salão para apresentação de orquestras, o terceiro a diversos restaurantes e o último havia sido projetado para receber concertos e conferências (Lima, 2000).

O Cine Teatro Rex, que à época de sua inauguração, reunia imponência e estilo na sua sala de projeção, fica no andar térreo Edifício Rex, que agrega no subsolo o Teatro Rival inaugurado meses após o cine teatro (Lima, 2000). A combinação entre cinema, teatro e prédio foi uma estratégia do idealizador do projeto, Vivaldi Leite Ribeiro, influenciado por Serrador que também investira em prédios de uso misto, buscando investimentos paralelos aos estabelecimentos de lazer (Gonzaga, 1996). Assim como os cinemas anteriormente citados, a bilheteria e a porta de entrada do Cine Teatro Rex estão à margem da Rua Álvaro Alvim, sendo, portanto, de fácil acesso a todos. Em 1937, o cinema tinha 1.900 lugares e, em 1969, 1.607 poltronas (Gonzaga, 1996). Já o Cine Palácio tem datas de inauguração divergentes na bibliografia consultada. Lima (2000) entende que o cinema só fora construído posteriormente à demolição do Cassino Nacional - um café cantante, lugar de boemia da cidade, que ficava exatamente no mesmo número da Rua do Passeio onde hoje é o Cine Palácio. A autora afirma que o cinema fora inaugurado em 1927. Por outro lado, Gonzaga (1996), nossa autora de referência para todas as informações no que concerne ao ano de inauguração e ao ano de fechamento, indica que o Cine Palácio, sob o nome de Cassino Nacional, fora inaugurado em 1901, passando a ter diversos nomes ao longo do tempo, até se abrigar, em 1929, recebendo o nome de Palácio Teatro. Em 1943, ficou conhecido como

Cine Palácio e, em 1979, Cine Palácio 1 e 2. De acordo com Lima (2000), o prédio onde está o cinema não tinha mais nenhuma atividade associada.

O que se pode verificar é que, ao passo que se inauguravam cinemas à Praça Floriano, a partir da década de 1920, instalavam-se também outras atividades terciárias e residenciais, concomitantemente, gerando dinamismo naquele espaço. Outra característica da época era a dupla funcionalidade que davam às salas, servindo de espaço de cinema e de teatro por longo tempo, de acordo com as plantas dos cinemas Capitólio, Odeon, Pathé e Palácio, apresentadas por Lima (2000), o espaço do “palco” estava sempre reservado à frente da “tela”, normalmente com grandes plateias que tinham mais de 1000 lugares. Em outras palavras, Magnanini (1967) afirma que:

“Os cinemas da Cinelândia oferecem salas vastas, com as mais modernas instalações. Exercem certa influência sobre [sic] a vida quotidiana da Área Central, sendo um costume do carioca frequentar o cinema após o trabalho. Daí serem as sessões das 18 horas as mais movimentadas durante a semana. Contribuem assim, com sua força [sic] atrativa, para a movimentação desse [sic] trecho da Área Central, tendo tido influência no aparecimento de hotéis e de restaurantes, o que vem demonstrar a interdependência entre as funções dessa área.” (MAGNANINI, 1967, p. 120).

Em estudo sobre a função comercial da área central da cidade do Rio de Janeiro, Silva *et al* (1967) entende que houve uma especialização interna no Centro ramificado em dois grandes núcleos comerciais. O primeiro correspondente ao comércio fino (mais sofisticado) das lojas tradicionais de moda às ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias, Uruguaiana e Sete de Setembro e, o segundo núcleo de comércio varejista de custo mais baixo situado pelas ruas da Alfândega, Senhor dos Passos entre outras. Diante do exposto acima, poderíamos definir a Cinelândia e adjacências como um núcleo especializado de recreação devido a sua oferta de cinemas, teatros, restaurantes, bares, lojas ou, nas palavras de Berry (1967), uma área especializada conhecida como distrito de diversões. É o que se verifica quando Máximo (1997) escreve sobre a grande importância que a Praça Floriano imprimiu à população de uma forma geral, como um símbolo da cidade, servindo de área de lazer a todos.

“Por sinal, imitar mocinhos e mocinhas dos filmes é prática que, começando quando o centro de diversões da cidade era ainda na Avenida Central, ganhou inevitável impulso com a proliferação dos cinemas na Cinelândia e a subsequente transformação de suas calçadas, a da Praça Floriano e a da Rua do Passeio, em pistas obrigatórias do *footing* mais chique da cidade. Era por ali que desfilavam as últimas modas. Quem quisesse saber o que se usavam na rua homens e mulheres elegantes do Rio de Janeiro dos anos 20, basta conferir nas fotografias que os lambe-lambes, incontáveis, espalhados por todas as esquinas, tiravam de quem passava pela Cinelândia.” (MÁXIMO, 1997, p. 84).

Observando-se por outro ângulo, Lima (2000) entende que houve não apenas refuncionalização no local, mas também ressignificação, pois a área da Praça Floriano passou a ganhar *status* de área de lazer da cidade. Em suas palavras:

“Os objetivos práticos dos empresários cinematográficos, alcançados com a remodelação do espaço físico e social da Praça Floriano, subordinaram-se à função simbólica. O que dominou a substancial mudança da Praça não foi apenas o valor funcional introduzido pelos luxuosos cinemas como equipamento de lazer, mas também a projeção cultural alcançada pelo seu novo significado no contexto da cidade.” (LIMA, 2000, p. 262).

A Cinelândia manteve esse caráter recreativo pelos, aproximadamente, próximos 40 anos correspondentes ao período da análise. Entre 1935 e 1974, os 8 cinemas do Quadro 16 continuaram funcionando e ainda houve a inauguração de mais 5 salas como indica o Quadro 17, chegando a um total de 13 salas em funcionamento entre 1935-1974.

Quadro 17: A Cinelândia da descentralização: cinemas em funcionamento entre 1935-1974

Cinema	Inauguração	Fechamento	Endereço
Cine Palácio	6/11/1901	?	Rua do Passeio, 38/40
Cinema Capitólio	23/4/1925	23/7/1972	Praça Floriano, 51
Cine Teatro Glória	3/10/1925	26/3/1944	Praça Floriano, 35/37
Cinema Império	12/11/1925	10/12/1978	Praça Floriano, 19
Cinema Odeon	3/4/1926	?	Praça Floriano, 07
Cinema Pathé-Palace	1/10/1928	?	Praça Floriano, 45
Cinema Alhambra	9/6/1932	9/4/1939	Rua do Passeio, 14/16
Cine Teatro Rex	27/1/1934	Em atividade	Rua Álvaro Alvim, 33
Cine Orly	14/11/1935	?	Rua Alcindo Guanabara, 17
Cine Plaza	20/5/1936	16/3/1980	Rua do Passeio, 78
Cine Metro Passeio	30/9/1936	?	Rua do Passeio, 62 B
Cine Vitória	12/8/1942	26/8/1993	Rua Senador Dantas, 45 A
Cine Mesbla	9/1/1959	27/10/1974	Rua do Passeio, 42, 11º andar

Fonte: Gonzaga (1996).

Ao contrário do que se pensaria, a Cinelândia da descentralização reagiu de forma bastante positiva ao processo ainda incipiente de descentralização das atividades terciárias por outras áreas da cidade, mantendo, em atividade, as 8 salas que funcionavam, entre 1925 e 1934, e abrindo ainda mais 5 salas, entre 1935 e 1974, o que mostra, como já fora afirmado, que o processo de descentralização não é pleno, ou simplesmente que o centro não fora

completamente abandonado. A Cinelândia da descentralização é a prova de que ainda havia certa centralidade quando do processo de descentralização.

Dez anos após o nascimento da Cinelândia, por assim dizer, com a inauguração dos cinemas Capitólio, Glória e Império, em 1925, foi inaugurado o Cine Orly (Rua Alcindo Guanabara, nº 17), em 1935, que à época foi batizado de Cine Teatro Rio. Do mesmo idealizador do Cine Teatro Rex, o Cine Orly ocupa a mesma galeria onde hoje temos o Teatro Dulcina, inaugurado no mesmo ano do cinema, com o nome de Teatro Regina (Gonzaga, 1996). Como Cine Teatro Rio oferecia 510 lugares, como Cine Orly oferece 316 (Gonzaga, 1996).

Um ano após a inauguração do Cine Orly, foram abertas as portas do Cine Plaza (Rua do Passeio, nº 78) e Metro Passeio (Rua do Passeio, nº 62 B), estendendo a ocupação de cinemas pela Rua do Passeio para além do já instalado Cine Palácio. O primeiro tinha 1.180 lugares e o segundo 1.821 quando inaugurados (Gonzaga, 1996). Ambos os cinemas também estavam localizados nos andares térreos de prédios otimizando o espaço com mais de um tipo de uso. O Cine Metro Passeio foi o segundo cinema da cidade a instalar ar condicionado em sua sala de projeção, destacando-se dos demais e fazendo com que os outros cinemas se adaptassem à novidade (Gonzaga, 1996). De acordo com Freire (2001), a instalação dos dutos já era prevista desde o projeto inicial, garantindo a eficiência na distribuição do ar frio por toda a sala, criando o que, segundo o autor, consolidou o “padrão Metro” de exibição.

O Cine Metro Passeio foi, então, um divisor de águas, não só porque instalou um sistema eficiente de refrigeração, mas também porque introduziu o tratamento acústico (Costa, 1998). E um ano após sua inauguração foi lançado um decreto que regulamentaria a construção de casas de espetáculos, dentre elas os cinemas, prevendo normas de segurança como utilização de materiais incombustíveis, dimensões mínimas para as portas de saída, corredores de circulação, áreas livres, espaços entre as cadeiras, passagens, escadas e corredores desobstruídos em caso de emergência, entre outras (Costa, 1998). Essas exigências, no entanto eram categóricas nas salas localizadas no Centro e na Zona Sul, diferenciando-as ainda mais daquelas nas áreas suburbanas e da zona norte (Costa, 1998).

Já em 1942, o Cine Vitória (Rua Senador Dantas, nº 45 A) foi aberto e compunha a paisagem das adjacências da Praça Floriano. Da mesma forma que a maioria dos cinemas da

área, ele foi construído sob um prédio de doze andares²⁰ que poderia ser ocupado por atividades comerciais e/ou residencial. O Cine Vitória, em 1946, oferecia 1.269 lugares e, em 1969, 1.124 poltronas (Gonzaga, 1996).

O último cinema inaugurado na região foi o Cine Mesbla em 1959 (Rua do Passeio, nº 42, 11º andar). Esse cinema, que foi uma iniciativa da loja de mesmo nome, segundo Gonzaga (1996), buscava uma sala para exibir filmes gratuitamente aos seus clientes. A empresa buscou até uma parceria com o Cine Metro Passeio e com o Cine Palácio, a fim de fazer uma ligação entre a loja e o cinema, mas não logrou sucesso, então abriu seu próprio cinema no alto do mesmo prédio onde funcionava no térreo a sua loja. O cinema também ficou conhecido como Teatro Mesbla²¹.

Os cinemas inaugurados nessa segunda fase da Cinelândia, da descentralização, mantiveram o mesmo modelo daqueles construídos na primeira fase, da centralização, ou seja, localizados sob um prédio que poderia ser tanto residencial quanto comercial, reforçando a impressão desta área cada vez mais como um distrito de diversões (Berry, 1967). O fato é que, por esse motivo, cada vez mais pessoas encaminhavam-se à Cinelândia. Se por motivo de trabalho poderiam ser atraídos para o interior de uma das casas de espetáculo cinematográfico. Se por motivo de divertimento em um cinema poderiam ser atraídos a consumir outras atividades de comércio e serviços que eram ofertadas no local. O fato é que a Cinelândia ainda tinha um poder relativo de atração, assim como ainda o mantém nos dias atuais, porém de forma modificada. Lima (2000) expõe esse mesmo pensamento ao afirmar que:

“Situados ao longo da Praça Floriano e seus arredores lugar de grande circulação de transeuntes, os cinemas estabeleceram com o espaço público ao seu redor relações de troca comuns a todos os comércios. Da mesma maneira que uma grande loja comercial deveria atrair os clientes, uma sala de espetáculos teria não só de chamar a atenção daqueles que passavam nas calçadas, mas também induzir ao acesso às bilheterias. Esse espaço de atração, no qual imperava o magnetismo das fachadas, marquises e letreiros luminosos, cuja alquimia reside na propensão dos indivíduos a se deixarem enfeitiçar pelo efeito mágico do filme e da própria arquitetura.” (LIMA, 2000, p. 294).

Depois de 1959, com a abertura do Cine Mesbla, mais nenhuma sala foi inaugurada na praça e adjacências. Com exceção do Cinema Alhambra, incendiado em 1939, e do Cine Teatro

²⁰ *Emporis*. Disponível em <<http://www.emporis.com/building/rivoli-riodejaneiro-brazil>> Acesso em: 16/12/2014.

²¹ Rio & Cultura. Disponível em <http://www.rioecultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_cod=54> Acesso em: 16/12/2014.

Glória, fechado em 1944, por causa do estrangulamento do mercado teatral e pelas péssimas condições de segurança (Lima, 2000), que foram fechados precocemente, as demais salas só foram começar a cerrar suas portas a partir da década de 1970. O caso do Capitólio, em 1972, o Mesbla, em 1974, e o Império, em 1978. Em 1980, foi o Plaza que acabou. Nos anos 1990, mais especificamente em 1993, o Vitória já não exibia mais filmes, em 1995²², o Metro e, em 1999²³, o Pathé. Nos anos 2000, o Palácio fechou em 2008²⁴, o Odeon, em 2014²⁵, bem como o Orly (em trabalho de campo realizado na Cinelândia em 06/12/2014, constatou-se que o letreiro que informava “Exibição de Filmes Pornográficos” já não estava mais na frente do cinema, levando-nos a crer que o mesmo tenha tido encerradas as atividades. Assim sendo, o único cinema ainda ativo é o Rex). Salvos os já citados, Alhambra, que funcionou por 7 anos, Glória, que funcionou por 19 anos e Mesbla, que foi o último a ser inaugurado e um dos primeiros a fechar as portas, funcionando por 15 anos, os demais cinemas mantiveram-se em atividade por, no mínimo, 44 anos, como foram os casos do Cine Plaza, chegando a mais de 100 anos e do Cine Palácio que fechou suas portas depois de 107 anos de atividade.

A Figura 8 indica, simultaneamente, os cinemas em funcionamento durante a Cinelândia da centralização e a Cinelândia da descentralização de forma que sugere como todos aqueles cinemas construídos durante a primeira fase da Cinelândia mantiveram-se em funcionamento na segunda fase, indicando o sucesso do empreendimento.

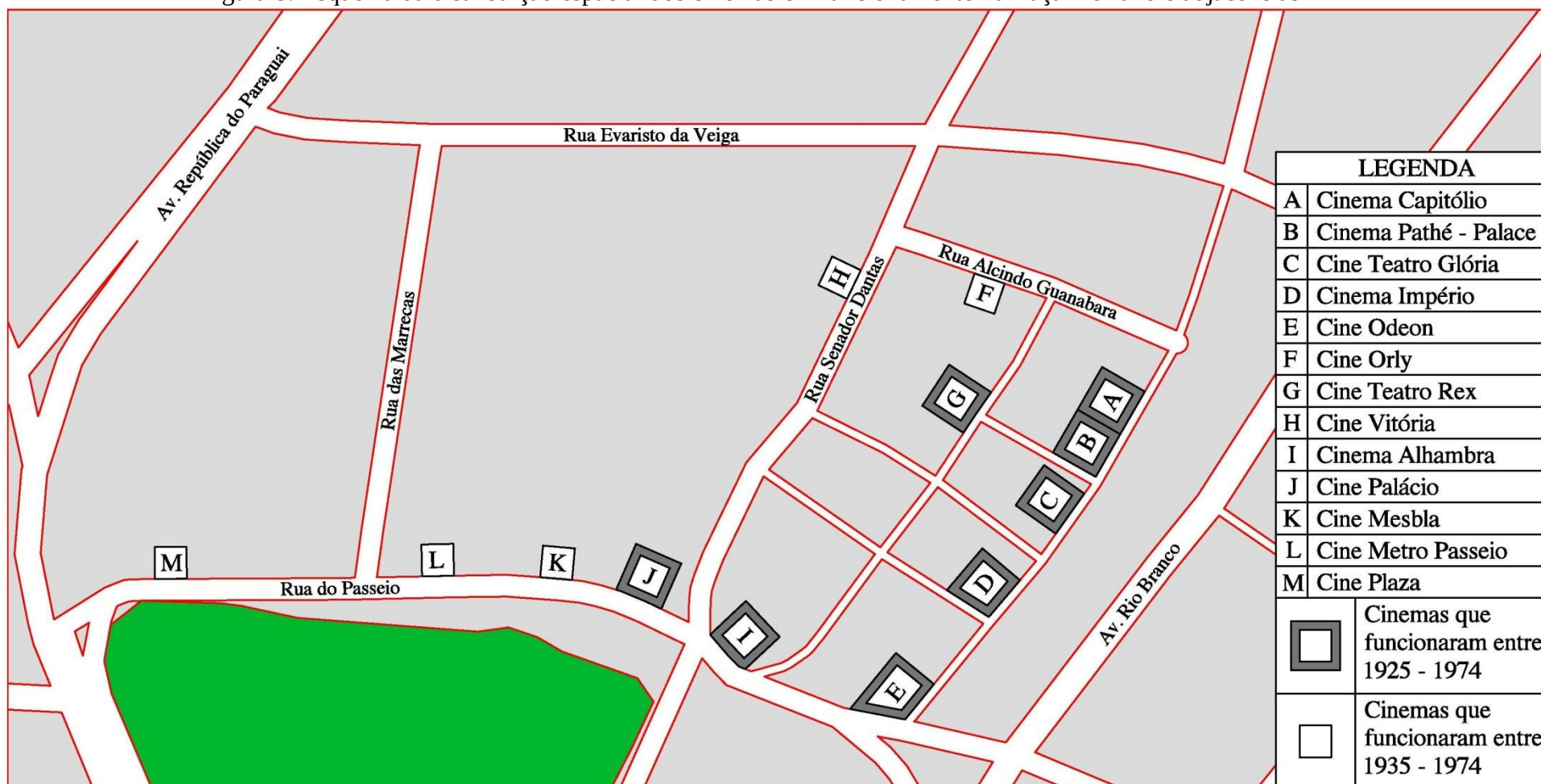
²² O Cine Metro Passeio ainda estava aberto quando do lançamento do livro de Gonzaga (1996), mas como não foi encontrada a data de seu fechamento, em pesquisa posterior feita na Internet, considerou-se o ano de 1995, assim como já aplicado para outros cinemas citados no presente trabalho.

²³ Fato Novo – o portal de notícias do Vale do Caí. Disponível em <<http://www.fatonovo.com.br/o-cine-pathe-not-167.php>> Acesso em: 15/12/2014.

²⁴ Pileque Blogspot. Disponível em <<http://pileque.blogspot.com.br/2008/11/o-palacio-se-foi.html>> Acesso em 15/12/2014.

²⁵ O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cine-odeon-fecha-as-portas-na-quinta-feira-por-tempo-indeterminado-para-manutencao-12691370#ixzz33mgXk6Zl>> Acesso em: 05/06/2014.

Figura 8: Esquema da distribuição espacial dos cinemas em funcionamento naPraça Floriano e adjacências



Fonte: Google Maps (2014); Gonzaga (1996).

Como se pode perceber, nos dias de hoje, praticamente todos os cinemas saíram de cena (Quadro 18), foram demolidos, refuncionalizados ou estão simplesmente fechados com o propósito de especulação fundiária ou à espera de receber uma nova função. Os prédios que, antigamente, eram parcialmente para uso residencial são, em sua maioria, hoje, estritamente dedicados ao comércio, reflexo da valorização da terra na área central o que propulsou a expulsão da população para outras áreas da cidade.

Quadro 18: Atuais funções dos antigos cinemas na Cinelândia

Cinema	Atividade Atual
Cine Palácio	Fechado (Em obras)
Cinema Capitólio	Demolido – Prédio Comercial
Cine Teatro Glória	Agência Bancária / Prédio Comercial
Cinema Império	Demolido – Prédio Comercial
Cinema Odeon	Fechado
Cinema Pathé-Palace	Igreja Neopentecostal / Prédio Comercial
Cinema Alhambra	Incendiado – Prédio Comercial
Cine Teatro Rex	Em atividade
Cine Orly	Fechado
Cine Plaza	Fechado (Em obras)
Cine Metro Passeio	Prédio Comercial
Cine Vitória	Livraria / Prédio Comercial
Cine Mesbla	Prédio Comercial

Atualmente o Cine Palácio está fechado, mas sua estrutura predial ainda é mantida. Ele foi tombado provisoriamente, em 2008²⁶, mesmo ano do seu fechamento, o que não impediu que fosse alvo de diversas especulações, como possivelmente ser transformado em um centro de convenções²⁷. E, hoje, ao que se observa, será transformado em um teatro com 1.200 lugares, que estará integrado a um empreendimento comercial que ocupa as ruas

²⁶ DECRETO Nº 29816 DE 3 DE SETEMBRO DE 2008. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122104/270DECRETO29816CinePalacio1e2.pdf>> Acesso em: 19/12/2014.

²⁷ O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/blogs/cinema/posts/2008/09/04/viva-cine-palacio-tombado-124211.asp>> Acesso em: 15/12/2014.

Senador Dantas, Evaristo da Veiga e Marrecas, com previsão de inauguração em 2016²⁸. Em trabalho de campo realizado em dezembro de 2014, na Cinelândia, observou-se uma placa de empreiteira anexada ao edifício do cinema, na qual há uma indicação de obras de restauração, obras civis e instalação do setor 4 do Passeio Corporate, o empreendimento comercial previsto para ser inaugurado em 2016. Na ocasião do mesmo trabalho de campo, verificou-se também que as obras no local estavam a pleno vapor, com entrada e saída de caminhões e funcionários atuando. A Figura 9 mostra o ontem e o hoje do cinema.

O Capitólio e o Império foram completamente demolidos e hoje dão lugar a um prédio comercial maior e mais moderno, como pode ser observado na Figura 10 e na Figura 11 respectivamente. O Edifício Paulino Ribeiro Gomes, de trinta e cinco andares²⁹, está no mesmo terreno onde se localizava o Cinema Capitólio, já o edifício Empresarial Rio Branco, que possui trinta e três andares³⁰, fica no local onde estava o Cinema Império.

No que tange ao Cine Teatro Glória, os três primeiros andares reservados para sua sala de projeção e dependências foram completamente reformados e, hoje, no local há uma agência bancária. Já o restante do prédio foi preservado, como se pode observar na Figura 12.

O Odeon teve suas atividades encerradas, a princípio temporariamente, em junho de 2014, sob a justificativa da necessidade de reformas, mesmo que sem recursos financeiros para realizá-las, como afirmou o sócio do Grupo Estação administrador do cinema³¹. Esse mesmo grupo, que dirige outros cinemas pela cidade, como o Estação Net Botafogo e o Estação Net Rio, passou por graves problemas econômicos durante o ano de 2014, só que teve sua dívida negociada e perdoada pela maioria dos credores³². Ainda assim o futuro do Cine Odeon é incerto e aguarda aprovação de um decreto que prevê o seu tombamento, o que evitaria sua demolição ou a mudança de função do seu espaço ou ainda a descaracterização da arquitetura e da estética interna e externa³³ do prédio.

²⁸ O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/cine-palacio-sera-reaberto-como-teatro-voltado-para-musicais-12753089#ixzz3MMWwBXc5>> Acesso em: 19/12/2014.

²⁹ Emporis. Disponível em <<http://www.emporis.com/building/paulinoribeirocampos-riodejaneiro-brazil>> Acesso em: 22/12/2014.

³⁰ Buildings – pesquisa imobiliária inteligente. Disponível em <<http://www.buildings.com.br/edificio/4147-empresarial-rio-branco>> Acesso em: 22/12/2014.

³¹ O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cine-odeon-fecha-as-portas-na-quinta-feira-por-tempo-indeterminado-para-manutencao-12691370#ixzz33mgXk6Zl>> Acesso em: 05/06/2014.

³² O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/grupo-estacao-consegue-fazer-acordo-pode-evitar-fechamento-de-16-salas-de-cinema-do-rio-13495326#ixzz39YVu7nvN>> Acesso em: 05/08/2014.

³³ Renato Cinco – Vereador de luta. Disponível em <<http://renatocinco.com/teste/?p=3232>> Acesso em: 15/12/2014.

O Pathé sofreu pouquíssimas intervenções tanto em sua sala de exibição quanto em seu prédio original, que ainda pode ser apreciado à Praça Floriano, mas onde era a sala de exibição é, hoje, uma igreja neopetencostal, conforme se pode observar na Figura 14.

Quanto ao Alhambra, após o incêndio que acabou com o edifício do cinema em 1939, Francisco Serrador elaborou um projeto para que no lugar fosse construído um novo edifício comercial, que segundo ele, teria um porte monumental com mais de vinte andares (Máximo, 1997), sem, no entanto, reservar os primeiros andares para uma sala de cinema. Em 1944³⁴, seria inaugurado o Edifício Francisco Serrador, que ainda está na paisagem da região. A Figura 15 indica a transformação do espaço de cinema em um gigantesco prédio comercial.

³⁴ Propaganda Tática. Disponível em <<http://www.propagandatatica.com.br/serrador/index.html>> Acesso em 22/12/2014.

Figura 9: Cine Palácio, ontem e hoje



Fonte: À esquerda, disponível em <http://www.rioecultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_cod=47> Acesso em 19/12/2014, sem data. À direita, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 10: Cinema Capitólio, ontem e hoje



Fonte: Acima, disponível em <<http://off-road.student.utwente.nl/johan/rio/br/bairros/centro-cinelandia.htm>>
Acesso em 19/12/2014, sem data. Abaixo, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 11: Cinema Império, ontem e hoje



Fonte: À esquerda, disponível em <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=877776&page=63>> Acesso em 19/12/2014, sem data. À direita, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 12: Cine Teatro Glória, ontem e hoje



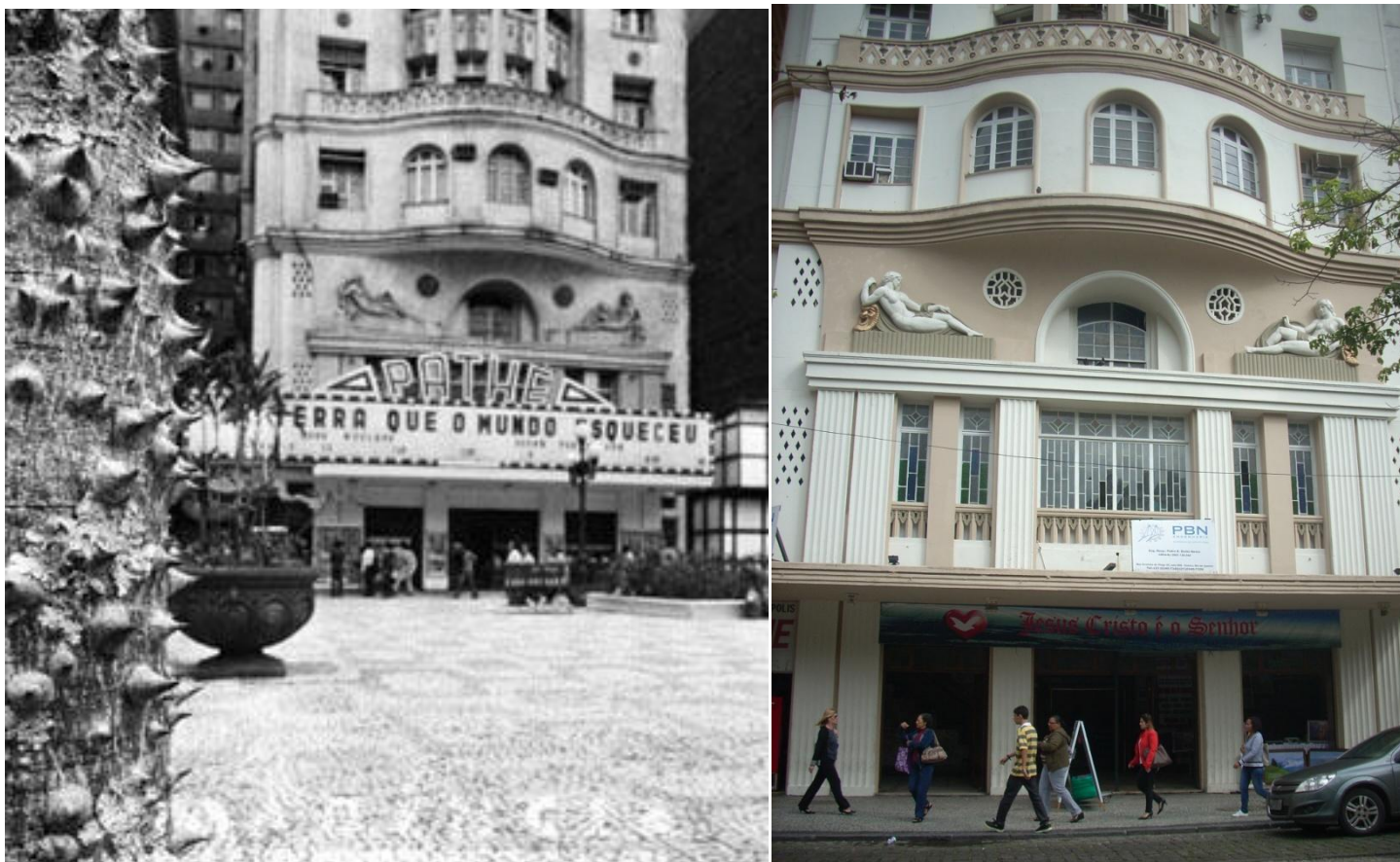
Fonte: À esquerda, disponível em <<http://www.pinterest.com/flviomax/velhas-salas-de-cinema-do-rio-de-janeiro/>> Acesso em 18/12/2014, sem data. À direita, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 13: Cine Odeon, ontem e hoje



Fonte: À esquerda, disponível em <<http://www.eliomar.com.br/rio-antigo-odeon-o-ultimo-cinema-da-cinelandia-fechara-as-portas/>> Acesso em: 19/12/2014, sem data. À direita, pesquisa de campo, 09/06/2014.

Figura 14: Cine Pathé-Palace, ontem e hoje



Fonte: À esquerda, disponível em <http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011_01_30_archive.html> Acesso em 15/06/2013, sem data. À direita, pesquisa de campo, 04/06/2013.

Figura 15: Cinema Alhambra, ontem e hoje



Fonte: À esquerda, disponível em <<http://cinefantasma.blogspot.com.br/2013/03/alhambra.html>> Acesso em 19/12/2014, sem data. À direita, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/10/1350200-empresas-de-eike-iniciam-plano-de-desocupacao-de-edificio-historico-no-centro-do-rio.shtml>> Acesso em: 18/12/2014, sem data.

Com o fechamento do Cine Odeon, em junho de 2014, o Cine Teatro Rex tornou-se o único cinema em atividade na Cinelândia. Atualmente, dedicado à exibição de filmes pornográficos, mas ainda mantém-se resistente frente às facilidades modernas como DVD's, Internet e TV a cabo. A Figura 16 ilustra a fachada do cinema em dois momentos diferentes. Assim como o Rex, o Orly também exibia filmes pornográficos, entretanto, em trabalho de campo realizado em dezembro de 2014, constatou-se que ele fora fechado já que o letreiro do cinema não está mais exposto. O fato foi confirmado por um funcionário do prédio onde o Orly funcionava. A Figura 17 mostra o cinema ainda em funcionamento, em junho de 2013, e fechado em dezembro de 2014. Devido às inúmeras reportagens jornalísticas que foram veiculadas recentemente por conta do fechamento e possível tombamento do Cine Odeon, observou-se que o Orly e o Rex são normalmente negligenciados, uma vez que o Odeon era apontado como o único cinema em funcionamento na praça. No entanto, entende-se que, assim como já indicado aqui, os cinemas das ruas adjacentes à Praça Floriano também ajudaram no reconhecimento popular do espaço como Cinelândia, bem como fazem parte da história da praça de modo geral, tal como o Odeon.

No que se refere ao Cine Plaza, comparando-se as condições do prédio observadas em trabalho de campo realizado no local em junho de 2013 e em dezembro de 2014, verificou-se que o edifício onde estava localizado o cinema ainda está de pé, mas as obras que estão sendo feitas no local estão descaracterizando, gradativamente, sua forma original. As placas referentes à obra não indicam detalhes a respeito da reforma e nem informam o que será implementado no local. A Figura 18 indica as transformações do Cine Plaza.

Já o edifício comercial Empresarial Passeio, onde estava localizado o Cine Metro Passeio, não sofreu nenhuma alteração e continua em funcionamento normalmente. Como pode ser observado na Figura 19, o letreiro do cinema ainda está à frente do prédio, mas na fachada não há mais anúncio de filmes “em cartaz” e sim uma placa oferecendo a sala para locação, ou seja, o cinema já não funciona mais.

O Cine Vitória, por sua vez, em tempos de abandono, foi alvo de algumas ocupações, como a de moradores sem teto, em setembro de 2007, quando 150 famílias ocuparam o local em busca de abrigo³⁵. Atualmente, o local tornou-se uma livraria que buscou conservar algumas características do cinema, como a fachada e o letreiro, como se observa na Figura 20.

³⁵ G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL146672-5606,00-SEMTETO+SAO+DESPEJADOS+DE+PRELIDIO+NO+CENTRO.html>> Acesso em: 22/12/2014.

Por fim, o prédio onde estava situado o Cine Mesbla continua funcionando como um prédio comercial, não se sabe, no entanto, quais são as condições atuais do 11º andar onde se localizava a sala de exibição. A Figura 21 ilustra o prédio e o detalhe do seu portão principal no qual ainda consta o nome antigo do prédio - Edifício Mesbla.

Figura 16: Cine Teatro Rex, ontem e hoje



Fonte: Acima, disponível em <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/06/10/cinemas-antigos-cine-rex-centro-rj/>> Acesso em 13/12/2014, sem data. Abaixo, pesquisa de campo, 06/12/2014.

Figura 17: Cine Orly, ontem e hoje



Fonte: Acima, pesquisa de campo, 04/06/2013. Abaixo, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 18: Cine Plaza, ontem e hoje



Fonte: À esquerda, disponível em <<http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2013/01/cine-vitoria-e-cine-plaza.html>> Acesso em: 15/06/2013, sem data. No centro, pesquisa de campo, 04/06/2013. À direita, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 19: Cine Metro Passeio, ontem e hoje



Fonte: Acima, disponível em <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/10/08/cinemas-antigos-metro-boavista-centro-rj/>> Acesso em: 19/12/2014, sem data. Abaixo, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Figura 20: Cine Vitória, ontem e hoje



Fonte: Acima, disponível em <<http://cinemagia.wordpress.com/2011/02/03/cinemas-antigos-cine-vitoria-rj-vira-livraria-cultura/>> Acesso em: 15/06/2013, 1981. Abaixo, pesquisa de campo, 04/06/2013.

Figura 21: Edifício Mesbla, ontem e hoje



Fonte: Acima, disponível em <http://mesbla.blogspot.com.br/2007/08/curiosidades_12.html> Acesso em: 22/12/2014, sem data. Abaixo, pesquisa de campo, 22/12/2014.

Sendo assim, verifica-se que, com exceção do Cinema Alhambra, que sofreu um incêndio e dos cinemas Capitólio e Império, que foram demolidos, das 13 salas aqui apontadas como pertencentes à Praça Floriano e seus arredores, entre 1925 e 1974, dez prédios, nos quais os cinemas funcionavam ainda se encontram parcialmente preservados, o que demonstra durabilidade. Apesar de já não cumprirem suas funções originais, ou seja, sala de projeções e apresentações teatrais, os prédios fazem parte de uma parcela da história da Praça Floriano e da cidade como um todo, ajudando-nos a remontar um passado remoto, quando a praça era digna de ser conhecida como Cinelândia. Como já foi afirmado, em 2014, houve duas perdas, o Cine Odeon e o Orly, restando o Rex como único cinema em funcionamento na região. Ainda que a sua programação não seja comercial, em 2014, ele completou 80 em atividade, um fato que deve ser considerado, principalmente, se ponderarmos sobre tantos cinemas de rua que fecharam suas portas. O Cine Odeon, apesar de sua fama, de sua popularidade e de ser palco de alguns eventos da cidade, como o Festival do Rio, um grande festival de filmes nacionais e internacionais que acontece na cidade anualmente, não teve fôlego para continuar ativo e ainda aguarda desfecho sobre seu fim definitivo ou seu recomeço.

Considerações Finais

Primeiramente, identificamos que a trajetória geral dos cinemas pode ser dividida em três grandes momentos de acordo com um processo espacial específico. O primeiro momento, entre 1905 e 1934, é o momento da centralização, quando os cinemas estavam em sua maioria instalados na área central da cidade. O segundo momento, entre 1935-1984, corresponde à fase da descentralização, momento quando os cinemas distribuem-se pela cidade atingindo bairros nobres e suburbanos. Já o terceiro momento, entre 1985-1994, pode ser associado a uma nova forma de organização das atividades terciárias, quando os shopping centers chegam ao Rio de Janeiro ditando nova forma de organização urbana no que tange ao entretenimento e à sociabilidade, atraindo os cinemas para seu interior. Cada um desses momentos possui sua particularidade e de forma alguma estas são inflexíveis e imutáveis. Ao passo que um termina não, necessariamente, suas características deixam de ser observadas na realidade contemporânea.

O Momento 1 é especialmente caracterizado, como afirmado, anteriormente, pela concentração dos cinemas na área central do Rio de Janeiro. Dos 250 cinemas instalados em toda a cidade, 110, ou seja, 44% estavam nessa região. Esse primeiro momento foi subdividido em duas fases. A primeira fase é aquela na qual os cinemas ainda eram uma novidade estranha à população, não tendo ainda estabelecimentos fixos e duradouros, pois como indicam os números, dos 110 cinemas da área central, 59 funcionaram, apenas, durante essa primeira fase. Por sua vez, a segunda fase é referente ao processo de estabilização da atividade cinematográfica na cidade, estimulando o espraiamento de salas para outras áreas da cidade nos períodos subsequentes.

Destaca-se, ainda, que durante o momento 1 verificaram-se, na área central, duas formas de concentração de salas de cinema. A primeira em áreas especializadas, tal como a Praça Tiradentes, que chegou ao somatório de 14 cinemas em funcionamento, entre os anos de 1905 e 1934, e em eixos de tráfego, como na Avenida Rio Branco, com o total de 15 salas em atividade no mesmo período. Foi durante o Momento 1, ainda, que verificamos a transformação da Praça Floriano em Cinelândia, com a inauguração de 7 salas entre 1925 e 1934.

No Momento 2, verifica-se o processo de descentralização. Eram ao todo 310 salas na cidade, das quais 128 estavam nos Bairros Suburbanos, 53, na Zona Sul, 44, no Centro, 41, na Zona Oeste, 38, na Zona Norte e 06, na Barra da Tijuca. Apesar da aparente concentração de

cinemas nos Bairros Suburbanos, os 128 estabelecimentos estavam distribuídos por 46 bairros, o que nos indica dispersão espacial, apesar da concentração numérica. Por outro lado, apesar da Zona Norte ser uma das últimas áreas da lista no que se refere à concentração de cinemas, foi na Tijuca, um de seus bairros componentes, que encontramos a maior concentração de salas por bairro, durante o Momento 2, totalizando 23 salas. Copacabana com 20 salas, Jacarepaguá com 14 e Madureira com 11 eram os bairros que mais se aproximavam do montante da Tijuca, mas nenhum outro alcançaria tal número. A Tijuca também se destacou pela concentração de 10 salas de cinema, à Praça Saens Peña, entre 1935-1984. A análise do Momento 2, nos indicou também que a descentralização pode ser verificada tanto na escala da cidade quanto na escala dos bairros, porque os cinemas não só distribuíram-se por outras áreas da cidade como também estavam instalados em variados logradouros em cada um dos bairros.

O Momento 3 caracteriza-se pela importância do shopping center como catalisador locacional não só das atividades terciárias de uma forma geral, mas também dos cinemas. Esse movimento foi iniciado no final do Momento 2, quando em 1980, inaugura-se o primeiro shopping center da cidade, o Rio Sul, que só foi estreitar suas primeiras salas após o sucesso inicial dos cinemas em shopping centers como no Barra Shopping (1981), no Casa Shopping (1984), no Fashion Mall (1984), no Norte Shopping (1989), no Ilha Plaza (1992) e no Via Parque (1993). Os números indicam que, ainda no Momento 3, o número de salas de cinema no interior desses grandes centros de compras ainda era minoria, 29% frente aos 71% do total de salas. Todavia analisando-se a distribuição das salas, em anos posteriores, verifica-se que o que era apenas uma tendência, no final dos anos 1980 e início de 1990, confirmou-se praticamente como regra - as salas migraram para o interior dos shopping centers. Em 2014, 73% das salas estão integradas a shopping centers. Verifica-se também que, apesar de ser um modelo bem sucedido e bastante reproduzido, os cinemas em shopping centers não são alheios a mutações. Observa-se, por exemplo, que essa primeira geração de salas já teve suas portas cerradas, como o caso dos cinemas do Barra Shopping, do Casa Shopping, do Rio Off Price (hoje Casa & Gourmet Shopping), já passou por reformas para se adequar às novas tecnologias, como as salas do shopping Rio Sul e do Norte Shopping ou ainda já ficou fechada por alguns anos e reabriu em outro pavimento do shopping center, como ocorreu no Ilha Plaza.

No que se refere ao recorte espacial, a Cinelândia apresentou uma singularidade temporal muito própria, combinando momentos de centralização (1925-1934) com momentos

de descentralização (1935-1974), o que torna a seleção da área muito rica, porque exemplifica e exhibe uma parte da trajetória geral da distribuição dos cinemas pela cidade, além de demonstrar que mesmo em tempos de migração das atividades do centro para áreas não centrais, a praça ainda mantinha-se viva quanto ao entretenimento cinematográfico. A área, ao longo dos 50 anos de análise, acumulou 13 salas abertas, sendo mais um exemplo de concentração em áreas como indicado por Berry (1967).

Em 2015, a Cinelândia comemoraria 90 anos da inauguração das suas 3 primeiras salas (Capitólio, Império e Cine Teatro Glória) se não fosse o fato de duas delas terem sido demolidas e uma refuncionalizada. Ainda assim, a Cinelândia é alvo de muitas reportagens jornalísticas, por conta do fechamento do Cine Odeon, em meados de 2014, e de perspectivas para sua reabertura como centro cultural, em 2015³⁶; da recente refuncionalização do Cine Vitória e da futura refuncionalização do Cine Palácio, o que demonstra que o objeto de estudo está em plena transformação.

Essas mudanças não se limitam à Cinelândia e a suas adjacências. Muitos outros cinemas foram refuncionalizados, fechados ou reabertos nos últimos anos. O Cinema Imperator, no Méier, foi reaberto em 2012, o Cine Joia, em Copacabana, em 2011, o Cine Vaz Lobo foi alvo de alguns movimentos (bem sucedidos) contra a sua destruição para dar passagens a uma nova via da cidade³⁷, em 2009, o Cine Leblon que fechou suas portas por algumas semanas em 2014, teve o seu tombamento cancelado para que um projeto de modernização do prédio seja executado³⁸ e o Grupo Estação, que comanda cinemas em bairros como Botafogo, Gávea e Barra da Tijuca, quase decretou falência, em 2014, o que geraria o fechamento dos cinemas sob sua administração, mas teve parte de sua dívida perdoada e atenuada. São, portanto, alguns exemplos de como o objeto de pesquisa está em constante transformação, reforçando o que Gonzaga (1996) já afirmava:

“Este não é um empreendimento fácil, quer pela sua extensão no tempo, quer pela multiplicidade de significados associados aos atos de exhibir ou assistir a um filme. São cem anos desde o surgimento da primeira sala, e elas se instalaram às centenas desde então. Além disso, uma história das salas de exibição demandaria a compreensão de dois parâmetros maiores: o próprio ambiente social em que se insere o circuito e a estrutura que sustenta, o famoso *mercado*. Ou seja, seria preciso

³⁶ O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cine-odeon-reabre-em-marco-como-centro-cultural-14989696#ixzz3OF1D11X>> Acesso em: 08/01/2015.

³⁷ Preservação Audiovisual Blog. Disponível em <<http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2012/07/cinema-vaz-lobo-e-salvo-de-demolicao.html>> Acesso em 08/07/2013.

³⁸ O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/decreto-municipal-destomba-imovel-pode-salvar-cine-leblon-de-fechamento-definitivo-13837403#ixzz3CRePd33s>> Acesso em: 05/09/2014.

investigar a formação paralela da identidade do Rio de Janeiro, tentando localizar os pontos de contato entre a cidade e o cinema, e verificar como os negócios cinematográficos interferem na constituição do meio exibidor.” (GONZAGA, 1996, p. 16).

O trecho acima não só revela as múltiplas facetas que as salas de projeção podem ter como nos remete ao ideário de que seria impossível abarcar todas elas em apenas um estudo, uma dissertação de mestrado. Como já afirmamos, anteriormente, a realidade é muito mais complexa que a nossa capacidade de dissecá-la e entendê-la por completo. Foi necessário, aqui, dar ênfase a algumas questões, principalmente àquela acerca da lógica de distribuição dos cinemas, mas entende-se que muitas não foram citadas, tais como identificar quais são os novos usos dos estabelecimentos onde os cinemas funcionavam, realizar uma pesquisa mais avançada e detalhada nos jornais da época em que a Cinelândia, por exemplo, estava no auge como espaço concentrador de salas de cinema, uma comparação, no que tange ao número de salas, entre cidades como São Paulo ou Paris, uma análise mais acurada relacionada às empresas exibidoras e suas estratégias locacionais, seleção de outras áreas para a análise sincrônica etc. Todas essas questões poderão ser utilizadas em trabalhos que venham dar continuidade à pesquisa aqui apenas iniciada.

Entende-se também que o presente trabalho atravessou problemas e limites, como a escassa bibliografia acerca dos cinemas como constituintes do espaço urbano no âmbito da geografia, mas caso não o fossem, não nos traria o espírito investigativo que a pesquisa necessita. São os problemas, limites e futuras questões que movem o pesquisador a desenvolver e finalizar um trabalho, que, por aqui, também fora limitado pelo escasso tempo de dois anos.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Mauricio de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, IPP, 4º Ed, 1987 (2011).
- ALVES, Vitor de Araujo. **A geografia do comércio atacadista carioca (1855-1900)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG/UFRJ), 2011.
- AZEVEDO, Ana Francisca. Geografia e cinema. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 95 – 128, 2009.
- BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987.
- BERRY, Brian J. L. **Geography of market centers and retail distribution**. Prentice Hall, 1967.
- _____. Abordagens à análise regional: Uma síntese. In: BAKER, Alan M.; BERRY, Brian J. L. **Análise Espacial (Textos Básicos – 3)**. Instituto Panamericano de Geografia e História. Comissão de Geografia. Rio de Janeiro, 1969.
- _____. General features of urban commercial structure. In: BOURNE, Larry S. (ed). **Internal Structure of the city – readings on space and environment**. Toronto, Oxford University Press, p. 361 – 167, 1971.
- BLUWOL, Dennis Zagha. **Uma Geografia do Cinema: Imagens do Urbano**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia, PUC-SP, 2008.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart; VAZ, Lilian Fessler; AIZEN, Mario. A Praça Saens Peña através do tempo. In: SANTOS, Alexandre Mello; LEITE, Márcia Pereira; FRANCA, Nahyda (Org). **Quando memória e história se entrelaçam: A trama dos espaços na Grande Tijuca**. Rio de Janeiro, IBASE, p. 81 – 94, 2003.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart *et al.* **História dos bairros – Tijuca**. Rio de Janeiro, Idex Editora, 1984.
- CASTELLS, Manuel. A intervenção administrativa nos grandes centros urbanos. **Revista Espaço e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos**. Jun/Set, v. 6, 1979 (1982).
- CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R. L. (Org) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995 (2007).
- CHAVES, Simone Rodrigues. **Distribuição Espacial dos Cinemas na Cidade do Rio de Janeiro**. Monografia para conclusão de Bacharelado em Geografia. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.
- COLBY, Charles C. Centrifugal and centripetal forces in urban geography. **Annals of the Association of American Geographers**. Vol. 23, nº 1, p. 1 – 20, 1933.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. In CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia – Caminhos Paralelos e Entrecruzados**. (Inédito)

_____. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Geografia Cultural: uma antologia (2)**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013.

_____. Espaço e Tempo – Um tributo a Mauricio Abreu. **Revista Cidades**. Volume 8, nº 14, p. 597 - 607, 2011-a.

_____. Reflexões sobre paradigmas, geografia e contemporaneidade. **Revista da ANPEGE**, Vol. 7, nº 1, número especial, p. 59 – 65, 2011-b.

_____. **Trajetórias Geográficas**. 6ª Ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997 (2011).

_____. **O Espaço Urbano**. 4ª Ed, Rio de Janeiro, Editora Ática, 1989 (2005).

_____. Análise Crítica de Textos Geográficos: Breves Notas. Geo UERJ – **Revista do Departamento de Geografia**, UERJ, RJ, n 14, p. 7 – 18, 2003 - a.

_____. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano VII, nº 11,12 e 13, set- out, p. 133 – 136, 2003 - b.

_____. Comércio e Espaço: uma retrospectiva e algumas questões. **Textos Laget**, Série Pesquisa e Ensino, nº 2, 2000.

_____. A periodização da rede urbana da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**. Vol. 49(3), p. 39 – 68, 1987.

COSGROVE, Denis. Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, R. L; ZENY, R. **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2012.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. **Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro: a conquista de uma identidade arquitetônica (1928 - 1941)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

CRANG, M. – Time:Space, In: CLOKE, P.; JOHNSTON, R. **Spaces of Geographical Thought** – Deconstructing Human Geography Binaries. Org. P. Cloke e R. Johnston. Londres, Sage Publications, 2005.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXXVI, nº 1, jan - mar, p. 53 - 98, 1974.

ERTHAL, Rui. **Organização espacial das atividades terciárias em Niterói**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega; ANDRADE, Charles Albert. Origens dos shoppings centers no Brasil: a primeira onda de shoppings nos anos 1960 e 1970. **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos**, Porto Alegre, 2010.

FERRAZ, Talitha. **A segunda Cinelândia carioca**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2012.

FERREZ, Gilberto. Pathé: 80 anos na vida do Rio. **Filme Cultura**, nº 47, agosto, p. 37, 1986.

FREIRE, Rafael de Luna. **Cinematographo em Nictheroy**: História das salas de cinema de Niterói. Niterói, Rio de Janeiro, Niterói Livros, INEPAC, 2012- a.

_____. A febre dos sincronizadores: os primeiros meses da exibição de filmes sonoros no Rio e em São Paulo em 1929. In: SOUZA, Gustavo *et al* (Org). **XIII Estudos de cinema e Audiovisual Socine**. São Paulo, Vol. 2, p. 247 – 264, 2012 - b. Disponível em<<http://migre.me/hXzs3>> Acesso em: 19/02/2014.

_____. O “conforto moderno”: a refrigeração nas salas de cinema do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, nº 5, p. 303 – 320, 2011.

FRÚGOLI Jr., Heitor. Os Shoppings de São Paulo e a Trama do Urbano: um olhar antropológico. In: PINTAUDI, S. M; FRUGOLI JR, H. (Org). **Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GAETA, Antonio Carlos. Gerenciamento dos Shopping Centers e Transformação do Espaço Urbano. In: PINTAUDI, S. M; FRUGOLI JR, H. (Org). **Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GONZAGA, Alice. **Palácios e Poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org) **Representation: cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand. Oaks/New Delhi: Sage. Open University, 1997.

HARTSHORNE, Richard. O tempo e Gênese em Geografia. In: HARTSHORNE, R. **Questões sobre a natureza da Geografia** (Textos Básicos - 4). Instituto Panamericano de Geografia e História. Rio de Janeiro, 1969.

HARVEY, D. A experiência do espaço e do tempo. In: **Condição Pós-Moderna**. Edições Loyola. São Paulo, 11ª ed, 2002.

HORNBECK, D., EARLE, C. e RODRIGUE, C. M. – The Way We Were. Developments Card Redeployments of Time in Human Geography. In **Concepts In Human Geography**. Org. C. Earle, K. Mathewson e M. Kenzer. Lanham. Rowan and Littlefield, 1995.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Arquitetura do espetáculo- teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2000.

MAGNANINI, Ruth Lopes da Cruz. A função recreativa. A área central do Rio de Janeiro. **Conselho Nacional de Geografia** (IBGE), Rio de Janeiro, p. 115 – 122, 1967.

MÁXIMO, João. **Cinelândia – Breve história de um sonho**. Salamandra Consultoria Editorial Ltda., 1997.

NORONHA, Jurandyr. Um filme silencioso no cinema Madureira. **Filme Cultura**, nº 47, agosto, p. 47 - 49, 1986.

PINTAUDI, Silvana Maria. O Shopping Center no Brasil. Condições de Surgimento e Estratégias de Localização. In PINTAUDI, S. M; FRUGOLI JR, H. (Org). **Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. In: PACHECO, S. M. M.; CARRERAS, C. (Org). **Cidade e Comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Anotações sobre o espaço do comércio e do consumo. Rio de Janeiro, Armazém das Letras, 2009.

PROUDFOOT, Malcolm J. City Retail Structure. **Economic Geography**. Vol. 13, nº 4, p. 435 – 438, 1937.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima. O cinema e a cidade: Algumas reflexões. **Geosul**, nº 18, ano IX, p. 07 -22,1994.

REIS, Luis Carlos Tosta dos. **Descentralização e desdobramento do núcleo central de negócios na cidade capitalista**: estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto, na grande Vitória – ES. Tese (Doutorado). PPGG/UFRJ, 2007.

SALGUEIRO, Teresa Barata & CACHINHO, Herculano. In: PACHECO, S. M. M.; CARRERAS, C. (Org.). **Cidade e Comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. As relações cidade-comércio: dinâmicas de evolução e modelos interpretativos. Rio de Janeiro, Armazém das Letras, 2009.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985 (2008).

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed., 7ª reimpressão. São Paulo, Edusp, 1996 (2012).

SILVA, Alzilene Ferreira da. **A magia do cinema na praça**: apropriação do espaço e sociabilidade em Salvador – BA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, 2009.

SILVA, Hilda da *et al.* A Função Comercial. A área central do Rio de Janeiro. **Conselho Nacional de Geografia** (IBGE), Rio de Janeiro, p. 115 – 122, 1967.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXVII, nº 3, jul - set, p. 03 – 58, 1965.

SOUZA, Marcelo Lopes. Escala geográfica, “construção social da escala” e “política de escala”. In: SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro, 1ª Ed, Bertrand Brasil, 2013.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expansão da centralidade urbana. **Revista Geografia**. São Paulo, 10, p. 01-18, 1991.

_____. Centros e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, J. A. V. do R.; SPOSITO, M. E. B. **A nova vida do velho centro** – nas cidades portuguesas e brasileiras. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território – CEGOT, 2013.

VAZ, Toninho. **O rei do cinema**: a extraordinária história de Luiz Severiano Ribeiro. Rio de Janeiro, Record, 2008.

VIEIRA, William de Souza. **Cenas da cidade:** de cinema à igreja, a memória do Cine Palácio Campo Grande. Dissertação (Mestrado em Memória Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós Graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2009.

Endereços Eletrônicos

ABRASCE (Associação Brasileira de Shopping Centers) – Portal do Shopping. Disponível em <<http://www.portaldoshopping.com.br/numeros-do-setor/shoppings-nas-capitais-brasileiras>> Acesso em: 25/11/2013.

ALMEIDA, C. H. de. Cine Odeon reabre em março como centro cultural. **O Globo**. Rio de Janeiro, 7 Jan. 2015. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cine-odeon-reabre-em-marco-como-centro-cultural-14989696#ixzz3OF1D11X>> Acesso em: 08/01/2015.

AUTRAN, P. Cine Palácio será reaberto como teatro voltado para musicais. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 Jun. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/cine-palacio-sera-reaberto-como-teatro-voltado-para-musicais-12753089#ixzz3MMWwBXc5>> Acesso em: 19/12/2014.

AVENIDA Nossa Senhora de Copacabana. **WikiRio**. Rio de Janeiro, 10 Nov. 2012. Disponível em <[http://www.wikirio.com.br/Avenida Nossa Senhora de Copacabana](http://www.wikirio.com.br/Avenida_Nossa_Senhora_de_Copacabana)> Acesso em: 16/11/2014.

BORGES, W. Grupo Estação consegue fazer acordo e pode evitar fechamento de 16 salas de cinema do Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro, 5 Out. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/grupo-estacao-consegue-fazer-acordo-pode-evitar-fechamento-de-16-salas-de-cinema-do-rio-13495326#ixzz39YVu7nvN>> Acesso em: 05/08/2014.

BUILDINGS – pesquisa imobiliária inteligente. Disponível em <<http://www.buildings.com.br/edificio/4147-empresarial-rio-branco>> Acesso em: 22/12/2014.

CINCO, R. Pelo Tombamento do Cine Odeon! **Renato Cinco – Vereador de Luta**. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://renatocinco.com/teste/?p=3232>> Acesso em: 15/12/2014.

DECRETO municipal destomba imóvel e pode salvar Cine Leblon de fechamento definitivo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 5 Set. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/decreto-municipal-destomba-imovel-pode-salvar-cine-leblon-de-fechamento-definitivo-13837403#ixzz3CRePd33s>> Acesso em: 05/09/2014.

EDIFÍCIO Serrador. **Propaganda Táctica**. Disponível em <<http://www.propagandatatica.com.br/serrador/index.html>> Acesso em 22/12/2014.

EMPORIS. Disponível em <<http://www.emporis.com/building/rivoli-riodejaneiro-brazil>> Acesso em: 16/12/2014.

_____. Disponível em <<http://www.emporis.com/building/paulinoribeirocampos-riodejaneiro-brazil>> Acesso em: 22/12/2014.

FASHION Mall. Disponível em <<http://www.fashionmall.com.br/shopping.asp>> Acesso em: 05/12/2014.

IMPERATOR – Centro Cultural João Nogueira. Disponível em <<http://www.imperator.art.br/>> Acesso em 15/11/2014.

KLEIN, R. O Cine Pathé. **Fato Novo – o portal de notícias do Vale do Caí**. Montenegro, 27 Mar. 2013. Disponível em <<http://www.fatonovo.com.br/o-cine-pathe-not-167.php>> Acesso em: 15/12/2014.

KLEINPAUL, B. Viva! Cine Palácio é tombado. **O Globo**. Rio de Janeiro, 4 Set. 2008. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/blogs/cinema/posts/2008/09/04/viva-cine-palacio-tombado-124211.asp>> Acesso em: 15/12/2014.

LADEIRA, L. Edifício Mesbla. **Rio & Cultura**. Rio de Janeiro, 9 Jan. 2011. Disponível em <http://www.riocultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_cod=54> Acesso em: 16/12/2014.

LUNA, R. de. Cinema Vaz Lobo é salvo de demolição. **Preservação Audiovisual Blog**. Niterói, 9 Jul. 2012. Disponível em <<http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2012/07/cinema-vaz-lobo-e-salvo-de-demolicao.html>> Acesso em 08/07/2013.

MIRANDA, A. Após anunciar dívida de R\$ 43 milhões e risco de fechar, Estação entra em nova fase. **O Globo**. Rio de Janeiro, 1 Nov. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/apos-anunciar-divida-de-43-milhoes-risco-de-fechar-estacao-entra-em-nova-fase-14431566#ixzz3I2dFXEdI>> Acesso em: 03/11/2014.

_____. Cine Odeon fecha as portas na quinta-feira, por tempo indeterminado, para manutenção. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2 Jun. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/cine-odeon-fecha-as-portas-na-quinta-feira-por-tempo-indeterminado-para-manutencao-12691370#ixzz33mgXk6Zl>> Acesso em: 05/06/2014.

REDAÇÃO. Cine Joia vai reabrir suas portas na próxima sexta-feira. **Agência Rio de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 Abr. 2011. Disponível em <http://www.agenciario.com/materia_mun.asp?cod=92382&codMunic=57> Acesso em 15/11/2014.

RIO DE JANEIRO (Município) DECRETO Nº 29816 DE 3 DE SETEMBRO DE 2008. **Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**. Poder Executivo, Rio de Janeiro, RJ, 4 de Set. 2008. Ano XXII, n 115, p. 3. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122104/270DECRETO29816CinePalacio1e2.pdf>> Acesso em: 19/12/2014.

SEM-TETO são despejados de prédio no Centro. **G1**. Rio de Janeiro, 8 Out. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL146672-5606,00-SEMTETO+SAO+DESPEJADOS+DE+PREUDIO+NO+CENTRO.html>> Acesso em: 22/12/2014.

SUCURSAL do Rio. Arteplex inaugura seis salas em antigos espaços pornôns no Rio. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 20 Mai. 2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2005200516.htm>> Acesso em: 16/11/2014.

TORREIRA, F. O Palácio se foi. **Pileque Blogspot**. Rio de Janeiro, 21 Nov. 2008. Disponível em <<http://pileque.blogspot.com.br/2008/11/o-palacio-se-foi.html>> Acesso em 15/12/2014.

UCI Cinemas. Disponível em <<http://www.ucicinemas.com.br/cinema-7-uci+new+york+city+center>> Acesso em: 27/11/2014.

VIA Parque Shopping. Disponível em <<http://www.viaparqueshopping.com.br/cinema.html>> Acesso em: 27/11/2014.

Fotografias

ANDRADE, R. Edifício Francisco Serrador, 2009. **Folha de S. Paulo**. Mercado. Rio de Janeiro, 1 Out. 2013. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/10/1350200-empresas-de-eike-iniciam-plano-de-desocupacao-de-edificio-historico-no-centro-do-rio.shtml>> Acesso em: 18/12/2014.

BERESFORD, Tommy. [Cinemas Antigos] Cine Vitória, RJ, vira Livraria Cultura. **Cinema é magia Blog**. Rio de Janeiro, 3 Fev. 2011. Disponível em <<http://cinemagia.wordpress.com/2011/02/03/cinemas-antigos-cine-vitoria-rj-vira-livraria-cultura/>> Acesso em: 15/06/2013.

_____. [Cinemas Antigos] Cine Rex (Centro, RJ) **Cinema é magia Blog**. Rio de Janeiro, 10 Jun. 2013. Disponível em <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/06/10/cinemas-antigos-cine-rex-centro-rj/>> Acesso em 13/12/2014.

_____. [Cinemas antigos] Metro Boavista (Centro, RJ). **Cinema é magia Blog**. Rio de Janeiro, 8 Out. 2013. Disponível em <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/10/08/cinemas-antigos-metro-boavista-centro-rj/>> Acesso em: 19/12/2014.

CINEFANTASMA Assombrações. Alhambra. **Cine Fantasma Blogger**. 9 Fev. 2013. Disponível em <<http://cinefantasma.blogspot.com.br/2013/03/alhambra.html>> Acesso em 19/12/2014.

CINELÂNDIA, Avenida Rio Branco. **Os Bairros**. Disponível em <<http://off-road.student.utwente.nl/johan/rio/br/bairros/centro-cinelandia.htm>> Acesso em 19/12/2014.

FOTOS Antigas do Rio de Janeiro. **Skyscrapercity** Rio de Janeiro, 11 Abr. 2011. Disponível em <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=877776&page=63>> Acesso em 19/12/2014.

LADEIRA, L. Palácio da sétima arte à espera do seu destino. **Rio & Cultura**. Rio de Janeiro, 18 Nov. 2010. Disponível em <http://www.rioecultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_cod=47> Acesso em 19/12/2014.

LUNA, R. de. Cine Vitória e Cine Plaza. **Preservação audiovisual Blog**. Rio de Janeiro, 16 Jan. 2013. Disponível em <<http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2013/01/cine-vitoria-e-cine-plaza.html>> Acesso em: 15/06/2013.

MORAES, Carlos. Cinemas no Rio de Janeiro. **O Rio de Janeiro de Antigamente Blogger**. Rio de Janeiro, 4 Fev. 2011. Disponível em <http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011_01_30_archive.html> Acesso: 15/06/2013.

NUNES, Venicio. Mesbla Curiosidades. **Mesbla Blogger**. 12 Ago. 2007. Disponível em <http://mesbla.blogspot.com.br/2007/08/curiosidades_12.html> Acesso em: 22/12/2014.

RIO Antigo: o cine Odeon, na Cinelândia, fechará as portas? **Eliomar Vereador do Rio Blog**. Rio de Janeiro, 6 Jun. 2014. Disponível em <<http://www.eliomar.com.br/rio-antigo-odeon-o-ultimo-cinema-da-cinelandia-fechara-as-portas/>> Acesso em: 19/12/2014.

VELHAS Salas de Cinema do Rio de Janeiro. **Pinterest**. Disponível em <<http://www.pinterest.com/flviomax/velhas-salas-de-cinema-do-rio-de-janeiro/>> Acesso em 18/12/2014.

Jornais

O Globo, Rio de Janeiro, 30 ago 1998, Segundo Caderno, p. 08.

O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov 2014, Segundo Caderno, p. 05.

ANEXOS

Anexo A: Cinemas na Zona Sul

INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	ÚLTIMO NOME	NOME ANTERIOR	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO
23/12/1899	12/5/1913	Parque Fluminense		Largo do Machado	13	Catete
9/2/1906	4/3/1906	Restaurant Parque Leme		Rua Gustavo Sampaio	2	Leme
31/10/1907	21/11/1907	Cinematógrafo Pathé		Rua Gustavo Sampaio	16	Leme
14/8/1908	14/8/1908	Cinematógrafo da Exposição		Praia Vermelha		Urca
15/8/1908	20/8/1908	Cinematógrafo Brasileiro	Cinematógrafo da Exposição	Praia Vermelha		Urca
29/8/1908	15/9/1908	Cinematógrafo Brasileiro		Praia Vermelha		Urca
7/3/1909	29/8/1909	Cinema Catete		Rua do Catete	279	Catete
15/8/1909	19/8/1909	Exposição de Higiene		Praia Vermelha		Urca
2/12/1909	1/1/1910	Cinema Radium		Rua do Catete	94/98	Catete
22/5/1910	1/1/1936	Cinema Excelsior		Rua do Catete	271	Catete
1911	1923	Cinema Corcovado		Rua Jardim Botânico	443	Jd. Botânico
1914	1923	Cinema-Bar		Rua 4 de Dezembro	s/n	Ipanema
20/6/1914	28/7/1914	Magic Cinema		Rua do Catete	182/184	Catete
1915	1915	Cinema Parque Fluminense	Parque Fluminense	Largo do Machado	19	Catete
24/4/1920	27/4/1980	Cine-Teatro Polytheama	Cinema Parque Fluminense	Largo do Machado	19	Catete
9/9/1922	21/2/1960	Cinema Floresta		Rua Jardim Botânico	488	Jd. Botânico
28/10/1923	?/12/1923	Cinema Católico		Rua Benjamin Constant	42	Glória
17/10/1934	30/4/1967	Cine Ipanema		Rua Visconde de Pirajá	86	Ipanema
17/9/1936	30/11/1975	Cinema Pirajá		Rua Visconde de Pirajá	303	Ipanema
22/12/1937	6/1/1980	Cinema São Luiz		Largo do Machado	315	Catete
2/3/1942	14/7/1963	Cinema Astoria		Rua Visconde de Pirajá	595	Ipanema
?/12/1947	11/6/1948	Cineminha do Leme		Av. Atlântica	24	Leme
4/8/1948	11/5/1949	Cineminha da Gávea		Rua Jardim Botânico	638	Jd. Botânico
29/9/1951	30/9/1975	Cinema Leblon		Av. Ataulfo de Paiva	391 B	Leblon
12/10/1951	12/5/1973	Cinema Azteca		Rua do Catete	228	Catete
10/11/1951	25/3/1973	Cinema Miramar		Rua General Artigas	14	Leblon

8/9/1952	9/10/1960	Cine Danubio		Av. Atlântica	570	Leme
30/10/1952	10/8/1977	Cine Pax		Rua Visconde de Pirajá	351	Ipanema
28/4/1960	2/5/1976	Cinema Jussara	Cinema Floresta	Rua Jardim Botânico	674	Jd. Botânico
11/11/1960	9/2/1975	Cine Bruni Flamengo		Praia do Flamengo	72	Flamengo
15/12/1960	15/4/1973	Cinema Paissandu		Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo
15/12/1961	14/6/1970	Cine Kelly		Rua Senador Vergueiro	94 A	Flamengo
13/6/1963	5/9/1971	Cine Bruni Ipanema		Rua Visconde de Pirajá	371	Ipanema
12/11/1965	20/7/1980	Cine Condor		Largo do Machado	29 loja 5	Catete
3/9/1966	23/2/1993	Cine Lagoa Drive-In		Av. Borges de Medeiros	1426 B	Lagoa
21/5/1969	3/11/1969	Cine Teatro Poeira Ipanema		Rua Jangadeiros	28 A	Ipanema
1960	?	Cine Rocinha				São Conrado
16/6/1971	9/5/1976	Cine Super Bruni 70	Cinema Astoria	Rua Visconde de Pirajá	595	Ipanema
30/10/1971	1/10/1980	Cine Roma Bruni	Cine Bruni Ipanema	Rua Visconde de Pirajá	371 loja F	Ipanema
19/6/1973	3/1/1984	Studio Paissandu	Cinema Paissandu	Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo
17/4/1975	18/8/1990	Cinema Lido 1	Cine Bruni Flamengo	Praia do Flamengo	72	Flamengo
17/4/1975	18/8/1990	Cinema Lido 2	Cine Bruni Flamengo	Praia do Flamengo	72	Flamengo
4/10/1975	em atividade	Cinema Leblon 1	Cinema Leblon	Av. Ataulfo de Paiva	391 B	Leblon
4/10/1975	em atividade	Cinema Leblon 2	Cinema Leblon	Av. Ataulfo de Paiva	391 B	Leblon
20/1/1976	28/10/1993	Cine Rio Sul		Rua Mq. de São Vicente	52, sobreloja 264	Gávea
7/9/1977	15/7/1979	Cinema Novo Pax	Cine Pax	Rua Visconde de Pirajá	351	Ipanema
1/9/1979	7/9/1983	Studio Catete		Rua do Catete	228 loja 117	Catete
14/8/1980	em atividade	Cinema Candido Mendes		Rua Joana Angélica	63	Ipanema
2/10/1980	14/6/1988	Cine Bruni Ipanema	Cine Roma Bruni	Rua Visconde de Pirajá	371	Ipanema
27/11/1980	em atividade	Cine Condor Lg. do Machado 1	Cine Condor	Largo do Machado	29 loja 5	Catete
27/11/1980	em atividade	Cine Condor Lg. do Machado 2	Cine Condor	Largo do Machado	29 loja 5	Catete
21/4/1983	em atividade	Cinema São Luiz 1		Rua do Catete	307 a 317	Catete
21/4/1983	em atividade	Cinema São Luiz 2		Rua do Catete	307 a 317	Catete
8/9/1983	3/8/1983	Studio Gaumont Catete	Studio Catete	Rua do Catete	228, loja 117	Catete
4/1/1984	15/12/1984	Cinema Paissandu	Studio Paissandu	Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo

15/4/1984	6/11/1986	Cine Art São Conrado 1		Estrada da Gávea	899	São Conrado
15/4/1984	6/11/1986	Cine Art São Conrado 2		Estrada da Gávea	899	São Conrado
16/12/1985	26/5/1988	Paissandu Nostalgia	Cinema Paissandu	Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo
4/8/1986	2/10/1992	Studio Catete	Studio Gaumont Catete	Rua do Catete	228 loja 117	Catete
7/11/1986	em atividade	Cine Art Fashion Mall 1	Cine Art São Conrado 1	Estrada da Gávea	899	São Conrado
7/11/1986	em atividade	Cine Art Fashion Mall 2	Cine Art São Conrado 2	Estrada da Gávea	899	São Conrado
7/11/1986	em atividade	Cine Art Fashion Mall 3		Estrada da Gávea	899	São Conrado
7/11/1986	em atividade	Cine Art Fashion Mall 4		Estrada da Gávea	899	São Conrado
27/5/1988	17/8/1989	Cinema Paissandu	Paissandu Nostalgia	Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo
13/7/1988	em atividade	Cine Star Ipanema	Cine Bruni Ipanema	Rua Visconde de Pirajá	371	Ipanema
18/8/1989	21/2/1990	Studio Paissandu	Cinema Paissandu	Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo
11/4/1990	em atividade	Cinema de Arte Estação Paissandu	Studio Paissandu	Rua Senador Vergueiro	35 F	Flamengo
22/11/1991	em atividade	Estação Museu da República		Rua do Catete	153	Catete
13/12/1991	em atividade	CineClube Laura Alvim		Av. Vieira Souto	176	Ipanema
6/8/1993	2/4/1993	Belas Artes Catete	Studio Catete	Rua do Catete	228	Catete
29/10/1993	em atividade	Cine Gávea	Cine Rio Sul	Rua Mq. de São Vicente	52	Gávea
13/10/1995	em atividade	Top Cine Catete	Belas Artes Catete	Rua do Catete	228 loja 117	Catete
21/05/1899	21/05/1899	Copacabana Animatógrafo		Praça Malvino Reis	?	Copacabana
13/9/1903	13/9/1903	Rink Santos Dumont		Rua Voluntários da Pátria	1	Botafogo
22/2/1908	6/9/1913	C. High-Life		Praia de Botafogo	506	Botafogo
27/9/1909	02/1912	Cinema Copacabana		Praça Malvino Reis	20	Copacabana
01/1910	8/3/1913	Pathé Cinema		Rua São Clemente	37	Botafogo
28/1/1911	17/5/1911	Cinema Botafogo		Praia de Botafogo	?	Botafogo
6/10/1911	26/6/1914	Cinema Edison		Rua Voluntários da Pátria	267/267 A	Botafogo
04/1913	08/1917	Cinema Copacabana		Rua Barroso	53	Copacabana
1915	1919	Cinema Rui Barbosa	Pathé Cinema	Rua São Clemente	37	Botafogo
15/10/1915	08/1922	Cinema High-Life		Rua da Passagem	1 a 13	Botafogo
11/8/1916	30/4/1950	Cinema Americano		Av. N. Srª de Copacabana	743	Copacabana
07/1919	28/7/1938	Cinema Atlântico		Av. N. Srª de Copacabana	580	Copacabana

1910 (década)	1910 (década)	Cinema Palmeira		Av. N. Srª de Copacabana	?	Botafogo
03/1920	30/11/1977	Cinema Guanabara	C. High-Life	Av. N. Srª de Copacabana	506	Botafogo
5/3/1921	16/7/1922	Cinema Copacabana		Av. N. Srª de Copacabana	58	Copacabana
21/1/1924	11/3/1944	Copacabana Cassino-Teatro		Av. N. Srª de Copacabana	s/n	Copacabana
1926	21/6/1963	Cinema Nacional		Av. N. Srª de Copacabana	331/335	Botafogo
30/5/1935	13/9/1942	Cine Varieté		Av. N. Srª de Copacabana	1080	Copacabana
3/9/1938	29/1/1991	Cinema Roxy		Av. N. Srª de Copacabana	945 A	Copacabana
5/12/1938	25/12/1955	Cine Ritz	Cinema Atlântico	Av. N. Srª de Copacabana	580	Copacabana
5/11/1941	26/1/1977	Cine Metro-Copacabana		Av. N. Srª de Copacabana	749	Copacabana
28/11/1942	16/12/1983	Cinema Rian		Av. N. Srª de Copacabana	2964	Copacabana
6/10/1944	30/9/1951	Cinema Star		Av. N. Srª de Copacabana	35	Botafogo
12/6/1948	26/12/1948	Cineminha Cineac Infantil		Av. N. Srª de Copacabana	921	Copacabana
3/9/1949	9/2/1969	Cine Alvorada		Av. N. Srª de Copacabana	17	Copacabana
21/10/1950	em atividade	Cinema Art Palácio		Av. N. Srª de Copacabana	759 B	Copacabana
4/10/1951	23/6/1995	Cinema Botafogo	Cinema Star	Av. N. Srª de Copacabana	35	Botafogo
15/8/1952	2/6/1968	Cinema Royal		Av. N. Srª de Copacabana	3806 subsolo, loja G	Copacabana
6/3/1953	31/7/1977	Cine Alaska		Av. N. Srª de Copacabana	3806 loja H	Copacabana
4/9/1953	em atividade	Cinema Copacabana	Cinema Americano	Av. N. Srª de Copacabana	801	Copacabana
15/2/1954	1/1/1984	Cine Caruso Copacabana		Av. N. Srª de Copacabana	1362	Copacabana
11/5/1958	24/6/1973	Cine Riviera		Av. N. Srª de Copacabana	102	Copacabana
1/9/1958	8/9/1994	Cine Ricamar		Av. N. Srª de Copacabana	360 B	Copacabana
7/3/1959	7/12/1969	Cine Flórida		Av. N. Srª de Copacabana	69/71	Copacabana
20/8/1959	27/3/1977	Cine Teatro Ópera		Av. N. Srª de Copacabana	340B	Botafogo
14/7/1961	14/5/1972	Cinema Paris Palace		Av. N. Srª de Copacabana	261	Copacabana
15/12/1961	12/5/1974	Cine Bruni Copacabana		Av. N. Srª de Copacabana	502 C	Copacabana
9/3/1963	1/4/1993	Cine Veneza		Av. N. Srª de Copacabana	184	Botafogo
22/6/1963	3/9/1972	Cine Bruni Botafogo	Cinema Nacional	Av. N. Srª de Copacabana	335	Botafogo
13/7/1964	em atividade	Cine Coral		Av. N. Srª de Copacabana	316 loja E	Botafogo
13/7/1964	em atividade	Cine Scala		Av. N. Srª de Copacabana	316 loja D	Botafogo

29/4/1966	em atividade	Cine Condor Copacabana		Av. N. Srª de Copacabana	286 loja H	Copacabana
4/7/1968	14/6/1982	Cinema Capri		Av. N. Srª de Copacabana	88 H	Botafogo
23/8/1969	9/4/1970	Cine Hora Copacabana		Av. N. Srª de Copacabana	680 loja H	Copacabana
23/3/1970	15/12/1985	Cine Holiday	Cinema Royal	Av. N. Srª de Copacabana	3806	Copacabana
10/4/1970	25/3/1973	Cine Joia	Cine Hora Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	680	Copacabana
26/3/1973	14/9/1975	Cine Jóia-Cinemateca	Cine Joia	Av. N. Srª de Copacabana	680	Copacabana
12/9/1973	20/1/1980	Cinema II	Cine Riviera	Av. N. Srª de Copacabana	102	Copacabana
5/8/1974	5/1/1975	BBB Film Show	Cine Bruni Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	502 C	Copacabana
6/1/1975	21/5/1983	Cine Bruni Copacabana	BBB Film Show	Av. N. Srª de Copacabana	502 C	Copacabana
15/9/1975	28/11/1991	Cine Joia	Cine Joia-Cinemateca	Av. N. Srª de Copacabana	680	Copacabana
2/4/1977	3/3/1994	Cinema Ópera 1	Cine Teatro Ópera	Av. N. Srª de Copacabana	340	Botafogo
2/4/1977	18/2/1992	Cinema Ópera 2	Cine Teatro Ópera	Av. N. Srª de Copacabana	340	Botafogo
15/12/1977	8/10/1978	Cinema New Alaska	Cine Alaska	Av. N. Srª de Copacabana	3806	Copacabana
24/5/1980	29/5/1983	Studio Copacabana	Cinema II	Av. N. Srª de Copacabana	102	Copacabana
22/5/1983	25/4/1984	Cine Bruni Premier	Cine Bruni Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	502	Copacabana
19/4/1984	10/9/1986	Studio Gaumont Copacabana	Studio Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	102	Copacabana
27/4/1984	2/6/1985	Cine Coper Botafogo	Cine Capri	Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
4/6/1985	22/9/1985	Cineclube Coper Botafogo	Cine Coper Botafogo	Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
13/11/1985	4/12/1988	Cineclube Estação Botafogo	Cineclube Coper Botafogo	Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
11/8/1986	23/10/1988	Sala 16		Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
11/8/1986	7/2/1991	Studio Copacabana	Studio Gaumont Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	102	Copacabana
2/12/1988	06/1995	Cineclube Estação Botafogo 2		Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
5/12/1988	6/7/1995	Cineclube Estação Botafogo 1	Cineclube Estação Botafogo	Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
13/12/1988	25/6/1995	Cineclube Estação Botafogo 3	Sala 16	Av. N. Srª de Copacabana	88	Botafogo
15/12/1989	em atividade	Cine Star Copacabana	Cine Bruni Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	502	Copacabana
7/12/1990	em atividade	Estação Cinema 1	Cinema I	Av. N. Srª de Copacabana	261	Copacabana
15/2/1991	12/9/1991	Studio Belas Artes	Studio Copacabana	Av. N. Srª de Copacabana	102	Copacabana
26/4/1991	em atividade	Cine Roxy 1	Cine Roxy	Av. N. Srª de Copacabana	945	Copacabana
26/4/1991	em atividade	Cine Roxy 2	Cine Roxy	Av. N. Srª de Copacabana	945	Copacabana

26/4/1991	em atividade	Cine Roxy 3	Cine Roxy	Av. N. Sr ^a de Copacabana	945	Copacabana
13/9/1991	7/1/1993	Studio Copacabana	Studio Belas Artes	Av. N. Sr ^a de Copacabana	102	Copacabana
25/12/1991	em atividade	Cinema Novo Joia	Cine Joia	Av. N. Sr ^a de Copacabana	680	Copacabana
30/4/1993	2/4/1994	Belas Artes Veneza	Cine Veneza	Av. Pasteur	184	Botafogo
3/12/1993	em atividade	Cinema Rio Sul 1		Rua Lauro Muller	116	Botafogo
3/12/1993	em atividade	Cinema Rio Sul 2		Rua Lauro Muller	116	Botafogo
3/12/1993	em atividade	Cinema Rio Sul 3		Rua Lauro Muller	116	Botafogo
3/12/1993	em atividade	Cinema Rio Sul 4		Rua Lauro Muller	116	Botafogo
15/4/1994	2/4/1995	Belas Artes Copacabana	Studio Copacabana	Rua Raul Pompeia	102	Copacabana
20/1/1995	em atividade	Cinema Rio Off Price 1		Rua General Severiano	97	Botafogo
20/1/1995	em atividade	Cinema Rio Off Price 2		Rua General Severiano	97	Botafogo
31/8/1995	em atividade	Estação Banco Nacional de Cinema 2	Cineclube Estação Botafogo 2	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
31/8/1995	em atividade	Estação Banco Nacional de Cinema 3	Cineclube Estação Botafogo 3	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo

Fonte: Gonzaga (1996).

Anexo B: Cinemas no Centro

INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	ÚLTIMO NOME	NOME ANTERIOR	ENDEREÇO	Nº
09/07/1896	19/08/1896	Omniógrafo		Rua do Ouvidor	57
21/09/1896	21/09/1896	Panorama Mecânico		Rua do Espírito Santo	5
15/01/1897	1909	Teatro Lucinda		Rua do Espírito Santo	24
30/01/1897	30/01/1897	Clube dos Repórteres		Rua do Ouvidor	141
28/03/1897	30/05/1897	Cinematógrafo Edson		Rua do Ouvidor	109
10/04/1897	31/03/1898	Teatro Variedades		Praça Tiradentes	s/n
31/07/1897	15/5/1905	Salão de Novidades Paris no Rio	Clube dos Repórteres	Rua do Ouvidor	141
01/12/1898	?	Cinematógrafo Campos Sales		Rua do Lavradio	55
7/10/1900	1903	Alcazar Parque		Rua Teotônio Regadas	17 A
1901	?	Teatro Folies Bergere		Rua do Lavradio	49
6/4/1901	?	Coliseu Teatro		Praça Onze de Junho	121
16/5/1901	24/8/1913	Teatro São Pedro de Alcântara		Praça Tiradentes	s/n
6/11/1901	17/1/1906	Cassino Nacional		Rua do Passeio	44
21/12/1901	8/1/1905	Jardim Concerto da Guarda Velha		Rua Senador Dantas	57
13/7/1902	8/8/1902	Derby Elétrico		Rua do Lavradio	158
1903	1943	Cervejaria Ultramarina		Rua Senador Eusébio	208
30/8/1903	21/6/1919	Teatro Maison Moderne		Praça Tiradentes	15,17,19
4/11/1903	12/9/1931	Teatro São José	Teatro Variedades	Praça Tiradentes	3
26/11/1904	23/8/1931	Teatro Lírico		Rua 13 de Maio	56
25/2/1905	07/1913	Teatro Apolo		Rua do Lavradio	56
9/3/1905	13/3/1905	Teatro Recreio Dramático		Rua do Espírito Santo	43/45
22/4/1905	1/2/1916	Teatro Carlos Gomes		Rua do Espírito Santo	2
28/10/1905	2/11/1906	Passeio Público		Rua do Passeio	s/n
20/11/1905	20/11/1905	Cinematógrafo		Av. Central	30
1906	?	Cinematógrafo de Luiz Furtado Braga		Praça Onze de Junho	?
19/3/1906	10/10/1910	Palace Theatre	Cassino Nacional	Rua do Passeio	44

1/8/1906	13/2/1910	Café Contante Moulin Rouge		Rua do Espirito Santo	2
4/10/1906	6/10/1906	Campos de São Marcos		Rua Vsc. de Itaúna	s/n
23/11/1906	?	Cinematógrafo de Monjardim e Maia		Av. Central	?
3/12/1906	3/12/1906	Cinematógrafo Behring		Av. 13 de Maio	22
10/2/1907	09/1907	Ferro Carril Asiático		Av. Central	154
10/8/1907	?	Cinematógrafo Auto Tours		Praça Tiradentes	27
1/8/1907	12/5/1908	Cinematógrafo Chic		Av. Central	173
10/8/1907	0/02/1953	Grande Cinematógrafo Parisiense		Av. Central	179
1/9/1907	1/9/1907	Cinematógrafo Berlinez		Av. Mal. Floriano	209
18/9/1907	15/11/1913	Cinematógrafo Pathé		Av. Central	147/149
28/9/1907	25/1/1910	Cinematógrafo Paraíso do Rio		Av. Central	103/105
17/10/1907	3/7/1913	Pavilhão Internacional	Ferro Carril Asiático	Av. Central	154
25/10/1907	25/10/1907	Cinematógrafo do Largo da Mãe do Bispo		Largo Mãe do Bispo	s/n
10/11/1907	13/7/1912	Cinematógrafo Brasil		Praça Tiradentes	1 - sobrado
14/11/1907	30/4/1908	Cinematógrafo Ouvidor		Rua Cel. Moreira César	97
15/11/1907	25/11/1907	Cinematógrafo Modernos		Av. Central	183
18/11/1907	24/12/1907	Cinematógrafo Universal		Praça Tiradentes	38
20/11/1907	10/6/1910	Cinematógrafo Sant'Ana		Rua de Sant'Ana	40
24/11/1907	5/7/1908	Grande C. Rio Branco		Rua Vsc. do Rio Branco	28/30
28/11/1907	1927	Cinematógrafo Avenida		Av. Central	153
30/11/1907	17/1/1907	Universal Animatógrafo		Av. Central	167/171
1/12/1907	3/12/1907	Cinematógrafo Naval Bar		Rua Vsc. de Maranguape	11
7/12/1907	7/12/1907	Cinematógrafo Onze de Junho		Rua Vsc. de Itaúna	169
21/12/1907	28/12/1907	Cinematógrafo Excelsior		Largo da Lapa	?
24/12/1907	24/8/1921	Cinematógrafo Paris	Cinematógrafo Universal	Praça Tiradentes	38
25/12/1907	4/1/1908	Cinematógrafo Lavradio		Rua do Lavradio	70
25/12/1907	10/1/1909	Parque Novidades		Rua Senador Eusébio	124
26/12/1907	23/2/1908	Cinematógrafo Éden Floresta		Rua do Riachuelo	107
1/1/1908	28/1/1962	Cinematógrafo Popular		Av. Mal. Floriano	101

1/1/1908	15/1/1913	Ouvidor Cinema		Rua Cel. Moreira César	127
11/1/1908	12/1/1908	Biógrafo Americano da Fábrica Behring	Cinematógrafo Behring	Av. 13 de Maio	22
7/2/1908	10/10/1908	Cinematógrafo Palace		Rua Cel. Moreira César	149 B
30/3/1908	1/6/1909	Cinematógrafo EFCB		Praça Cristiano Ottoni	s/n
6/6/1908	1908	Cinematógrafo The Novelty Chic	Cinematógrafo Chic	Av. Central	173
21/7/1908	7/7/1910	Cinematógrafo Rio Branco		Rua Vsc. do Rio Branco	42
21/10/1908	11/1/1910	Cinema Palace		Rua Cel. Moreira César	185
21/11/1908	23/12/1909	Cinema França		Rua do Lavradio	59
26/11/1908	?	Cinema Colombo		Largo do Despacho	?
16/2/1909	23/7/1910	Cinema Teatro		Rua Vsc. do Rio Branco	53
10/7/1909	8/1/1910	Cinema Carioca		Largo da Carioca	16/18
10/8/1909	11/8/1909	Derby Cinema		Praça Tiradentes	12
24/8/1909	23/12/1925	Cinema Odeon		Av. Central	137
18/9/1909	14/10/1909	William Henvelius Cinematógrafo		Rua do Lavradio	40
26/9/1909	26/9/1909	Cinema Sul América		Rua Vsc. do Rio Branco	35
2/10/1909	25/5/1961	Ideal Cinema		Rua da Carioca	60/62
9/10/1909	1/1/1910	Cinema Sul América		Rua Vsc. do Rio Branco	37
30/10/1909	5/9/1911	Cinema Soberano		Rua da Carioca	49/51
17/12/1909	31/1/1910	Cinema Bromil		Rua do Riachuelo	s/n
1910	1910	Cinema Alegria	William Henvelius Cinematógrafo	Rua do Lavradio	40
4/6/1910	17/6/1910	Cinema Bazar	Cinema Sul América	Rua Vsc. do Rio Branco	34
21/7/1910	1/9/1910	Cinematógrafo Rio Branco		Rua Vsc. do Rio Branco	28/30
23/7/1910	17/5/1911	Cinema Elite		Av. Mal. Floriano	17/19
11/8/1910	1910	Cabaret Concert		Rua Senador Dantas	104
29/9/1910	17/1/1911	Cinema Kab Kab		Rua Gonçalves Dias	83
12/10/1910	18/2/1913	Cinema Chamtecler	Cinema Teatro	Rua Vsc. do Rio Branco	53
15/10/1910	17/5/1911	Cinema Floriano Peixoto		Av. Mal. Floriano	114
27/10/1910	1/6/1911	Kinema Kosmos		Av. Central	134

1911	19/4/1912	Cinematógrafo Oriental		Rua Vsc. de Itaúna	141
28/1/1911	1/1/1935	Cine Colombo		Rua Con. Pereira Franco	108
30/1/1911	4/4/1912	Cinematógrafo Rio Branco		Rua Gomes Freire	13/ 21 A
15/4/1911	18/6/1911	Cinema Viúva - Alegre		Rua Vsc. do Rio Branco	22/24
17/5/1911	1/1/1913	Cinema Catumbi		Rua Catumbi	101
17/5/1911	1911	Cinema Harmonia		Praça da Harmonia	?
17/5/1911	2/1/1926	Cinema Onze de Junho		Rua Senador Eusébio	134
17/5/1911	1/9/1924	Cinema Sant'Ana		Rua de Sant'Ana	96
27/5/1911	27/2/1955	Cinema Lapa		Av.Mem de Sá	23
18/7/1911	24/9/1911	Cinema-Teatro Royal	Cinema Viúva Alegre	Rua Vsc. do Rio Branco	22/24
19/11/1911	1911	Cinematógrafo da Força Policial		Rua Evaristo da Veiga	s/n
17/12/1911	1/1/1913	Cinema Teatro Estácio		Rua Estácio de Sá	78
2/4/1912	30/9/1912	Cinema Central		Praça da República	235
8/5/1912	07/1912	Cinema Vitória	Cinema Soberano	Rua da Carioca	49/51
29/6/1912	8/12/1912	Cinema Brasileiro	Cinema Elite	Av. Mal. Floriano	17/19
16/7/1912	em funcionamento	Cinema Íris	Cinema Vitória	Rua da Carioca	49/51
30/9/1912	1/1/1913	Cinema Teatro Telma		Rua do Propósito	20
1913	12/1913	Cinema Elite	Cinema Brasileiro	Av. Mal. Floriano	17/19
1913	1914	Cinema Passeio		Rua Joaquim Nabuco	s/n
15/11/1913	1/12/1940	Cinema Pathé		Av.Central	116
23/11/1913	27/11/1913	Teatro Polytheama		Rua Vsc. de Itaúna	443
1914	1916	Cinema América		Rua Sto. Cristo dos Milagres	230
1914	1914	Cinema Recreio Lusitano		Rua Frei Caneca	189
1914	1914	Cinema Rio de Janeiro		Rua do Hospício	305
5/1/1914	15/1/1914	Cinema Max	Cinema Chantecler	Rua Vsc. do Rio Branco	53
26/2/1914	10/7/1932	Cinema-Teatro Phenix		Rua Barão de São Gonçalo	65
11/4/1914	15/9/1914	Cinema Éclair Palace		Av.Rio Branco	181
16/7/1914	3/12/1926	Cine Palais	Cinematógrafo Pathé	Av.Rio Branco	145/149
1915	13/9/1931	Cinema Elegante		Rua Marques de Sapucaí	355

13/4/1915	3/1/1954	Cinema Guarani		Rua Frei Caneca	133
1916	1918	Cinema Vitória		Av. Mem de Sá	349
2/2/1916	27/2/1917	Cinema Alegre		Rua Luiz Gama	18
28/5/1916	6/7/1958	Cine Primor		Av. Passos	119
20/7/1916	16/1/1949	Teatro República		Av. Gomes Freire	82
04/1917	7/10/1956	Cinema Olímpia	Cinema Max	Rua Visc. do Rio Branco	53
22/7/1917	1/8/1917	Cinema Majestic	Palace-Theatre	Rua do Passeio	38/40
09/1917	1/1/1919	Cinema Brasil		Rua Senador Pompeu	138
7/6/1918	1/1/1919	Cine Orion		Rua Senador Pompeu	188
10/8/1918	22/8/1918	4ª Exposição Nacional de Milho		Av. Rio Branco	s/n
9/10/1918	10/6/1932	Electro-Ball Cinema		Rua Vsc. do Rio Branco	51
15/11/1919	08/1929	Cinema Central		Av. Rio Branco	168
Década de 1910	1913	Cinema Frontin		Av. Central	?
Década de 1910	?	Cinema Saúde	Cinema Harmonia	Praça da Harmonia	?
1920	31/12/1954	Cinema Centenário		Rua Senador Eusébio	188/190
11/1/1920	10/1922	Palace Theatre	Cinema Majestic	Rua do Passeio	38/40
10/3/1920	2/12/1951	Cinema Moderno	Teatro Maison Moderne	Praça Tiradentes	15/19
29/4/1920	17/11/1920	Parque Centenário		Av. Rio Branco	s/n
1921	?	Teatro Trianon	Cinema Éclair Palace	Av. Rio Branco	179
14/7/1921	1/5/1941	Cinema Paris		Praça Tiradentes	42
18/7/1921	1/6/1930	Cinema Universal		Rua Senador Eusébio	132
1/10/1921	?	Cine- Teatro Rialto		Rua Chile	35
23/9/1922	1/2/1925	Cine-Teatro Eunice		Rua do Riachuelo	130
23/4/1925	31/12/1931	Cinema Capitólio		Praça Floriano	51
3/10/1925	7/7/1940	Cine Teatro Glória		Praça Floriano	35/37
12/11/1925	10/12/1978	Cinema Império		Praça Floriano	19
04/1926	28/12/1937	Cinema Batuta		Rua Senador Pompeu	224
3/4/1926	em funcionamento	Cinema Odeon		Praça Floriano	7
25/3/1927	9/4/1933	Teatro Casino		Av. Beira Mar	s/n

9/7/1928	21/12/1958	Cinema Mem de Sá		Av. Mem de Sá	121 A
1/10/1928	?	Cinema Pathé-Palace		Praça Floriano	45
11/1928	07/1929	Cinema Roma		Av. Mal. Floriano	27
13/3/1929	19/10/1941	Palácio-Teatro	Palace-Theatre	Rua do Passeio	38/40
26/3/1929	23/7/1967	Cinema Rio Branco	Cinema Universal	Rua Senador Eusébio	132
12/1929	25/2/1951	Cine Eldorado	Cinema Central	Av. Rio Branco	166/168
30/02/1931	1/1/1932	Cine Palace Riachuelo		Rua do Riachuelo	201
9/1/1932	13/10/1957	Cine Catumbi	Cine Elegante	Rua Marques de Sapucaí	355/361
18/2/1932	5/2/1933	Cinema Paratodos		Rua Santo Cristo	226
11/3/1932	28/12/1941	Cine Teatro Broadway	Cinema Capitólio	Praça Floriano	51
04/1932	1/12/1932	Cinema Aymoré	Cine Palace Riachuelo	Rua do Riachuelo	201
9/6/1932	9/4/1939	Cinema Alhambra		Rua do Passeio	14/16
12/1/1933	13/8/1939	Cine Cassino Tabaris		Rua Pedro I	25
1/4/1933	28/6/1933	Sport da Péla		Praça da República	69
27/1/1934	?	Cine Teatro Rex		Rua Álvaro Alvim	33
1/4/1935	26/4/1936	Cine Teatro Carlos Gomes	Teatro Carlos Gomes	Praça Tiradentes	19
26/8/1935	4/9/1949	Cine Metrópole	Cine Teatro Rialto	Rua Chile	35
14/11/1935	30/6/1940	Cine Teatro Rio		Rua Alcindo Guanabara	17 - subsolo
6/1/1936	1/6/1969	Cinema Estácio de Sá	Cine Colombo	Rua Pereira Franco	108
8/4/1936	24/10/1976	Cinema Floriano		Av. Mal. Floriano	150
20/5/1936	16/3/1980	Cine Teatro Plaza		Rua do Passeio	78
30/9/1936	14/10/1964	Cine Metro		Rua do Passeio	62
1/7/1937	23/4/1944	Cine Teatro Ópera	Cinema Teatro Phenix	Av. Almirante Barroso	63
16/2/1938	15/5/1949	Cine D. Pedro	Cinema Batuta	Rua Senador Pompeu	224
14/12/1938	20/5/1973	Cineac Trianon		Av. Rio Branco	181
22/3/1941	17/9/1961	Cinema Colonial		Largo da Lapa	47/49
5/6/1941	31/12/1943	Cineac Glória	Cine Teatro Glória	Praça Floriano	35/37
28/2/1942	23/7/1972	Cinema Capitólio	Cine Teatro Broadway	Praça Floriano	51

19/3/1942	31/12/1943	Cine OK	Cine Teatro Rio	Rua Alcindo Guanabara	17 - subsolo
12/8/1942	26/8/1993	Cine Vitória		Rua Senador Dantas	45 A
22/12/1943	1/10/1979	Cine Palácio	Palácio-Teatro	Rua do Passeio	38
1/1/1944	4/10/1945	Cineac OK	Cine OK	Rua Alcindo Guanabara	17 - subsolo
1/1/1944	26/3/1944	Cinema Glória	Cineac Glória	Praça Floriano	35/37
7/5/1944	em funcionamento	Cinema do Clube Ginástico Português		Av. Graça Aranha	187
28/11/1945	14/5/1950	Cine São Carlos	Cineac OK	Rua Alcindo Guanabara	17 - subsolo
14/3/1949	20/10/1975	Cine Presidente		Rua Pedro I	19 A
28/8/1950	28/4/1974	Cine Rivoli	Cine São Carlos	Rua Alcindo Guanabara	17 - subsolo
17/12/1951	28/2/1982	Cine Marrocos	Cinema Moderno	Rua Pedro I	11
6/7/1953	7/2/1954	Cine Texas	Grande C. Parisiense	Av. Rio Branco	179
9/1/1959	27/10/1974	Cine Mesbla		Rua do Passeio	42, 11º andar
12/11/1963	25/7/1976	Cine Festival		Av. Rio Branco	156, sobreloja 322
23/3/1966	1990	Cine-Arte do Museu da Imagem e do Som		Praça Marechal Âncora	1
26/12/1966	30/8/1981	Cine Hora		Av. Rio Branco	156 - subsolo 128
24/7/1967	25/7/1971	Cine Bruni Rio Branco	Cinema Rio Branco	Rua Senador Eusébio	132
21/1/1969	em funcionamento	Cine Metro-Boavista	Cine Metro	Rua do Passeio	62 B
23/12/1974	em funcionamento	Cine Orly	Cine Rivoli	Rua Alcindo Guanabara	17 - subsolo
1/10/1979	?	Cine Palácio 2	Cine Palácio	Rua do Passeio	38/40
1/10/1979	?	Cine Palácio 1	Cine Palácio	Rua do Passeio	38/40
5/10/1981	?	Cine Hora		Av. Rio Branco	156 sobreloja 326
23/1/1990	em funcionamento	Cinema do CCBB		Rua 1º de março	66

Fonte: Gonzaga (1996).

Anexo C: Cinemas na Zona Norte

INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	ÚLTIMO NOME	NOME ANTERIOR	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO
07/11/1097	19/1/1908	C. Popular		Campo de São Cristóvão	17 B	São Cristóvão
1908	1908	Cinema Cidade		Rua Figueira de Melo	335	São Cristóvão
1909	12/1/1910	Cinema Flores		Rua Ana Neri	265	Benfica
1909	1909	Cinema Pátria		Rua São Luiz Gonzaga	102	São Cristóvão
1909	1909	Clube Esportivo Guranez		Rua Ana Neri	258	Benfica
07/1909	12/1909	Cinema São Cristóvão	Cinema Cidade	Rua Figueira de Melo	335	São Cristóvão
1/2/1910	2/8/1918	Cinema Bijou / Cinema Rio		Rua Capitão Salomão	65	São Cristóvão
25/3/1910	17/8/1933	Cinema Pátria		Rua São Luiz Gonzaga	78	São Cristóvão
1911	30/9/1912	Mignon Cinema		Rua Ana Neri	219	Benfica
11/1911	?	Cinema Teatro		Rua Senador Alencar	166	São Cristóvão
1914	1923	Cinema São Cristóvão		Rua São Cristóvão	425	São Cristóvão
22/10/1916	?	Cinema Vênus		Rua São Cristóvão	?	São Cristóvão
17/12/1916	31/5/1981	Cinema Fluminense		Campo de São Cristóvão	69	São Cristóvão
09/1917	05/1950	Cine Parc Brasil	Clube Esportivo Guranez	Rua Ana Neri	258	Benfica
30/8/1918	1/9/1920	Cine Teatro Yolanda	Cinema Bijou / Cinema Rio	Rua São Luiz Gonzaga	67	São Cristóvão
02/1921	04/1924	Cinema Rio	Cine-Teatro Yolanda	Rua Luiz Gonzaga	65/67	São Cristóvão
05/1933	31/12/1954	Cinema São Cristóvão	Cinema Pátria	Rua São Luiz Gonzaga	78	São Cristóvão
23/9/1940	15/3/1972	Cine Natal		Rua Bela	948	São Cristóvão
21/10/1949	7/2/1954	Cine Piratini		Rua Bela	?	São Cristóvão
1951	1959	Cine Santa Rita		Rua São Januário	249	São Cristóvão
1954	1959	Cinema da Paróquia de São Cristóvão		Rua Benedito Ottoni	s/n	São Cristóvão
1955	1/6/1969	Cinema São Carlos		Rua Bela	535	São Cristóvão
23/7/2967	30/5/1982	Cine Tijuca Palace		Rua Conde de Bonfim	214	Tijuca
26/10/1907	1/1/1909	Pathé Cinematográfico		Rua Haddock Lobo	27	Tijuca
31/10/1907	21/2/1908	Pavilhão Congresso		Rua Haddock Lobo	16	Tijuca
24/11/1907	1/12/1907	C. Velo		Rua Haddock Lobo	102	Tijuca

24/12/1907	1/1/1908	C. Marçal		Rua Teodoro da Silva	C2	Vila Isabel
5/1/1908	1/1/1909	C. Maracanã		Rua Major Ávila	2	Tijuca
1909	17/1/1910	Cinema Uruguai		Rua Uruguai	218	Tijuca
1909	1909	Royal Cinema		Rua Haddock Lobo	20	Tijuca
05/1909	2/1/1966	Cinema Tijuca		Rua Conde de Bonfim	344	Tijuca
4/12/1909	1/1/1911	Cinema Matoso		Rua Mariz e Barros	107	Pç. da Bandeira
17/12/1909	1/1/1910	Cinema Íris		Rua Haddock Lobo	55	Tijuca
19/12/1909	05/1918	Éden Cinema		Rua Conde de Bonfim	338	Tijuca
24/12/1909	30/9/1912	Cinema Central		Rua Haddock Lobo	463	Tijuca
01/1910	14/8/1910	Boulevard Cinema		Boulevard 28 de setembro	248	Vila Isabel
7/1/1910	17/1/1910	Cinema de J. Labanca		Rua Conde de Bonfim	?	Tijuca
14/1/1910	1/1/1919	C. Chic		Boulevard 28 de setembro	437/439	Vila Isabel
27/8/1910	31/12/1954	Cinema Velo		Rua Haddock Lobo	192	Tijuca
20/10/1910	25/9/1965	Cinema Haddock Lobo	Royal Cinema	Rua Haddock Lobo	20	Tijuca
24/12/1910	6/12/1938	Cinema Smart		Boulevard 28 de setembro	214	Vila Isabel
9/4/1911	22/9/1911	Cine Petit Parisiense	Cinema Matoso	Rua Mariz e Barros	107	Vila Isabel
17/5/1911	9/10/1915	Clube da Tijuca		Rua Conde de Bonfim	186	Tijuca
22/10/1911	4/10/1928	Cinema Matoso	Cine Petit Parisiense	Rua Mariz e Barros	107	Vila Isabel
8/3/1913	1/1/1923	Cinema Maracanã		Boulevard 28 de setembro	19	Vila Isabel
15/8/1914	5/9/1914	Cinema Variedades		Rua Mariz e Barros	123	Pç. da Bandeira
16/3/1915	1/1/1916	Cinema Santo Afonso		Rua Barão de Mesquita	640	Andaraí
22/10/1916	07/1920	Cinema Andaraí	Cinema Santo Afonso	Rua Barão de Mesquita	640	Andaraí
10/3/1917	13/1/1932	Cine Boulevard		Avenida 28 de setembro	163	Vila Isabel
1/6/1918	em funcionamento	Cine-Teatro América		Rua Conde de Bonfim	334	Tijuca
31/12/1919	31/12/1962	Cinema Avenida		Rua Haddock Lobo	91	Tijuca
1910	1911	Cinema Fábrica das Chitas		Largo da Fábrica das Chitas	?	Tijuca
1910	?	Cinema Londres		?	?	Vila Isabel
21/11/1920	21/4/1940	Cinema Hélios	Cinema Andaraí	Rua Barão de Mesquita	640	Andaraí
14/1/1922	29/2/1940	Cine Teatro Brasil		Rua Haddock Lobo	437	Tijuca

1928	06/1928	Cinema Verdun		Rua Barão de Mesquita	972	Grajaú
1/4/1928	11/6/1978	Cine Teatro Vila Isabel		Avenida 28 de setembro	425	Vila Isabel
2/7/1928	31/12/1954	Cinema Grajaú	Cinema Verdun	Rua Barão de Mesquita	972	Grajaú
1930	31/12/1956	Cine Bandeira		Rua Mariz e Barros	123	Pç. da Bandeira
27/10/1932	6/9/1964	Cinema Maracanã		Rua São Francisco Xavier	450	Maracanã
1940	31/5/1970	Cinema Paroquial Santo Afonso		Rua Barão de Mesquita	287	Tijuca
23/9/1940	20/8/1972	Cine Teatro Olinda		Rua Desembargador Isidro	51	Tijuca
26/3/1941	em funcionamento	Cinema Carioca		Rua Conde de Bonfim	338	Tijuca
10/10/1941	26/1/1977	Cine Metro-Tijuca		Rua Conde de Bonfim	366	Tijuca
1953	22/12/1957	Cine Santa Rita		Rua São Francisco Xavier	3	Tijuca
26/4/1954	17/5/1970	Cine Madrid		Rua Haddock Lobo	170	Tijuca
1/1/1956	20/12/1964	Cinema Eskye		Rua Conde de Bonfim	422	Tijuca
17/1/1960	em funcionamento	Cinema Palácio Tijuca		Rua Conde de Bonfim	406	Tijuca
28/5/1960	23/3/1976	Cine Roma		Rua Mariz e Barros	354	Tijuca
27/1/1962	3/12/1972	Cine Britânia		Rua Desembargador Isidro	10	Tijuca
7/6/1963	29/8/1971	Cine Bruni Saenz Peña		Rua Major Ávila	455 lojas 10 e 11	Tijuca
7/6/1964	18/3/1979	Cine Bruni Grajaú		Rua José Vicente	56	Grajaú
21/12/1964	10/4/1988	Cinema Tijuca-Eskye	Cinema Eskye	Rua Conde de Bonfim	422	Tijuca
9/8/1965	31/10/1978	Cine Rio		Rua Conde de Bonfim	302 A	Tijuca
17/7/1967	2/11/1988	Cine Comodoro		Rua Haddock Lobo	145	Tijuca
23/8/1968	em funcionamento	Cine Bruni Tijuca		Rua Conde de Bonfim	370 loja 8	Tijuca
10/3/1973	29/3/1981	Studio Tijuca	Cine Britânia	Rua Desembargador Isidro	10	Tijuca
4/5/1973	23/3/1975	Cine Osaka	Cine Bruni Saenz Peña	Rua Major Ávila	455	Tijuca
6/9/1975	6/11/1983	Cinema III		Rua Conde de Bonfim	229 loja 311	Tijuca
23/12/1976	2/7/1978	Cine Excelsior	Cine Osaka	Rua Major Ávila	455	Tijuca
16/12/1982	14/1/1993	Cine Tijuca Palace 1	Cine Tijuca Palace	Rua Conde de Bonfim	214 loja 20	Tijuca
16/12/1982	19/2/1992	Cine Tijuca Palace 2	Cine Tijuca Palace	Rua Conde de Bonfim	214 loja 20	Tijuca
23/2/1983	13/7/1988	Cine Coper Tijuca		Rua Conde de Bonfim	615 loja 105	Tijuca
30/6/1988	em funcionamento	Cinema Tijuca 1	Cinema Tijuca Eskye	Rua Conde de Bonfim	422	Tijuca

28/7/1988	em funcionamento	Cinema Tijuca 2		Rua Conde de Bonfim	422	Tijuca
-----------	------------------	-----------------	--	---------------------	-----	--------

Fonte: Gonzaga (1996).

Anexo D: Cinemas nos Bairros Suburbanos

INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	ÚLTIMO NOME	NOME ANTERIOR	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO
15/10/1906	15/10/1906	Outeiro da Penha		Largo da Penha	19	Penha
12/11/1907	15/11/1907	Cinematógrafo Brasil		Rua José dos Reis	9	Engenho de Dentro
1/12/1907	1/1/1908	Cinematógrafo Brasil		Rua Engenho de Dentro	31	Engenho de Dentro
1/12/1907	1/12/1907	Cinematógrafo Engenho de Dentro		Pça. Engenho Novo	12	Engenho Novo
8/12/1907	16/1/1908	Cinematógrafo Clube 24 de Maio		Rua 24 de Maio	454	Engenho Novo
01/1909	6/3/1909	Cinema Americano		Rua Arquias Cordeiro	17	Méier
23/6/1909	31/12/1911	Cinema Edison		Rua Dias da Cruz	47	Méier
16/10/1909	1/1/1911	Cinema Méier		Rua Arquias Cordeiro	262	Méier
19/10/1909	3/12/1972	Cinema Mascote		Rua Arquias Cordeiro	232	Méier
7/1/1910	30/1/1916	Cinema Piedade		Rua Assis Carneiro	18	Piedade
14/7/1910	07/1910	Cinema Brasil		Rua Manoel Vitorino	137	Engenho de Dentro
30/7/1910	24/9/1921	Cinema Central	Cinema Brasil	Rua Manoel Vitorino	137	Engenho de Dentro
31/7/1910	5/11/1910	Teatro-Cinema Santo Antônio		Rua Dias da Cruz	75	Méier
6/8/1910	12/1910	Cinema Feliz Madureira		Rua Lopes	51	Madureira
28/8/1910	31/10/1954	Cinema Modelo		Rua 24 de Maio	287	Riachuelo
29/9/1910	5/5/1915	Coliseu Cinema		Rua Nova de Dom Pedro	123	Cascadura
20/10/1910	15/7/1911	Cinema Apolo		Rua Engenho de Dentro	51	Engenho de Dentro
29/4/1911	15/5/1912	Cinema Orbe		Rua 24 de Maio	156	Riachuelo
1/6/1911	30/9/1912	Cinema Halley		Rua Barão do Bom Retiro	7	Engenho Novo
20/8/1911	24/12/1911	Cinema Madureira	Cinema Feliz Madureira	Rua Lopes	51	Madureira
30/8/1911	31/12/1911	Cinema Feliz Madureira		Rua Domingos Lopes	?	Madureira
1912	1913	Cinema Jupira		Rua Getúlio	12	Todos os Santos
1913	1928	Cinema 24 de Maio	Cinema Orbe	Rua 24 de Maio	156	Riachuelo
1914	1919	Cinema Ideal		Rua Uranos	28	Ramos
1914	1/7/1936	Cinema Zumbi		Praia do Zumbi	93	Ilha do Governador
1915	21/9/1986	Cinema Beija-Flor		Rua Lopes	169	Madureira

5/12/1915	1/1/1923	Cinema Engenho Novo	Cinema Halley	Rua Barão do Bom Retiro	7	Engenho Novo
5/12/1915	20/11/1932	Cinema Mundial	Coliseu Cinema	Rua Nova de Dom Pedro	123	Cascadura
5/12/1915	22/10/1916	Cinema Brasil				Olaria
1916	?	Teatro Cine-Circo Rio		Rua Dias da Cruz	77	Méier
09/1917	02/1918	Cinema Estrela		Rua Itapiru	471	Rio Comprido
5/9/1918	31/12/1954	Cine Jovial	Cinema Piedade	Rua Assis Carneiro	18	Piedade
08/1919	1/9/1924	Cinema Luz		Rua Ana Neri	316	Rocha
15/11/1919	6/11/1963	Cinema Méier		Av. Amaro Cavalcanti	25	Méier
8/12/1919	31/12/1962	Cinema Elegante	Cinema Ideal	Rua Uranos	28	Ramos
15/4/1920	2/1/1926	Cinema Olaria		Estr. Maria Angu	317	Olaria
09/1920	1/4/1962	Cine Oriente		Estr. Maria Angu	385/387	Olaria
1921	30/12/1979	Cine Pilar		Estr. Nova da Pavuna	s/n	Pilares
18/6/1921	24/9/1921	Select-Cine		Pça. Condessa de Frontin	2	Rio Comprido
24/11/1921	22/12/1963	Cine Engenho de Dentro		Rua Engenho de Dentro	40/44	Engenho de Dentro
30/1/1922	1/1/1923	Cinema Riachuelo		Rua 24 de Maio	226	Riachuelo
30/3/1922	1/1/1923	Cine Madureira		Rua Domingos Lopes	256	Madureira
21/4/1922	?	Cine Teatro Abigail Maia				Madureira
2/6/1923	1/9/1931	Cine Teatro Piedade		Rua Manoel Vitorino	565	Piedade
30/7/1923	13/9/1981	Cine Teatro Madureira		Rua Antônia Alexandrina	195	Madureira
19/8/1923	24/8/1969	Cine Teatro Penha		Rua Nicarágua	114	Penha
16/9/1923	1/2/1924	Cine Teatro Riachuelo		Rua Magalhães Castro	189	Riachuelo
18/9/1923	2/1/1926	Cinema Selecto	Select-Cine	Pça. Condessa de Frontin	2	Rio Comprido
10/4/1924	27/5/1924	Parque de Diversões Méier		Rua Imperial	47	Méier
30/1/1925	1925	Cinema Frontin		Pça. Condessa de Frontin	s/n	Rio Comprido
1926	1932	Margarida Max		Rua Manoel Vitorino	291	Piedade
30/8/1926	24/4/1949	Cinema Apolo		Pça. Condessa de Frontin	32	Rio Comprido
1/1/1928	27/9/1944	Cine Real		Rua Barão do Bom Retiro	251	Engenho Novo
30/3/1928	1/1/1933	Cinema Ramos	Cinema Elegante	Rua Uranos	28	Ramos
16/7/1928	26/10/1969	Cinema Paraíso		Pça. das Nações	66	Bonsucesso

30/9/1928	1/9/1931	Cinema Pavuna		Estr. Nova da Pavuna	211	Pilares
1929	19/8/1972	Cine Alfa		Rua Domingos Lopes	229	Madureira
1929	1929	Cinema Cascadura		Rua Nerval de Gouveia	163	Cascadura
1929	1929	Cinema de Daniel Alves		Estr.de Santa Cruz	21 B	Cascadura
1929	1929	Cinema de J. Zola		Rua João Vicente	97	Madureira
1929	1929	Cinema de Mario d'Almeida		Rua Assis Carneiro	s/n	Piedade
1929	1929	Cinema de Paris Correa		Pça. do Encantado	42	Engenho de Dentro
1929	1929	Cinema de Silva & Nunes		Rua Assis Carneiro	36	Piedade
1929	10/9/1972	Cinema Palace Vitória		Rua Conselheiro Mayrink	398	Jacaré
2/7/1932	31/12/1954	CineTeatro Edison		Rua Alan Kardec	74	Engenho Novo
30/9/1932	1/1/1946	Cinema Sapê		Rua dos Diamantes	22	Rocha Miranda
30/1/1933	23/4/1950	Cinema Cavalcanti		Rua Maria Passos	88	Cavalcanti
20/7/1933	27/8/1969	Cinema Piedade		Rua Manoel Vitorino	293	Piedade
1934	26/1/1969	Cinema Ramos		Rua Uranos	1009	Ramos
11/12/1934	Em atividade	Cinema Lux		Pça. Montese	3	Marechal Hermes
8/10/1935	Em atividade	Cinema Paratodos		Rua Arquias Cordeiro	350	Méier
1936	1942	Cine Triunfo		Estr. Monsenhor Félix	544 A	Irajá
26/9/1936	5/7/1954	Cinema Quintino		Rua Nerval de Gouveia	65	Quintino
17/2/1937	8/1/1967	Cinema Santa Cecília		Rua Itabira	87	Brás de Pina
04/1937	10/4/1947	Cinema Inhaúma		Pça. Botafogo	20	Inhaúma
07/1937	6/6/1971	Cine Jardim		Rua Paramopama	s/n	Ilha do Governador
30/11/1937	1/1/1967	Cine Teatro Brás de Pina		Rua Bento Cardoso	289	Brás de Pina
1938	1/11/1964	Cinema Rocha Miranda		Rua dos Diamantes	102	Rocha Miranda
12/9/1938	23/8/1981	Cinema Rosário		Rua Leopoldina Rego	52/56	Ramos
14/12/1938	3/9/1972	Cine Teatro Coliseu		Estr. Marechal Rangel	37	Madureira
1940	14/2/1982	Cine Vaz Lobo		Estr. Vicente de Carvalho	4 A	Vaz Lobo
1941	12/6/1983	Cine Irajá		Estr. Monsenhor Félix	454	Irajá
1941	12/12/1971	Cinema Itamar		Av. Paranapuã	251	Ilha do Governador
06/1942	8/1/1967	Cinema Santa Helena		Rua Uranos	1471	Olaria

1943	1946	Cinema Aleluia		Rua Cuba	109	Penha
31/7/1944	29/1/1984	Cine Todos os Santos		Rua Getúlio	18	Todos os Santos
10/8/1944	16/12/1984	Cinema Trindade		Av.João Ribeiro	136 A / B	Pilares
24/12/1945	31/12/1976	Cine Rydan		Av.Suburbana	7775	Abolição
12/9/1946	2/10/1980	Cine Cruzeiro		Rua Padre Januário	412	Inhaúma
1947	30/5/1954	Cineminha Bim-Bam-Bum		Rua Costa Rica	86	Penha
29/3/1947	9/8/1964	Cine Monte Castelo		Av.Suburbana	10076	Cascadura
17/11/1947	10/2/1952	Cine Tropical		Estr. Marechal Alencastro Guimarães	4211	Anchieta
1948	1959	Cineminha Bagdá		Rua Afonso Ferreira	130	Engenho de Dentro
1948	28/5/1950	Cineminha São Joaquim		Estr. Brás de Pina	1229	Brás de Pina
1949	4/2/1951	Cine Cruz e Sousa		Rua Cruz e Sousa	528	Encantado
1949	1959	Cine Tupã		Rua Américo da Rocha	s/n	Marechal Hermes
1/1/1949	22/3/1974	Cinema São Pedro		Estr. de Brás de Pina	2	Brás de Pina
4/3/1949	22/11/1964	Cinema Roulien		Rua Arquias Cordeiro	596	Méier
23/3/1949	04/1991	Cine São Geraldo		Rua Alfredo Barcelos	572	Olaria
23/3/1949	30/3/1952	Cinema Paroquial de Del Castilho		Av.Suburbana	3811	Del Castilho
24/7/1949	2/1/1966	Cine Borja Reis		Rua Borja Reis	137	Engenho de Dentro
11/9/1949	28/2/1971	Cine Real		Rua Barão do Bom Retiro	739	Engenho Novo
1950	1960	Cine Amarelinho		Rua José Domingues	s/n	Encantado
1950	15/1/1967	Cine Marabá	Cinema Cavalcanti	Rua Maria Passos	935	Cavalcanti
1950	30/8/1957	Cinema Itacambira		Rua Itacambira	116	Vila Kosmos
1950	1960	Cineminha Rio-São Paulo		Estr. Intendente Magalhães	302	Campinho
11/1/1950	14/6/1970	Cinema São Jorge		Rua Miguel Angelo	436	Maria da Graça
17/1/1950	1/1/1959	Cine Rin-Tin-Tin		Rua Junqueira Freire	351	Engenho de Dentro
19/4/1950	14/2/1960	Cine Coelho Neto		Rua Mambucaba	744	Coelho Neto
20/4/1950	14/5/1982	Cine Guarabu		Rua Sargento João Lopes	826	Ilha do Governador
1951	18/12/1963	Cine Cordovil		Rua Bulhões Marcial	55	Cordovil
1951	1960	Cine Lamar		Estr. Monsenhor Félix	573	Irajá

25/1/1951	31/5/1970	Cine Marajá		Rua Ana Neri	910	Engenho Novo
16/7/1951	16/9/1971	Cine Bandeirantes		Rua Abolição	671	Abolição
25/8/1951	1/4/1953	Cine Lins				Lins de Vasconcelos
10/11/1951	?	Cine São Jorge				Bonsucesso
17/12/1951	4/5/1980	Cinema São Francisco		Rua Conselheiro Galvão	936	Rocha Miranda
1952	23/4/1978	Cine Carmoly		Av. Brás de Pina	929	Brás de Pina
1952	1978	Cine Coimbra		Rua Pereira da Rocha	71	Ric. de Albuquerque
1952	1960	Cine Higienópolis		Av. dos Democráticos	294	Higienópolis
1952	21/1/1957	Cinema Cosmos		Rua Cosmos	45	Vila Kosmos
17/1/1952	11/1982	Cinema Santa Alice		Rua Barão do Bom Retiro	1095	Engenho Novo
27/3/1952	22/3/1970	Cine Mariana		Rua Tavares Guerra	53	Caju
26/4/1952	15/12/1974	Cine Mauá		Rua Euclides de Faria	27	Ramos
26/5/1952	31/1/1965	Cinema Belmar		Rua Pernambuco	484	Engenho de Dentro
24/7/1952	1/1/1959	Cinema Universo		Av. dos Democráticos	294	Higienópolis
8/9/1952	1/1/1967	Cinema Bonsucesso		Rua Cardoso de Moraes	96	Bonsucesso
6/10/1952	2/2/1976	Cine Cachambi		Rua Cachambi	345 A	Cachambi
9/10/1952	10/9/1972	Cine Novo Horizonte		Rua Guaçupi	s/n	Coelho Neto
1953	1960	Cine Boy		Rua Barreiros	229	Ramos
1953	21/2/1960	Cine Del Castilho		Av.Suburbana	4045 A	Del Castilho
1953	1960	Cine Nice		Rua Macapuri	108	Penha
1953	1960	Cine Roial		Rua Viuva Cláudio	455	Jacaré
1953	1959	Cine Royal		Pça. Alberto Monteiro	3	Jacaré
4/5/1953	03/1972	Cine Central		Av.Lobo Junior	1414	Penha
6/7/1953	03/1958	Cine Primavera		Av.Suburbana	3545	Del Castilho
1954	1/11/1964	Cine Colorado		Av. Min. Edgar Romero	302	Madureira
1954	2/2/1964	Cine Colégio		Estr. do Barro Vermelho	1280	Colégio
1954	1959	Cine Cosme e Damião		Rua Correa Dias	587	Vigário Geral
1954	1/2/1959	Cine Água Santa		Rua Monteiro da Luz	135	Água Santa
1954	1960	Cinema Cinco Irmãos		Rua Guilherme Frota	516	Bonsucesso

1954	1960	Cineminha Vencedor		Rua Ferreira de Andrade	526	Cachambi
4/1/1954	1/1/1961	Cinema Abolição		Av.Suburbana	7392 A	Abolição
10/2/1954	3/1/1989	Cine Guaraci		Rua Topázios	56	Rocha Miranda
21/5/1954	24/11/1985	Cinema Imperator		Rua Dias da Cruz	170	Méier
12/11/1954	24/8/1975	Cinema Leopoldina		Rua Ibiapina	41	Penha
1955	1959	Cine Imperator		Rua Comandante Coelho	572	Cordovil
11/7/1955	9/4/1978	Cine Anchieta	Cine Tropical	Estr. Marechal Alencastro Guimarães	4211	Anchieta
30/9/1955	15/8/1972	Cine Palácio Higienópolis		Rua Darke de Matos	28	Higienópolis
1956	30/9/1962	Cine Lírio São José		Rua Acapu	52	Marechal Hermes
1956	1959	Cineminha Vila Nova		Estr. do Campinho	642	Campinho
6/1/1956	Em atividade	Cine Regência		Av. Ernani Cardoso	52	Cascadura
8/3/1956	1/10/1972	Cine Mello		Estr. Vicente de Carvalho	1385	Penha
30/7/1956	30/11/1957	Cine Rei		Av. Automóvel Clube	4336 A	Tomás Coelho
3/12/1956	17/7/1966	Cinema Padre Nóbrega		Rua Padre Nóbrega	16	Piedade
9/1/1957	19/4/1959	Cine Eskyé Méier		Rua Silva Rabelo	20	Méier
19/3/1957	13/6/1982	Cine Caiçara		Rua João Vicente	1143	Oswaldo Cruz
23/12/1957	22/9/1963	Cinema São Paulo		Estr. Velha da Pavuna	?	Inhaúma
1958	1960	Cinema Paranapanema		Rua Paranapanema	?	Olaria
3/9/1958	27/2/1966	Cine São Joaquim		Av. Carolina Machado	990	Oswaldo Cruz
3/11/1958	19/12/1965	Cine Acari		Av. Automóvel Clube	4356 A	Acari
1/12/1958	1/11/1964	Cinema Muriaé		?		Higienópolis
20/4/1959	Em atividade	Cinema Art Palácio Méier	Cine Eskyé Méier	Rua Silva Rabelo	20	Méier
13/8/1959	28/3/1965	Cine Brasília		Rua Basilio da Gama	21	Abolição
12/10/1959	29/6/1980	Cinema São Lucas		Rua Cordovil	306 F	Cordovil
25/8/1960	29/10/1972	Cine Mello Bonsucesso		Av.Teixeira de Castro	10 D	Bonsucesso
16/1/1961	5/7/1981	Cinema Riachuelo	Cine Modelo	Rua 24 de Maio	437	Riachuelo
9/12/1962	20/7/1972	Cine Rio Palace		Rua Cardoso de Moraes	400	Bonsucesso
7/1/1963	16/5/1965	Cinema Jardim América		?		Jardim América

7/11/1963	16/1/1977	Cine Bruni Méier	Cine Méier	Av. Amaro Cavalcanti	105	Méier
15/6/1964	27/2/1966	Cinema São João		?		Inhaúma
23/7/1964	10/9/1972	Cine Bruni Engenho de Dentro	Cine Engenho de Dentro	Rua Adolfo Bergamini	50	Engenho de Dentro
1/9/1964	22/9/1967	Cinema Cascadura	Cine Monte Castelo	Av. Suburbana	10076	Cascadura
5/9/1964	12/1/1975	Cine Bruni Piedade	Cinema Padre Nóbrega	Rua Padre Nóbrega	16	Piedade
30/11/1964	20/7/1980	Cine Reis Anchieta		Av. Nazaré	2408	Anchieta
27/9/1965	23/4/1978	Cinema Vista Alegre		Estr. da Água Grande	972 D	Vista Alegre
5/12/1965	25/3/1973	Cine Mississipe		Estr. do Cacuia	126	Ilha do Governador
25/5/1967	Em atividade	Cinema Art Palácio Madureira		Pça. Armando Cruz	120 loja A 21	Madureira
11/1967	1/9/1968	Cine Aymoré		Rua Ipojuca	109	Penha
1960 (década)	?	Cine Engenheiro Leal		?		Engenheiro Leal
1960 (década)	?	Cine Nazaré		Rua Monsenhor Amorim	s/n	Engenho Novo
21/12/1970	Em atividade	Cine Astor		Av. Min. Edgar Romero	236	Madureira
12/2/1973	Em atividade	Cinema Madureira 2		Rua Dagmar da Fonseca	54 A	Madureira
5/7/1973	Em atividade	Cinema Madureira 1		Rua Dagmar da Fonseca	54 B	Madureira
9/9/1974	Em atividade	Cine Olaria	Cinema Santa Helena	Rua Uranos	1474	Olaria
4/9/1975	Em atividade	Ilha Auto Cine		Pça. de São Bento	s/n	Ilha do Governador
13/10/1975	13/6/1983	Cine Piedade	Cine Bruni Piedade	Rua Padre Nóbrega	16	Piedade
17/1/1977	11/1/1981	Cine Méier	Cine Bruni Méier	Av. Amaro Cavalcanti	105	Méier
21/10/1977	?	Cine Nossa Senhora do Carmo		?		Penha
15/6/1979	27/7/1980	Cine-Show Madureira		Rua Carolina Machado	542	Madureira
1/7/1981	Em atividade	Cine Bruni Méier	Cine Méier	Av. Amaro Cavalcanti	105	Méier
31/8/1981	1/3/1992	Cine Ramos	Cinema Rosário	Rua Leopoldina Rego	52	Ramos
11/6/1982	25/11/1984	Studio Ilha	Cinema Guarabu	Rua Sargento João Lopes	826	Ilha do Governador
1/2/1983	31/1/1990	Cine Bristol		Av. Min. Edgar Romero	460 loja 101	Madureira
27/9/1986	Em atividade	Cinema Madureira 3	Cinema Beija-Flor	Rua João Vicente	15/19	Madureira
19/11/1987	Em atividade	Cinema Art Palácio Madureira 2		Pça. Armando Cruz	120 loja B 48	Madureira
29/4/1989	Em atividade	Cinema Norte Shopping 1		Av. Suburbana	5474	Méier

29/4/1989	Em atividade	Cinema Norte Shopping 2		Av.Suburbana	5474	Méier
18/6/1992	Em atividade	Cinema Ilha Plaza 1		Av. Maestro Paulo e Silva	400	Ilha do Governador
18/6/1992	Em atividade	Cinema Ilha Plaza 2		Av. Maestro Paulo e Silva	400	Ilha do Governador
17/2/1995	Em atividade	Madureira Shopping 1		Estr. do Portela	222	Madureira
17/2/1995	Em atividade	Madureira Shopping 2		Estr. do Portela	222	Madureira
17/2/1995	Em atividade	Madureira Shopping 3		Estr. do Portela	222	Madureira
17/2/1995	Em atividade	Madureira Shopping 4		Estr. do Portela	222	Madureira

Fonte: Gonzaga (1996).

Anexo E: Cinemas na Barra da Tijuca

INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	NOME ATUAL	NOME ANTERIOR	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO
27/10/1981	em atividade	Cinema Barra 1		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
27/10/1981	em atividade	Cinema Barra 2		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
27/10/1981	em atividade	Cinema Barra 3		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
29/9/1984	em atividade	Cine Art Casashopping 1		Av. Ayrton Senna	2150	Barra da Tijuca
29/9/1984	em atividade	Cine Art Casashopping 2		Av. Ayrton Senna	2150	Barra da Tijuca
29/9/1984	em atividade	Cine Art Casashopping 3		Av. Ayrton Senna	2150	Barra da Tijuca
8/10/1993	em atividade	Cinema Via Parque 1		Av. Ayrton Senna	3000	Barra da Tijuca
8/10/1993	em atividade	Cinema Via Parque 2		Av. Ayrton Senna	3000	Barra da Tijuca
8/10/1993	em atividade	Cinema Via Parque 3		Av. Ayrton Senna	3000	Barra da Tijuca
8/10/1993	em atividade	Cinema Via Parque 4		Av. Ayrton Senna	3000	Barra da Tijuca
8/10/1993	em atividade	Cinema Via Parque 5		Av. Ayrton Senna	3000	Barra da Tijuca
8/10/1993	em atividade	Cinema Via Parque 6		Av. Ayrton Senna	3000	Barra da Tijuca
30/9/1994	em atividade	Cinema Art Barrashopping 1		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
30/9/1994	em atividade	Cinema Art Barrashopping 2		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
30/9/1994	em atividade	Cinema Art Barrashopping 3		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
30/9/1994	em atividade	Cinema Art Barrashopping 4		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca
30/9/1994	em atividade	Cinema Art Barrashopping 5		Av. das Américas	4666	Barra da Tijuca

Fonte: Gonzaga (1996).

Anexo F: Cinemas na Zona Oeste

INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	ÚLTIMO NOME	NOME ANTERIOR	ENDEREÇO	Nº	BAIRRO
1908	17/9/1910	Cinematógrafo Recreio de Cascadura		Estr. Real de Santa Cruz	292	Bangu
1908	1909	Teatro Casino-Clube Bangu		Rua Fonseca	57	Bangu
1910	1910	Cinema Flores	Teatro Casino-Clube Bangu	Rua Fonseca	57	Bangu
7/1/1910	17/5/1911	Cinema Santa Cruz				Santa Cruz
17/9/1910	24/8/1913	Royal Cine		Estr. Real de Santa Cruz	3074	Santa Cruz
1911	25/3/1905	Cinematógrafo		Rua Candido Benicio	?	Jacarepaguá
17/5/1911	1/1/1960	Cinema Bangu		Rua Ferrer	95	Bangu
17/5/1911	?	Cinema Campo Grande		Rua Ferreira Borges	?	Campo Grande
1912	1913	Cinema Recreio		Rua Conselheiro Junqueira	88	Realengo
10/4/1913	1/1/1923	Cinema Lux	Cinematógrafo	Rua Candido Benicio	s/n	Jacarepaguá
1914	1/10/1918	Cinema Italo-Brasil	Cinematógrafo Recreio de Cascadura	Estr. Real de Santa Cruz	292	Bangu
5/12/1915	1/1/1923	Cinema Recreio	Cinema Italo-Brasil	Estr. Real de Santa Cruz	292	Bangu
10/10/1921	1/1/1937	Cinema da Vila Militar		Av. Duque de Caxias	s/n	Realengo
1924	em atividade	Cine Santa Cruz		Rua Felipe Cardoso	28	Santa Cruz
1928	1928	Cinema Teatro Apolo		Rua Campo Grande	138	Campo Grande
1928	16/8/1981	Cinema Vitória		Estr. Real de Santa Cruz	231	Bangu
8/5/1928	21/12/1958	Cinema Moderno		Estr. do Retiro	18	Bangu
30/7/1928	1/8/1929	Cine Teatro Campo Grande		Rua Campo Grande	138	Campo Grande
1929	17/7/1966	Cine Progresso	Cine Teatro Campo Grande	Rua Campo Grande	138	Campo Grande
30/8/1929	21/9/1975	Cinema Ipiranga	Cinema Lux	Praça Barão da Taquara	s/n	Jacarepaguá
?/04/1937	25/2/1972	Cine Dois de Ouro	Cinema da Vila Militar	Av. Duque de Caxias	s/n	Realengo
1938	23/10/1994	Cine Teatro Campo Grande		Rua Campo Grande	88	Campo Grande
8/6/1938	2/4/1989	Cine Teatro Realengo		Rua Conselheiro Junqueira	46	Realengo
30/3/1940	1/5/1940	Cinema Jacarepaguá				Jacarepaguá
1949	1959	Cine Iara		Praia de Sepetiba	496 A	Sepetiba
1949	1959	Cine Sepetiba		Pedro Leitão	70	Sepetiba
1949	?	Cineminha ao Ar Livre de Jacarepaguá		Rua Candido Benicio	426	Jacarepaguá
5/5/1950	3/12/1950	Cinema Paroquial São José		Praça Dom Romualdo	11	Santa Cruz
23/10/1950	4/9/1989	Cinema Baronesa		Rua Candido Benicio	1757 B	Jacarepaguá

1951	13/6/1954	Cine Meio Metro		Estr.de Jacarepaguá	7724	Jacarepaguá
1951	21/2/1971	Cine Palácio Santa Cruz		Rua Felipe Cardoso	130	Santa Cruz
1951	1959	Cine Vila Mar de Guaratiba		Rua Barros de Alarcão	423	Pedra de Guaratiba
1951	?	Cinema Guaratiba		Travessa Desterro	14	Pedra de Guaratiba
1951	?	Cineminha São Jorge		Av. Nelson Cardoso	1228	Jacarepaguá
1/10/1953	1/5/1955	Cine Pará		Estr. Rodrigues Caldas	29	Jacarepaguá
1954	?/11/1964	Cine Santa Maria		Av. Geremário Dantas	210	Jacarepaguá
12/4/1954	5/9/1973	Cine Teatro Moça Bonita		Rua 4 C	s/n	Padre Miguel
1955	?	Cine Comari		Praça Major Vieira de Melo	16	Campo Grande
1955	31/5/1970	Cine Santa Clara		Estr. da Agua Branca	2380	Bangu
9/6/1955	7/10/1979	Cine Fátima	Cinema Paroquial São José	Praça Dom Romualdo	11	Santa Cruz
1/8/1955	27/10/1975	Cine Marajó		Estr.de Jacarepaguá	7718	Jacarepaguá
1957	?	Cine Guadalupe		Rua 5, Quadra J	16	Realengo
7/8/1959	4/9/1960	Cinema Esperança		Praça Valqueire	?	Vila Valqueire
19/11/1959	30/7/1968	Cinema Senador Camará				Senador Camará
1950	15/1/1955	Cineminha de Jacarepaguá		Rua Candido Benicio	76	Jacarepaguá
1960	31/3/1994	Cinema Cisne		Av. Geremário Dantas	1207	Jacarepaguá
3/2/1960	16/7/1972	Cinema Hermida		Rua da Feira	244	Bangu
12/8/1962	30/9/1990	Cine Palácio Santa Cruz		Rua Augusto de Vasconcelos	139	Campo Grande
6/4/1963	11/2/1990	Cine Matilde		Av. Ministro Ari Franco	109	Bangu
30/11/1964	1/6/1969	Cinema São Jorge Camará		Rua Albino de Paiva	633	Senador Camará
30/11/1964	20/3/1969	Cinema Tibiriça				Jacarepaguá
30/11/1964	23/07/1978	Cinema Taquara		Av. Nelson Cardoso	962	Jacarepaguá
26/8/1967	19/11/1980	Cinema Guadalupe		Av. Brasil	23536	Guadalupe
30/7/1968	1/1/1970	Cinema Rio Lima		Rua Olimpio Esteves	760 A	Padre Miguel
1/9/1969	31/5/1970	Cine Auditório		Rua Salustiano	551	Magalhães Bastos
?/12/1969	?/04/1970	Cinema Presidente Kennedy		Av. Etiopia	1	Vila Kennedy
1960	?	Cinema Barão		Praça Barão da Taquara	?	Jacarepaguá
1960	?	Cinema Floresta		Rua Floresta	?	Sepetiba
1/9/1971	10/10/1971	Cinema Miragem				Jacarepaguá
8/8/1977	25/8/1985	Cinema Bangu	Cinema Hermida	Rua da Feira	244	Bangu
21/8/1979	26/8/1984	Jacarepaguá Auto Cine 1		Rua Candido Benicio	2973	Jacarepaguá

21/8/1979	26/8/1984	Jacarepaguá Auto Cine 2		Rua Candido Benicio	2973	Jacarepaguá
14/1/1980	14/8/1983	Cine Pax Realengo		Rua Bernardo Vasconcelos	1638	Realengo
13/1/1983	21/12/1983	Bangu Auto Cine		Rua Francisco Real	975	Bangu
26/9/1984	?/12/1993	Jacarepaguá Auto Cine	Jacarepaguá Auto Cine 2	Rua Candido Benicio	2973	Jacarepaguá
1/4/1994	em atividade	Cine Cisne 1	Cinema Cisne	Rua Geremário Dantas	1208	Jacarepaguá
1/4/1994	em atividade	Cine Cisne 2		Rua Geremário Dantas	1208	Jacarepaguá
3/2/1995	em atividade	Star Campo Grande 1		Rua Campo Grande	880	Campo Grande
3/2/1995	em atividade	Star Campo Grande 2		Rua Campo Grande	880	Campo Grande

Fonte: Gonzaga (1996).

Anexo G: Cinemas em funcionamento em 1998

Shopping Center			
Cinema	Endereço	Número	Bairro
Art Barra Shopping 1	NI	NI	NI
Art Barra Shopping 2	NI	NI	NI
Art Barra Shopping 3	NI	NI	NI
Art Barra Shopping 4	NI	NI	NI
Art Barra Shopping 5	NI	NI	NI
Art Fashion Mall 1	NI	NI	NI
Art Fashion Mall 2	NI	NI	NI
Art Fashion Mall 3	NI	NI	NI
Art Fashion Mall 4	NI	NI	NI
Art Norte Shopping 1	NI	NI	NI
Art Norte Shopping 2	NI	NI	NI
Art West Shopping 1	NI	NI	NI
Art West Shopping 2	NI	NI	NI
Barra 1	NI	NI	NI
Barra 2	NI	NI	NI
Barra 3	NI	NI	NI
Barra 4	NI	NI	NI
Barra 5	NI	NI	NI
Barra Point 1	NI	NI	NI
Barra Point 2	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 1	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 2	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 3	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 4	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 5	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 6	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 7	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 8	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 9	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 10	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 11	NI	NI	NI
Cinemark Downtown 12	NI	NI	NI
Iguatemi 1	NI	NI	NI
Iguatemi 2	NI	NI	NI
Iguatemi 3	NI	NI	NI
Iguatemi 4	NI	NI	NI
Iguatemi 5	NI	NI	NI
Iguatemi 6	NI	NI	NI
Iguatemi 7	NI	NI	NI
Ilha Plaza 1	NI	NI	NI
Ilha Plaza 2	NI	NI	NI

Madureira Shopping 1	NI	NI	NI
Madureira Shopping 2	NI	NI	NI
Madureira Shopping 3	NI	NI	NI
Norte Shopping 1	NI	NI	NI
Norte Shopping 2	NI	NI	NI
Nova América 1	NI	NI	NI
Nova América 2	NI	NI	NI
Nova América 3	NI	NI	NI
Nova América 4	NI	NI	NI
Recreio Shopping 1	NI	NI	NI
Recreio Shopping 2	NI	NI	NI
Recreio Shopping 3	NI	NI	NI
Recreio Shopping 4	NI	NI	NI
Rio Off Price 1	NI	NI	NI
Rio Off Price 2	NI	NI	NI
Rio Sul 1	NI	NI	NI
Rio Sul 2	NI	NI	NI
Rio Sul 3	NI	NI	NI
Rio Sul 4	NI	NI	NI
Shopping Tijuca 1	NI	NI	NI
Shopping Tijuca 2	NI	NI	NI
Shopping Tijuca 3	NI	NI	NI
Star Rio Shopping 1	NI	NI	NI
Star Rio Shopping 2	NI	NI	NI
Star Rio Shopping 3	NI	NI	NI
Via Parque 1	NI	NI	NI
Via Parque 2	NI	NI	NI
Via Parque 3	NI	NI	NI
Via Parque 4	NI	NI	NI
Via Parque 5	NI	NI	NI
Via Parque 6	NI	NI	NI
Nos bairros - Ipanema/Leblon			
Candido Mendes	Rua Joana Angélica	63	Ipanema
Laura Alvim 1	Rua Vieira Souto	176	Ipanema
Laura Alvim 2	Rua Vieira Souto	176	Ipanema
Leblon 1	Rua Ataulfo de Paiva	391	Leblon
Leblon 2	Rua Ataulfo de Paiva	391	Leblon
Star Ipanema	Rua Visconde de Pirajá	371	Ipanema
Nos bairros - Copacabana			
Art Copacabana	Av. Nossa Senhora Copacabana	759	Copacabana
Copacabana	Av. Nossa Senhora Copacabana	801	Copacabana
Estação Cinema 1	Av. Prado Junior	281	Copacabana
Novo Joia	Av. Nossa Senhora Copacabana	680	Copacabana
Roxy 1	Av. Nossa Senhora Copacabana	945	Copacabana
Roxy 2	Av. Nossa Senhora Copacabana	945	Copacabana

Roxy 3	Av. Nossa Senhora Copacabana	945	Copacabana
Nos bairros - Botafogo/Flamengo/Catete			
Espaço Unibanco de Cinema 1	Rua Voluntários da Pátria	35	Botafogo
Espaço Unibanco de Cinema 2	Rua Voluntários da Pátria	35	Botafogo
Espaço Unibanco de Cinema 3	Rua Voluntários da Pátria	35	Botafogo
Estação Botafogo 1	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
Estação Botafogo 2	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
Estação Botafogo 3	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
Estação Museu da República	NI	NI	Catete
Estação Paissandu	Rua Senador Vergueiro	35	Flamengo
Largo do Machado	Largo do Machado	29	Catete
São Luiz 1	Rua do Catete	311	Catete
São Luiz 2	Rua do Catete	311	Catete
Nos bairros - Tijuca			
Art Tijuca	Rua Conde de Bonfim	406	Tijuca
Carioca	Rua Conde de Bonfim	337	Tijuca
Tijuca 1	Rua Conde de Bonfim	422	Tijuca
Tijuca 2	Rua Conde de Bonfim	422	Tijuca
Nos bairros - Zona Norte			
Art Méier	Rua Silva Rabelo	20	Méier
Madureira 1	Rua Dagmar da Fonseca	54	Madureira
Madureira 2	Rua Dagmar da Fonseca	54	Madureira
Star Market Center Guadalupe 1	Av. Brasil	150/151	Guadalupe
Star Market Center Guadalupe 2	Av. Brasil	150/151	Guadalupe
Nos bairros - Zona Oeste			
Star Campo Grande 1	Rua Campo Grande	880	Campo Grande
Star Campo Grande 2	Rua Campo Grande	880	Campo Grande
Nos bairros - Centro			
Centro Cultural Bando do Brasil	Rua 1º de Março	66	Centro
Cinemateca do MAM	Rua Infante Don Henrique	85	Centro
Estação Paço	Praça Quinze	48	Centro
Odeon	Praça Mahatma Gandhi	2	Centro
Palácio 1	Rua do Passeio	40	Centro
Palácio 2	Rua do Passeio	40	Centro

Fonte: O Globo, Segundo Caderno, 30/08/1998, p. 08.

Anexo H: Cinemas em funcionamento em 2014

Nos bairros - Zona Sul			
Cinema	Endereço	Número	Bairro
Candido Mendes	Rua Joana Angélica	63	Ipanema
Cine Joia	Av. Nossa Senhora Copacabana	680	Copacabana
Cine Museu da República	Rua do Catete	153	Catete
Cine Star Special Laura Alvim 1	Av. Vieira Souto	176	Ipanema
Cine Star Special Laura Alvim 2	Av. Vieira Souto	176	Ipanema
Cine Star Special Laura Alvim 3	Av. Vieira Souto	176	Ipanema
Cinemark Botafogo 1	Praia de Botafogo	400	Botafogo
Cinemark Botafogo 2	Praia de Botafogo	400	Botafogo
Cinemark Botafogo 3	Praia de Botafogo	400	Botafogo
Cinemark Botafogo 4	Praia de Botafogo	400	Botafogo
Cinemark Botafogo 5	Praia de Botafogo	400	Botafogo
Cinemark Botafogo 6	Praia de Botafogo	400	Botafogo
Cinépolis Lagoon 1	Av. Borges de Medeiros	1424	Lagoa
Cinépolis Lagoon 2	Av. Borges de Medeiros	1424	Lagoa
Cinépolis Lagoon 3	Av. Borges de Medeiros	1424	Lagoa
Cinépolis Lagoon 4	Av. Borges de Medeiros	1424	Lagoa
Cinépolis Lagoon 5	Av. Borges de Medeiros	1424	Lagoa
Cinépolis Lagoon 6	Av. Borges de Medeiros	1424	Lagoa
Espaço Itaú de Cinema 1	Praia de Botafogo	316	Botafogo
Espaço Itaú de Cinema 2	Praia de Botafogo	316	Botafogo
Espaço Itaú de Cinema 3	Praia de Botafogo	316	Botafogo
Espaço Itaú de Cinema 4	Praia de Botafogo	316	Botafogo
Espaço Itaú de Cinema 5	Praia de Botafogo	316	Botafogo
Espaço Itaú de Cinema 6	Praia de Botafogo	316	Botafogo
Estação Net Botafogo 1	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
Estação Net Botafogo 2	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
Estação Net Botafogo 3	Rua Voluntários da Pátria	88	Botafogo
Estação Net Ipanema 1	Rua Visconde de Pirajá	605	Ipanema
Estação Net Ipanema 2	Rua Visconde de Pirajá	605	Ipanema
Estação Net Rio 1	Rua Voluntários da Pátria	35	Botafogo
Estação Net Rio 2	Rua Voluntários da Pátria	35	Botafogo
Estação Net Rio 3	Rua Voluntários da Pátria	35	Botafogo
Instituto Moreira Salles	Rua Marques de São Vicente	476	Gávea
Kinoplex Fashion Mall 1	Estrada da Gávea	899	São Conrado
Kinoplex Fashion Mall 2	Estrada da Gávea	899	São Conrado
Kinoplex Fashion Mall 3	Estrada da Gávea	899	São Conrado
Kinoplex Fashion Mall 4	Estrada da Gávea	899	São Conrado
Kinoplex Leblon 1	Av. Afranio de Melo Franco	290	Leblon
Kinoplex Leblon 2	Av. Afranio de Melo Franco	290	Leblon
Kinoplex Leblon 3	Av. Afranio de Melo Franco	290	Leblon
Kinoplex Leblon 4	Av. Afranio de Melo Franco	290	Leblon

Kinoplex São Luiz 1	Rua do Catete	311	Flamengo
Kinoplex São Luiz 2	Rua do Catete	311	Flamengo
Kinoplex São Luiz 3	Rua do Catete	311	Flamengo
Kinoplex São Luiz 4	Rua do Catete	311	Flamengo
Leblon 1	Av. Ataulfo de Paiva	391	Leblon
Leblon 2	Av. Ataulfo de Paiva	391	Leblon
Rio Sul 1	Rua Lauro Muller	116	Botafogo
Rio Sul 2	Rua Lauro Muller	116	Botafogo
Rio Sul 3	Rua Lauro Muller	116	Botafogo
Rio Sul 4	Rua Lauro Muller	116	Botafogo
Roxy 1	Av. Nossa Senhora Copacabana	945	Copacabana
Roxy 2	Av. Nossa Senhora Copacabana	945	Copacabana
Roxy 3	Av. Nossa Senhora Copacabana	945	Copacabana
Nos bairros - Barra/Recreio			
Cinemark Downtown 1	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 2	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 3	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 4	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 5	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 6	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 7	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 8	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 9	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 10	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Downtown 11	Av. das Américas	500	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 1	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 2	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 3	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 4	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 5	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 6	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Metropolitano 7	Av. Abelardo Bueno	1300	Barra da Tijuca
Cinemark Village Mall 1	Av. das Américas	NI	Barra da Tijuca
Cinemark Village Mall 2	Av. das Américas	NI	Barra da Tijuca
Cinemark Village Mall 3	Av. das Américas	NI	Barra da Tijuca
Cinemark Village Mall 4	Av. das Américas	NI	Barra da Tijuca
Cinesystem Recreio Shopping 1	Av. das Américas	19019	Recreio dos Bandeirantes
Cinesystem Recreio Shopping 2	Av. das Américas	19019	Recreio dos Bandeirantes
Cinesystem Recreio Shopping 3	Av. das Américas	19019	Recreio dos Bandeirantes
Cinesystem Recreio Shopping 4	Av. das Américas	19019	Recreio dos Bandeirantes
Cinesystem Recreio Shopping 5	Av. das Américas	19019	Recreio dos Bandeirantes
Espaço Rio Design 1	Av. das Américas	7777	Barra da Tijuca
Espaço Rio Design 2	Av. das Américas	7777	Barra da Tijuca
Espaço Rio Design Vip	Av. das Américas	7777	Barra da Tijuca
Estação Net Barra Point 1	Av. Armando Lombardi	350	Barra da Tijuca

Estação Net Barra Point 2	Av. Armando Lombardi	350	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 1	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 2	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 3	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 4	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 5	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 6	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 7	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 8	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 9	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 10	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 11	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 12	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 13	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 14	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 15	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 16	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 17	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
UCI New York City Center 18	Av. das Américas	5000	Barra da Tijuca
Nos bairros - Zona Norte			
Cine Teatro Eduardo Coutinho	Av. Dom Helder Camara	1184	Manguinhos
Cine Carioca Meier 1	Rua Dias da Cruz	NI	Méier
Cine Carioca Meier 2	Rua Dias da Cruz	NI	Méier
Cine Carioca Meier 3	Rua Dias da Cruz	NI	Méier
Cine Carioca Nova Brasília	Rua Nova Brasília	s/n	Bonsucesso
Cinemark Carioca 1	Av. Vicente de Carvalho	909	Vicente de Carvalho
Cinemark Carioca 2	Av. Vicente de Carvalho	909	Vicente de Carvalho
Cinemark Carioca 3	Av. Vicente de Carvalho	909	Vicente de Carvalho
Cinemark Carioca 4	Av. Vicente de Carvalho	909	Vicente de Carvalho
Cinemark Carioca 5	Av. Vicente de Carvalho	909	Vicente de Carvalho
Cinemark Carioca 6	Av. Vicente de Carvalho	909	Vicente de Carvalho
Cinesystem Via Brasil Shopping 1	Rua Itapera	500	Vista Alegre
Cinesystem Via Brasil Shopping 2	Rua Itapera	500	Vista Alegre
Cinesystem Via Brasil Shopping 3	Rua Itapera	500	Vista Alegre
Cinesystem Via Brasil Shopping 4	Rua Itapera	500	Vista Alegre
Cinesystem Via Brasil Shopping 5	Rua Itapera	500	Vista Alegre
Cinesystem Via Brasil Shopping 6	Rua Itapera	500	Vista Alegre
Kinoplex Boulevard Rio 1	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Boulevard Rio 2	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Boulevard Rio 3	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Boulevard Rio 4	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Boulevard Rio 5	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Boulevard Rio 6	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Boulevard Rio 7	Rua Barão de São Francisco	236	Vila Isabel
Kinoplex Madureira 1	Estrada do Portela	222	Madureira

Kinoplex Madureira 2	Estrada do Portela	222	Madureira
Kinoplex Madureira 3	Estrada do Portela	222	Madureira
Kinoplex Madureira 4	Estrada do Portela	222	Madureira
Kinoplex Madureira 5	Estrada do Portela	222	Madureira
Kinoplex Nova América 1	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Nova América 2	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Nova América 3	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Nova América 4	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Nova América 5	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Nova América 6	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Nova América 7	Av. Martin Luther King Jr.	126	Del Castilho
Kinoplex Shopping Tijuca 1	Av. Maracanã	987	Tijuca
Kinoplex Shopping Tijuca 2	Av. Maracanã	987	Tijuca
Kinoplex Shopping Tijuca 3	Av. Maracanã	987	Tijuca
Kinoplex Shopping Tijuca 4	Av. Maracanã	987	Tijuca
Kinoplex Shopping Tijuca 5	Av. Maracanã	987	Tijuca
Kinoplex Shopping Tijuca 6	Av. Maracanã	987	Tijuca
Multiplex Jardim Guadalupe 1	Av. Brasil	22155	Guadalupe
Multiplex Jardim Guadalupe 2	Av. Brasil	22155	Guadalupe
Multiplex Jardim Guadalupe 3	Av. Brasil	22155	Guadalupe
Multiplex Jardim Guadalupe 4	Av. Brasil	22155	Guadalupe
Multiplex Jardim Guadalupe 5	Av. Brasil	22155	Guadalupe
Ponto Cine	Estrada do Camboatá	2300	Guadalupe
UCI Kinoplex 1	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 2	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 3	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 4	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 5	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 6	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 7	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 8	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 9	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
UCI Kinoplex 10	Av. Dom Helder Camara	5474	Cachambi
Nos bairros - Centro			
Cine Santa	Rua Paschoal Carlos Magno	136	Santa Tereza
Nos bairros - Ilha do Governador			
Cinesystem Ilha Plaza 1	Av. Maestro Paulo e Silva	400	Ilha do Governador
Cinesystem Ilha Plaza 2	Av. Maestro Paulo e Silva	400	Ilha do Governador
Cinesystem Ilha Plaza 3	Av. Maestro Paulo e Silva	400	Ilha do Governador
Cinesystem Ilha Plaza 4	Av. Maestro Paulo e Silva	400	Ilha do Governador
Nos bairros - Zona Oeste			
Cine 10 Sulacap 1	Av. Marechal Fontenelle	3555	Jardim Sulacap
Cine 10 Sulacap 2	Av. Marechal Fontenelle	3555	Jardim Sulacap
Cine 10 Sulacap 3	Av. Marechal Fontenelle	3555	Jardim Sulacap
Cine 10 Sulacap 4	Av. Marechal Fontenelle	3555	Jardim Sulacap

Cine 10 Sulacap 5	Av. Marechal Fontenelle	3555	Jardim Sulacap
Cine 10 Sulacap 6	Av. Marechal Fontenelle	3555	Jardim Sulacap
Cinesystem Bangu Shopping 1	Rua Fonseca	NI	Bangu
Cinesystem Bangu Shopping 2	Rua Fonseca	NI	Bangu
Cinesystem Bangu Shopping 3	Rua Fonseca	NI	Bangu
Cinesystem Bangu Shopping 4	Rua Fonseca	NI	Bangu
Cinesystem Bangu Shopping 5	Rua Fonseca	NI	Bangu
Cinesystem Bangu Shopping 6	Rua Fonseca	NI	Bangu
Kinoplex West Shopping 1	Estrada do Mendanha	550	Campo Grande
Kinoplex West Shopping 2	Estrada do Mendanha	550	Campo Grande
Kinoplex West Shopping 3	Estrada do Mendanha	550	Campo Grande
Kinoplex West Shopping 4	Estrada do Mendanha	550	Campo Grande
Kinoplex West Shopping 5	Estrada do Mendanha	550	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 1	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 2	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 3	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 4	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 5	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 6	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande
UCI Park Shopping Campo Grande 7	Estrada do Monteiro	1200	Campo Grande

Fonte: O Globo, Segundo Caderno, 29/11/2014, p. 05.